



Fundação
Joaquim
Nabuco



**Universidade Federal Rural de Pernambuco
Fundação Joaquim Nabuco
Programa de Pós Graduação em Educação, Culturas e Identidades**

WANDEGREICE SANTANA CORDEIRO

**INTERNET E PRÁTICAS SOCIAIS: IDENTIDADES E “VOZES SURDAS” EM
COMUNIDADES VIRTUAIS**

**RECIFE
2017**

WANDEGREICE SANTANA CORDEIRO

**INTERNET E PRÁTICAS SOCIAIS: IDENTIDADES E “VOZES SURDAS” EM
COMUNIDADES VIRTUAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Culturas e Identidades, da Universidade Federal Rural de Pernambuco e a Fundação Joaquim Nabuco como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação, Culturas e Identidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Flavia Mendes de Andrade e Peres

**Recife
2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

C794i Cordeiro, Wandegreice Santana
Internet e práticas sociais: identidades e “vozes surdas” em
comunidades virtuais / Wandegreice Santana Cordeiro. – 2017.
137 f. : il.

Orientadora: Flavia Mendes de Andrade e Peres.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de
Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e
Identidades, Recife, 2017.

Inclui referências e apêndice(s).

1. Surdos 2. Práticas sociais 3. Redes sociais 4. Dialogismo
5. Identidade I. Peres, Flavia Mendes de Andrade e, orient. II. Título

CDD 370

WANDEGREICE SANTANA CORDEIRO

**INTERNET E PRÁTICAS SOCIAIS: IDENTIDADES E “VOZES SURDAS” EM
COMUNIDADES VIRTUAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Culturas e Identidades, da Universidade Federal Rural de Pernambuco e a Fundação Joaquim Nabuco como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação, Culturas e Identidades.

Aprovado em 27.03.2017

Prof.^a Dr.^a Flavia Mendes de Andrade e Peres – Universidade Federal Rural de Pernambuco - Presidente (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Ivanda Maria Martins Silva - Universidade Federal Rural de Pernambuco - Examinadora Externa

Prof.^a Dr.^a Patrícia Maria Uchôa Simões – Fundação Joaquim Nabuco - Examinadora Interna

Aos surdos unilaterais, bilaterais e implantados.

AGRADECIMENTOS

A feitura desta dissertação foi possível pelas felizes colaborações de cunho pessoal e espiritual, que me auxiliaram durante a caminhada. Agradeço, inicialmente, as forças espirituais que me guiaram e ampararam ao longo desta vida. Agradeço, desmedidamente, a Flavia Mendes de Andrade e Peres, pela orientação atenciosa, pelo diálogo e pela amizade construída. Aos professores do mestrado, pelas aulas construtivas, pelas conversas e pela inspiração. Agradeço imensamente a banca composta por Patrícia Simões e Ivanda Martins por instigar a reflexão e problematização de pontos importantes desse trabalho. A UFRPE e Fundaj, em especial, aos funcionários da Secretaria do PPGEI, pela atenção e disponibilidade. As queridas amigas Carol, Jardiene, Thais, Karina e Vanessa, pela cumplicidade, pela presença constante e pelas palavras de apoio. Aos meus familiares pelo incentivo, pelo colo e pelos momentos energizantes de afeto – Luiz, Nana, Edneide e Wandecolk.

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a analisar práticas sociais de surdos e daqueles que carregam as vozes sociais dos surdos, no ambiente virtual da internet, especificamente em redes sociais. O objetivo foi compreender regularidades nessas práticas que podem potencializar ou limitar o jogo de vozes que lutam socialmente pela inclusão e reconhecimento das identidades surdas. Para tanto, alguns conceitos centrais são aprofundados ao longo da pesquisa: práticas sociais; redes sociais; discurso; dialogismo; identidades. Esses são os eixos norteadores em torno dos quais conduzimos a discussão. Sustentamos como ponto congruente a perspectiva histórico cultural, da escola de Vigotski (1998; 2000; 2005) e Bahktin (1994; 2004) que considera as raízes sociais, culturais e políticas do indivíduo enquanto sujeito de ação. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, cuja metodologia realizou-se através de etnografia virtual, com observação participante em grupos de uma rede social na internet, os quais abordam temáticas relacionadas à surdez. Através da análise dialógica do discurso, foi possível verificar as tensões e os movimentos existentes entre vozes nos enunciados, em postagens e comentários, para compreensão de possíveis regularidades discursivas que favorecem/desfavorecem práticas inclusivas à pessoa surda e sua identidade. Concluímos que não há uma centralidade cultural surda, pois os discursos apontam e manifestam uma heterogeneidade identitária carregada de vozes sociais.

PALAVRAS- CHAVE: Surdos. Práticas Sociais. Redes Sociais. Dialogismo. Identidade.

RESUMEN

Esa pesquisa se propone a analizar prácticas sociales de sordos y de aquellos que llevan las voces sociales de los sordos, en el ambiente virtual de la internet, específicamente en redes sociales. El objetivo fue comprender regularidades en esas prácticas que pueden potencializar o limitar el juego de voces que luchan socialmente por la inclusión y reconocimiento de identidades sordas. Para tanto, algunos conceptos centrales son profundizados al ancho de la pesquisa: prácticas sociales; redes sociales; discurso; dialogismo; identidades. Esos son los ejes rectores acerca de los cuales conducimos la discusión. Sustentamos como punto congruente la perspectiva histórico cultural, de la escuela de Vigotski (1998; 2000; 2005) e Bahktin (1994; 2004), que considera las raíces sociales, culturales e políticas del individuo en cuanto sujeto de la acción. Es una pesquisa de naturaleza cualitativa, cuya metodología fue realizada a través de etnografía virtual, con observación participante en grupos de una red social en la internet, los cuales abordan temáticas relacionadas a la sordera. A través de la análisis dialógica del discurso, fue posible verificar las tensiones e los movimientos existentes entre voces en los enunciados, en mensajes e comentarios, para comprensión de posibles regularidades discursivas que favorecen/desfavorecen prácticas inclusivas a la persona sorda e su identidad. Llegamos a la conclusión de que no existe una centralidad cultural de los sordos, porque el discurso apunta una heterogeneidad cargada de identidad de voces sociales.

PALABRAS- CLAVE: Sordos. Prácticas Sociales. Redes Sociales. Dialogismo. Identidad.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Página de cadastro do Site Facebook.	72
Figura 2 - Interface do Site Facebook.	72
Figura 3 - Caixa de postagens do perfil.....	73
Figura 4 - Postagem no Facebook	74
Figura 5 - Reações, comentários e compartilhamentos da postagem.....	74
Figura 6: As diferentes reações.....	75
Figura 7 - Visualização da <i>Fan Page</i> 1.	77
Figura 8 - Foto de capa da <i>Fan Page</i> 1.....	78
Figura 9 - Visualização da <i>Fan page</i> 2.....	79
Figura 10 - Visualização da <i>Fan Page</i> 3.	81
Figura 11 - Visualização do Grupo 1.	82
Figura 12 - Visualização do Grupo 2.	83
Figura 13 - Atualização da moderadora da <i>Fan page</i> 2.	85
Figura 14 - Postagem sobre o Setembro Azul na <i>Fan Page</i> 1.	86
Figura 15 - Postagem do Grupo 1.....	90
Figura 16 - Reações acerca do Post – Exemplo 1.	91
Figura 17 - Comentários sobre o Post - Exemplo 1.....	91
Figura 18 - Postagem do Grupo 1 (Post – Exemplo 2).....	92
Figura 19 - Comentário (Post - Exemplo 2).....	93
Figura 20 - Postagem Grupo 1 (Post- Exemplo 3)	94
Figura 21 - Postagem da <i>Fan Page</i> 1 (Post - Exemplo 4).....	96
Figura 22 - Comentário (Post - Exemplo 4).....	97
Figura 23 - Postagem da <i>Fan Page</i> 1 (Post - Exemplo 5).....	98
Figura 24 - Reações (Post - Exemplo 5)	99
Figura 25 - Comentário 1 (Post - Exemplo 5).....	99
Figura 26 - Comentário 2 (Post - Exemplo 5).....	100
Figura 27 - Comentário 3 (Post - Exemplo 5).....	101
Figura 28 - Comentário 4 (Post - Exemplo 5).....	101
Figura 29 - Comentário 5 (Post - Exemplo 5).....	102
Figura 30 - Comentário 6 (Post - Exemplo 5).....	102
Figura 31 - Comentário 7 (Post - Exemplo 5).....	103
Figura 32 - Comentário 8 (Post - Exemplo 5).....	103

Figura 33 - Comentário 9 (Post - Exemplo 5)	104
Figura 34 - Comentário 10 (Post - Exemplo 5)	105
Figura 35 - Comentário 11 (Post - Exemplo 5)	105
Figura 36 - Comentário 12 (Post - Exemplo 5)	107
Figura 37 - Postagem (Post - Exemplo 6)	108
Figura 38 - Comentário (Post - Exemplo 6)	109
Figura 39 – Postagem 1 (Post - Exemplo 7).....	111
Figura 40 - Postagem 2 (Post - Exemplo 7)	112
Figura 41 - Postagem 3 (Post - Exemplo 7)	113
Figura 42 - Postagem 4 (Post - Exemplo 7)	114
Figura 43 - Postagem (Post - Exemplo 8)	115
Figura 44 - Postagem 2 (Post - Exemplo 8)	116
Figura 45 - Postagem 3 (Post - Exemplo 8)	116
Figura 46 - Postagem 1 (Post - Exemplo 10)	118
Figura 47 - Postagem 2 (Post - Exemplo 10)	119
Figura 48 - Postagem 3 (Post - Exemplo 10)	120
Figura 49 - Postagem 4 (Post - Exemplo 10)	120
Figura 50 - Postagem 5 (Post - Exemplo 10)	121
Figura 51 - Postagem 6 (Post - Exemplo 10)	122

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – O “SER SURDO” EM UM MUNDO OUVINTE	21
1.1 A surdez e suas especificidades: as dimensões que envolvem o sujeito surdo	21
1.2 As particularidades do que é diferente	26
CAPÍTULO II – PRÁTICAS E INTERAÇÕES SOCIAIS	34
2.1 Identidades, práticas e interações sociais	34
2.2 Língua (gem).....	41
2.3 Dialogismo e Polifonia.....	46
2.4 Que discurso é esse?	51
2.4.1 Análise Dialógica do Discurso.....	54
CAPÍTULO III – SURDEZ E INTERNET	56
3.1 Internet e Participação social.....	56
3.2 As Redes Sociais e os Surdos.....	61
CAPÍTULO IV – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	64
4.1 Desenho metodológico	64
4.2 Sujeitos e Contexto.....	66
4.3 Construção dos dados	67
4.4 Considerações éticas da pesquisa	68
CAPÍTULO V - ANÁLISES E RESULTADOS	71
5.1 Escolha e Imersão.....	71
5.2 Contato com os Moderadores das Comunidades.....	84
5.3 Postagens e Comentários	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS.....	127

INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda questões sobre práticas sociais de surdos e outros autores que “carregam” as vozes dos surdos no ambiente virtual da internet, especificamente em redes sociais. Objetiva-se entender de que forma essas práticas podem potencializar ou limitar o jogo de vozes que lutam por inclusão e reconhecimento de suas identidades. Para tanto, alguns elementos centrais necessitam de aprofundamento conceitual ao longo da pesquisa: práticas sociais; redes sociais; dialogismo; identidade. Esses são os eixos norteadores em torno dos quais conduziremos a discussão, pois acreditamos que um dos caminhos para estudar e analisar as tensões e os movimentos existentes entre as vozes pode ser feito através do dialogismo (BAKHTIN, 2004).

Sustentamos como ponto congruente a perspectiva histórico cultural, de Lev Vigotski (1998), que considera as raízes sociais, culturais e políticas do indivíduo enquanto sujeito de ação. Convergente com essa visão de sujeito, Nibert Elias (1994) também pôde lançar luz à pesquisa, por meio de suas ideias sobre o sujeito essencialmente social.

A partir de um levantamento bibliográfico, pudemos verificar um panorama global sobre as principais pesquisas e alguns importantes estudos existentes na área da surdez. Para tal levantamento, foram utilizadas palavras chaves em blocos de pesquisas, quais sejam: surdo, internet, práticas sociais; surdo, web, interação; surdo, redes sociais, discursos; surdo, identidade, internet. Para o levantamento da literatura internacional fizemos a mesma estratégia de busca, conseguinte: deaf, Internet, social practices; deaf, web, interaction; deaf, social networks, speeches; deaf, identity, internet. Esses agrupamentos de termos parecem conduzir a uma visão geral sobre muitos dos estudos relacionados à pesquisa. Para obter tais informações, as bases de dados utilizadas para reuni-las foram os portais: *Google Acadêmico*, *Scielo*, *Bireme* e *Periódico Capes*. As escolhas dessas bases de dados deram-se pela gama muito rica e diversificada de produções acadêmicas, assim como a fácil acessibilidade e constante atualização dos conteúdos publicados nas mesmas.

Ao lançar as combinações de palavras, percebemos que estudos anteriores (de 1993 até 2011), em sua maioria, comprometeram-se em destacar

temas sobre educação de surdos e, muitas vezes, realizar uma comparação entre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua portuguesa (LP), tornando-se temas bastante recorrentes, como vemos em Fagundes (1993), Guedes, Bona e Lopes (2005), Kober e Basbaum (2009), Baqueta e Boscaroli (2011). Todos trazem o tema educação de surdos numa perspectiva bilíngue, focando especialmente num estudo comparativo entre as duas línguas. Em Fagundes (1993), o foco maior do estudo diz respeito à questão cognitiva e suas relações com os aspectos linguísticos da surdez, sem considerar aspectos culturais acerca do surdo.

No entanto, a partir da triagem realizada nesse levantamento, concluímos que, nos últimos dez anos (de 2006 a 2016), houve uma maior produção de pesquisas científicas voltadas para a identidade surda e a internet. Garcéz (2006) traz em seu artigo intitulado “Entre o silêncio e a visibilidade: o Orkut como espaço de luta por reconhecimento do movimento social dos surdos”, a proposta de analisar os fóruns existentes numa rede social e verificar como se dá o processo de luta por reconhecimento da identidade surda. Vemos também uma discussão sobre a identidade surda e as redes sociais virtuais. Porém, o que se percebe em alguns trabalhos, como os de Montardo (2010) e Bittencourt (2011), é certa ausência de protagonismo surdo, pois é dado um grande destaque à rede social e à internet, mas a figura do surdo como sujeito da pesquisa é deixada como coadjuvante.

Outro ponto que vale frisar diz respeito aos métodos de análises utilizados nas pesquisas, pois partimos de uma perspectiva de sujeito constituído linguisticamente, logo para estudar identidade, seja ela surda ou ouvinte, necessariamente falamos de discursos, termo este que, ao surgir nas análises, são tratados de maneira simplória, constatamos essa afirmação em Chaveiro e Barbosa (2004). Observamos que as pesquisas se propõem a utilizar métodos de análises em estreitos limites, ou seja, se restringem a analisar pequenas partes dos processos em detrimento do todo, conforme lemos em Fernandes (2006). Há também uma recorrência no uso de análise qualitativa comparativa, entre surdos e ouvintes. Acerca disso, consideramos uma visão colonizadora por parte do pesquisador, uma vez que defendemos a visão de indivíduo enquanto sujeito constituído de singularidades.

Um artigo em especial merece maior detalhamento para nossos estudos, uma vez que há uma congruência metodológica com nossa pesquisa: “Youtube e surdez: análise de discursos de surdos no ambiente virtual”, de Festa (2013). Ela traz como proposta uma análise de discursos surdos através de entrevistas e vídeos do site Youtube. Entre os trabalhos encontrados neste levantamento, este parece ser o que mais se aproxima da perspectiva dialógica, por trazer a análise do discurso para o “falar surdo” à luz de Bakhtin (1994; 2004). Em relação à metodologia, Festa (2013) afirma que fez uso da análise de discurso, com base na perspectiva bakhtiniana, embora não explicita um detalhamento sobre método de análise em si. Tendo em vista que a proposta de Festa (2013) é analisar os “discursos surdos”, trazendo a figura surda como protagonista principal de seu estudo, confirma-se sua contribuição para os Estudos Surdos e as relações com o que tentamos alcançar em nosso trabalho.

Entre os trabalhos realizados no Brasil, em sua maioria, percebemos uma ênfase aos estudos sobre linguagem e desenvolvimento cognitivo do surdo na cultura digital, enquanto nos trabalhos em outras línguas, o inglês, por exemplo, as pesquisas direcionam-se a partir de uma abordagem mais tecnológica. Um aspecto observado diz respeito às pesquisas e suas metodologias descritas, pois essas não trazem uma análise cultural dos surdos, colaboradores da pesquisa, isso ficou evidente em Hilzensauer (2006), Ohene-Djan (2004), Power (2005).

Tendo em vista todos os pontos destacados nesse levantamento, compreendemos que o tema identidade e cultura surda é um campo amplo e aberto a novas pesquisas, uma vez que a temática é relevante aos estudos contemporâneos nas pesquisas sociais com surdos.

Diante do estado da arte em que se encontram os estudos que convergem com a presente temática, e considerando que a proposta deste trabalho é entender como as práticas sociais de surdos, em redes sociais na internet, podem potencializar ou limitar o jogo de vozes que lutam socialmente pela inclusão e reconhecimento de suas identidades, faz-se necessário aprofundarmos algumas dimensões conceituais.

Primeiramente, para compreender como as práticas sociais de surdos se organizam nas redes sociais, faz-se importante estabelecer o conceito de práticas sociais. Segundo Souza (2011, p. 213), “as práticas sociais são vistas

como construções dos atores sociais em seus contextos de interação”, ou seja, toda e qualquer ação que o indivíduo pratique em suas vivências terão como resultado construções sociais. “A interação social é o ambiente no qual se estabelecem as práticas sociais que configuram a cultura” (SOUZA 2011, p. 216). A discussão sobre práticas sociais será aprofundada no capítulo 2, quando destacaremos o potencial educacional na contemporaneidade, uma vez que os sujeitos vivenciam processos de aprendizagem em contextos digitais carregados de sentido, que se refletem em sua identidade

Com uma visão congruente com a abordagem histórico-cultural assumida neste trabalho, Lave e Wenger (2002) afirmam que a teoria da prática social envolve relação entre sujeitos, confirmando a visão vigotskiana de que o indivíduo se constitui a partir do social. A prática social abrange atividades e ações que serão extremamente importantes para a constituição do conhecimento, envolvendo assim dois fatores fundantes na constituição do indivíduo, o pensamento e a linguagem. Essa abordagem para o conceito de práticas sociais legitima a importância de uma pesquisa sobre surdos e suas ações na internet, pois acreditamos que através da interação o indivíduo pode construir relações sociais que originam funções psíquicas, a partir da internalização de movimentos externos carregados de significados.

Estudar interações sociais entre surdos-ouvintes e surdos-surdos, por meio de práticas, nos faz refletir sobre o termo interação e nos convida para uma análise mais detalhada sobre o mesmo em suas relações com práticas sociais. Pretendemos realizar ainda no capítulo 2, portanto, uma conexão entre estudos da psicologia, da linguística e da sociologia, trazendo conceitos dessas áreas acerca de interação e linguagem.

As interações sociais e a linguagem são elementos centrais bastante estudados por Vigotski (1998). Este nos diz que a constituição de conhecimentos acontece através da interação do sujeito com o meio e com o outro. Vigotski (2005) também discorre sobre a constituição do sujeito pela linguagem, ou seja, ele acredita que a ação do indivíduo diante do outro e diante de si, é mediada pela linguagem (signos verbais). As preocupações de sua escola, no início do século XX, visavam à compreensão de como passamos de formas elementares de psiquismo para uma formação psíquica superior, com funções psíquicas (percepção, atenção, memória, imaginação) mediadas.

Acreditamos que essa reflexão sobre linguagem e constituição linguística do sujeito, através da interação com o outro, é convergente com as ideias de Bakhtin (2004). As preocupações de seu círculo de estudos centravam-se na área da literatura, apesar da criação literária ser um importante foco em tais estudos, mas os alcances de sua obra estenderam-se para as ciências humanas e sociais, de modo mais amplo, por expandirem a visão de sujeito, este entendido como linguisticamente constituído. O discurso do eu não se configura isoladamente, pois há uma troca comunicacional com o discurso do outro, fundando conceitos importantes como polifonia e dialogismo. Esses conceitos serão melhor desenvolvidos no capítulo 2, especificamente na seção 2.3 dessa dissertação.

Trazendo para o contexto sociológico, Norbert Elias (1994) também acredita na existência de uma ponte entre o eu e o outro. Ele diz que o ser individual não existe sem o ser social, “não há identidade-eu sem identidade-nós. Tudo o que varia é a ponderação dos termos na balança eu-nós, o padrão da relação eu-nós” (ELIAS, 1994, p. 152). Essa relação proposta por Elias (1994) justifica que há, entre os indivíduos, em suas analogias, uma relação de interdependência no sentido de que as consequências relacionais contribuem e interferem diretamente na formação individual.

Isso posto, vale ressaltar que sobre o processo de interação no contexto virtual, implica dizer que práticas sociais nesses espaços supõem conexão entre usuários e aproximações conforme afinidades de cada um (ARCOVERDE, 2006), ampliando potencialmente trocas entres sujeitos. Essas aproximações ocorrem devido à possibilidade de, nas redes sociais, os laços relacionais serem estreitados, com limites e possibilidades de desenvolvimento, que estão inseridos nessa forma peculiar de configuração de tempo e espaço, na internet. De maneira generalizada e discordante ao nosso ponto de vista, Arcoverde (2006) diz que no ambiente virtual “[...] não há lugar para estigmas, rotulações e preconceitos, pois, envolvidos nas tramas da Rede, somos todos participantes sociais de uma mesma comunidade, a comunidade digital [...]” (ARCOVERDE, 2006, p.254). De nossa perspectiva, acreditamos que a internet, assim como qualquer outro ambiente de interação presencial, abre margem para rotulações, preconceitos e fortalecimento de estigmas. Warschauer (2006) diz que muitas vezes a internet é romantizada, ou seja, é posta como um mundo paralelo no

qual os problemas reais não existam. Nesse sentido, nosso trabalho pretende não apenas analisar se as práticas sociais de surdos em internet podem potencializar o jogo de vozes que lutam socialmente pela inclusão e reconhecimento de suas identidades, como também se há uma limitação dessas vozes ou até mesmo um silenciamento.

O espaço da internet que, no contexto dessa pesquisa, se configura como o ambiente no qual as interações sociais se efetivam e serão analisadas, remete-nos à ideia de *comunidade virtual*, conceito que deverá ser aprofundado no capítulo 3, seção 3.1. Esse conceito carrega significados peculiares à respeito da interação, porque se acredita que o espaço virtual sugere e propicia uma troca de experiências e posicionamentos. Sobre comunidade virtual, Howard Rheingold (1996) pioneiro desses estudos na década de 90, define comunidade virtual em rede eletrônica como toda comunidade em que os membros se comunicam e se organizam no ciberespaço conectados por interesses comuns. Trouxemos para a discussão outros teóricos que abordam a ideia de comunidade e suas especificidades nos ambientes virtuais, como Castells (1999;2003;2005) e Recuero (2009), que também foram referências necessárias que favoreceram o estudo aqui apresentado.

Para Castells (2003, p. 161), “o individualismo em rede constitui um modelo social, não uma coleção de indivíduos isolados. Os indivíduos constroem as suas redes, on-line e off-line, sobre a base dos seus interesses, valores, afinidades e projetos”. Segundo Castells (2003), o interesse coletivo origina a identidade do indivíduo que, para ele, resulta em três formas: a identidade legitimadora, a identidade de resistência, a identidade de projeto.

A primeira categoria, identidade legitimadora, dá-se a partir de um conjunto de instituições dominadoras que pretendem um alcance de dominação e sobrepõe-se aos indivíduos, gerando a sociedade civil. Trata-se de uma identidade de submissão a normas, valores, regras que são impostas institucionalmente e, assim, são legitimadoras de determinados modos de ser e conviver.

A identidade de resistência origina-se de ações de indivíduos que estão em situação de inferioridade, pessoas “desvalorizadas ou/e estigmatizadas” (CASTELLS, 2003, p.24) que, segundo ele, podem se transformar e originar identidade de projetos. Esta se caracteriza pela mudança positiva de um grupo

na sociedade através de uma luta coletiva comum, organizada em movimentos, a exemplo das lutas feministas.

Pensar a identidade nesses termos propostos por Castells (2003) é uma âncora interessante para a presente pesquisa, norteando a forma como podemos observar os modos de participação em rede na internet, especificamente em comunidades virtuais cujas temáticas envolvem a surdez como eixo norteador de postagens e comentários dos usuários.

A internet, muitas vezes, cumpre a função de recrutar pessoas que, de alguma maneira, querem se integrar a um grupo ou comunidade. Segundo Quadros (2006), os surdos, em geral, são atraídos pelo mundo virtual, por esse trazer uma realidade contextualizada, no sentido de se colocarem de forma mais autônoma e optarem pelo uso do visual-motor, uma vez que são esses seus sentidos mais aguçados. Essa “saída” de um contexto oral-auditivo para outro que favoreça a produção de sentidos através de recursos multimodais traz uma possibilidade de acesso a informações e, de certa forma, uma autonomia em relação a suas lutas sociais. Mas torna-se necessário compreender em que medida, realmente, essas lutas estão sendo fortalecidas nesses espaços e as regularidades que podem favorecer tais práticas, motivo gerador de nossas questões iniciais e objetivos de estudo.

Dentre as principais ferramentas virtuais utilizadas pelos surdos, as redes sociais são as mais escolhidas para levantar suas bandeiras (RAMOS, 2014). Por isso mesmo, na internet é possível encontrar diversas redes sociais nas quais surdos interagem e se posicionam diante de fatos sociais. Ramos (2014, p. 9) diz: “Penso ser possível afirmar que o Facebook é hoje o site de relacionamentos mais utilizado por surdos, especialmente por aqueles que participam da comunidade surda, que estão sempre participando do movimento surdo”.

Compreendemos que os surdos procuram se inserir em sociedade através do visual motor, pois por não ouvirem, muitas vezes sofrem um processo de exclusão social (QUADROS, 2006), mantendo-se um estigma de pessoa deficiente. Perlin (2003, p. 218), pesquisadora surda, diz que:

Se vocês nos perguntarem aqui: o que é ser surdo? Temos uma resposta: ser surdo é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, mas de uma experiência visual. Experiência visual significa

a utilização da visão (em substituição total a audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. (PERLIN, 2003, p. 218)

Quando se considera essa definição faz muito sentido a inclusão da pessoa surda na internet, pois através da conexão ela terá oportunidades de acesso a conteúdo antes não vistos. No espaço virtual é possível observar diversas comunidades virtuais que se formaram com o intuito de unir, em um espaço online, surdos e simpatizantes da cultura surda que têm um objetivo comum, a inclusão dessas pessoas na sociedade. No entanto, é importante investigarmos que tipos de organização desses espaços, e suas configurações de práticas, podem favorecer ou não as postagens e comentários publicados na rede social Facebook com fins de inclusão e que contribuem para esse processo, especificamente em comunidades virtuais surdas.

Como observação participante e por se tratar de uma pesquisa eminentemente qualitativa, a construção dos dados será realizada por meio da etnografia, que neste caso será adaptada para o contexto virtual. Em outras palavras, a pesquisa, como será detalhada no capítulo 4, será feita a partir de etnografia virtual, especificamente como pesquisa participante, cujas ações de construção dos dados ocorrem em algumas comunidades virtuais que tem como foco norteador a temática da surdez. A etnografia virtual (HINE, 2005), também denominada *netnografia*, dedica-se aos estudos das práticas sociais no ambiente de internet, permitindo uma pesquisa acerca das relações mediadas pela interface do computador.

Objetivamos compreender como se organizam as práticas sociais das pessoas que compõem a comunidade surda, em redes sociais virtuais no Facebook, assim como entender de que forma essas práticas podem potencializar ou limitar o jogo de vozes que lutam socialmente pela inclusão e reconhecimento de suas identidades. Acrescentamos que ao longo da nossa discussão ao nos referimos a “vozes surdas” e “discursos surdos”, estamos considerando todas as vozes que carregam socialmente as “bandeiras” e causas surdas, sejam surdos ou ouvintes.

Nossa metodologia (capítulo 4) está organizada como trabalho de campo em comunidades surdas na internet. Realizamos uma triagem inicial de várias

comunidades que abordam, em maior ou menor sentido, a surdez como tema congregador de interesses e discussões, e imersão da pesquisadora para observação participante e etnografia virtual. A partir dessa imersão será possível caracterizar as comunidades e algumas regularidades nas práticas sociais vivenciadas em tais ambientes.

Para tanto, foram analisados enunciados em postagens e comentários de sujeitos participantes dos grupos em foco (cinco comunidades virtuais) da rede social Facebook, que tratam da causa surda. A unidade de análise focaliza em enunciados que, no jogo dialógico das postagens e comentários, podem assim ser especificados: 1) Processos de interação entre os participantes nos quais haja confronto de opiniões entre os enunciados; 2) Processos de interação entre os participantes nos quais haja congruências nas opiniões entre os enunciados. Após o levantamento de postagens e comentários assim configurados, serão analisados os jogos de vozes entre os enunciados através da Análise Dialógica do Discurso (a partir de agora ADD), sendo possível identificar aspectos polifônicos que permeiam os discursos surdos e suas respectivas tensões.

As análises se orientam pela ADD, baseada nos princípios de Mikhail Bakhtin (1994; 2004). A ADD defende que toda palavra permite duas faces, ou seja, se estabelece do processo de interação no discurso entre locutor e ouvinte. Um ponto importante que será analisado nesses discursos diz respeito às vozes presentes e suas cargas ideológicas, que se manifestam nos enunciados dos participantes da comunidade. Na ADD o signo que até então tinha um caráter predominantemente linguístico passa para uma instância ideológica, fundamentando-se na perspectiva bakhtiniana.

Desse modo, o presente estudo está organizado em quatro capítulos assim definidos: No capítulo 1, tratamos da Surdez e suas especificidades, e discorremos sobre a trajetória dos surdos e o que dizem os Estudos Surdos acerca do tema, bem como sua história na sociedade (PERLIN, 2003); (STROBEL, 2008); (QUADROS, 2006; 2004); (SACKS, 1998). Também no capítulo 1 abordamos a temática da identidade, trazendo uma explanação sobre o processo de constituição e transformação das identidades (WOODWARD, 2000); (HALL, 2006); (LOPES & VEIGA-NETO, 2006). Em sequência (capítulo 2), tratamos de práticas sociais e interações sociais (SOUZA, 2011); (BOURDIEU, 1989); (VIGOTSKI, 1998); (ELIAS, 1994). No que se refere à

linguagem, neste mesmo capítulo, falamos sobre sua ação nas interações sociais e seu poder histórico (BAKHTIN, 2004); (VIGOTSKI, 2005), assim como abordamos o dialogismo e a polifonia à luz de Bakhtin (2004), central para nosso argumento. O capítulo 3 traz os temas internet e participação social (CASTELLS, 2005; 1999; 2003) e finalizamos, nos capítulos 4 e 5 destacando a metodologia da pesquisa, caracterizando métodos de construção dos dados e análise de resultados, respectivamente.

Isso posto, nosso objetivo geral é investigar as práticas sociais de surdos e daqueles que “carregam” as vozes sociais dos surdos, no ambiente virtual da internet, especificamente em redes sociais. Dessa forma, os objetivos específicos pretendem compreender como se organizam os jogos das “vozes surdas” nas práticas sociais em comunidades virtuais da internet, especificamente em grupos no qual a temática refere-se à surdez. Por conseguinte, analisar as relações dialógicas nos discursos de surdos e daqueles que carregam as vozes sociais dos surdos, a partir das tensões entre as vozes. Finalmente, investigar regularidades discursivas sociais que podem potencializar ou limitar o jogo de vozes que lutam socialmente pela inclusão e reconhecimento das identidades de pessoas surdas.

CAPÍTULO I – O “SER SURDO” EM UM MUNDO OUVINTE

1.1 A surdez e suas especificidades: as dimensões que envolvem o sujeito surdo

Os estudos surdos nos mostram que há uma enorme gama de material científico, produzido e ainda por produzir, todo voltado para temática da surdez. No entanto achamos importante salientar que, para falar de surdez, devemos antes de qualquer coisa nos desprender de velhas amarras e preconceitos que permeiam o tema. Não devemos ter medo ao falar sobre surdez e muito menos negar questões físicas existentes nessa condição. Pensamos que, muitas vezes, há uma pretensão em desmerecer ou se “desfazer” da situação física do surdo, no entanto isso não é possível, pois a perda auditiva faz parte do ser surdo e da história surda.

Quando pensamos em surdez devemos ter um olhar sensível para todas as dimensões que envolvem a perda auditiva. Acreditamos que o universo surdo pode ser visto como sendo atravessado por duas dimensões, são elas: a clínica e a social. Em outras palavras, queremos dizer que para compreender a surdez faz-se necessário conhecer o funcionamento do nosso aparelho auditivo e quais os graus de surdez existentes, entender como se estabelece a cultura surda e sua trajetória no curso da história. A perda auditiva é carregada de significados culturais que envolvem, obviamente, questões médicas, mas estas são também consideradas entre outras questões que dizem respeito ao sujeito, à inclusão e exclusão social de um processo sócio-histórico.

No que se refere aos significados atrelados à dimensão clínica, a literatura é muito relacionada à área médica e fonoaudiológica (RUSSO et al. 2009; GODINHO et al. 2003), devemos entender que o ouvido é composto por três partes, sendo estas o ouvido externo, o médio e o interno; todas essas partes são fundamentais para a conclusão do processo sonoro. O ouvido externo é responsável pela captação do som e encaminhamento deste para as demais partes do aparelho auditivo. O som, ao chegar ao ouvido médio, é transformado em vibrações e só após esse processo é enviado para o ouvido interno. Na cóclea (ouvido interno) as vibrações são recebidas e enviadas para o cérebro

através dos nervos auditivos. A unidade que irá quantificar esses sons será o decibel (dB), que dá a intensidade de cada som que recebemos. Cada perda auditiva é sensível a um nível de decibel (RUSSO et al. 2009; GODINHO et al. 2003).

A intensidade dos recebimentos dos sons mostrará os graus de perda auditiva, que se resumem em três: leve, moderado, severo e profundo. No entanto não é apenas um tipo de surdez que prevalece entre os surdos. São quatro os tipos de perda auditiva que circulam nesse universo: a condutiva, a sensorineural, a mista e a neural.

A perda auditiva condutiva acontece no ouvido médio e, em sua maioria, é ocasionada por processos infecciosos. Ela se caracteriza pelo bloqueio da passagem do som do ouvido médio ou externo para o interno, sendo classificada como leve ou moderada. A sensorineural, no entanto, pode acontecer em qualquer grau e se define por um dano na região da cóclea. A perda auditiva mista, como o próprio nome sugere, diz respeito à junção das duas perdas citadas anteriormente e pode se classificar em quaisquer graus de surdez. Já a surdez neural se justifica pela inexistência ou danos nos nervos auditivos e se estabelece num grau profundo. Todas essas possibilidades de perdas auditivas podem ser bilateral ou unilateral, ou seja, atingir um ou os dois ouvidos.

Trata-se de uma explicação simples sobre a perda auditiva e não pretendemos aqui nos ater a questões científicas muito aprofundadas, ou enfatizar aspectos clínicos dos quadros de surdez. Mas é importante essa caracterização mesmo em um nível simples, e a explicação de como acontece tal processo, uma vez que entre os participantes das redes sociais na internet, encontram-se sujeitos com as mais variadas especificidades, com perdas auditivas diversas e, muitas vezes, sua participação na comunidade fortalece vozes sociais que dizem respeito a um tipo de perda auditiva e uma história de luta, tornando-se relevante esse conhecimento.

Em se tratando da dimensão histórico-cultural, os estudos surdos apontam que não há muitos registros acerca da origem da surdez no mundo. No entanto, os poucos escritos sobre a temática revelam uma história marcada pela exclusão social. Sacks (1998) em seu livro *Vendo Vozes* apresenta a história dos

surdos e relata uma séria de crueldades sofridas por esses sujeitos.

Na antiguidade, os surdos eram vistos a partir de um olhar religioso, que era o que predominava na época, como seres amaldiçoados. Acreditava-se que por não falarem, existia uma espécie de irracionalidade que os impedia de conviver em sociedade e os privava de direitos legais. No cenário Grego e Romano, muitas famílias rejeitavam seus filhos surdos, acreditando que a presença deles atrairia negatividade para os lares (SACKS, 1998). Essa visão começou a mudar quando as famílias muito ricas perceberam que não teriam com quem deixar suas heranças, ao menos que seus únicos filhos surdos passassem a serem vistos como capazes.

Ponce de Leon (Madri: 1510-1584) foi um dos primeiros professores surdos e se dedicou a ensiná-los, no entanto os que se “beneficiavam” desses ensinamentos eram os filhos de pessoas muito ricas. O método utilizado por ele era de associação, ou seja, associava as palavras às articulações fonéticas. O objetivo era ensinar surdos, filhos de nobres, a falar e escrever, para assim serem aceitos em sociedade e poderem herdar as riquezas da família.

A história da surdez está muito atrelada à da educação, e as lutas e causas surdas emergiram de um processo educacional, pode-se assim dizer. Abade L'Épée (Paris:1712-1789) é o primeiro nome da história que nos remete às lutas surdas, e por isso ficou mundialmente conhecido como “pai dos surdos”. Ao perceber que crianças surdas utilizavam uma língua gestual para se comunicar umas com as outras, L'Épée criou a primeira escola de surdos, na qual a língua de sinais era o meio de comunicação. Esse avanço foi interrompido com o advento do oralismo, que veio com enorme força e marcado por diversos estigmas e segregações.

Foi um passado carregado da "obrigação de serem ouvintes" (PERLIN, 2014, p. 20). O surdo, durante muito tempo, foi reduzido ao que "não escuta e não fala" e sua vivência em sociedade reduzia-se a "escola e clínica" (PERLIN, 2003, p.38), isso quando existia a possibilidade de ida à escola, pois as escolas ditas "especiais" eram verdadeiras clínicas fonoaudiológicas. Diante desse histórico, a perda auditiva é ainda hoje, por muitas vezes, associada à deficiência cognitiva ou linguística, gerando, em algumas situações, ações equivocadas,

como oralização.

Em 1880, em Milão, ocorreu um Congresso que tinha o intuito de discutir a educação das pessoas surdas. Nesse congresso, a oralização foi posta como o melhor método para educação de surdos, pois se acreditava que a língua oral traria os surdos para a sociedade de forma mais eficiente. Nesse mesmo evento foi proibido o uso da língua de sinais, imaginando-se que sua utilização impediria o progresso do oralismo. Skilar (1998) acredita que essa tomada de decisão envolveu questões políticas da época que supervalorizavam os métodos clínicos de oralização.

Contribuindo com essa discussão acerca do oralismo, e mostrando mais uma vez sua sensibilidade e versatilidade a respeito de diversos temas, no livro *Fundamentos da Defectologia*, Vigotski (1997), no contexto conturbado da Rússia pós-revolução, discorre sobre a ineficiência da oralização em surdos, pois para ele é uma aprendizagem mecânica na qual os surdos apenas articulavam palavras através de técnicas, o que ele se referia como língua morta.

Na metade do século XX, a Comunicação Total passou a ser defendida por especialistas. Essa abordagem, como o próprio nome já diz, defende o uso de todas as formas de comunicação pelo surdo. O uso de sequências gestuais, aparelhos, leitura labial, alfabeto digital, escrita e diversas outras maneiras de comunicação faziam parte do repertório da Comunicação Total (PERLIN, 2003). No entanto a oralização não foi deixada a parte nessa nova perspectiva, e era uma das opções comunicacionais. O grande ganho que veio com a implementação dessa proposta foi a possibilidade do uso de sinais novamente, ou seja, a comunicação por sinais, antes proibida pelo oralismo, passa a ser possível, o que facilita a difusão da língua de sinais.

Por volta dos anos 90, surge a proposta do bilinguismo, que tem como finalidade a utilização de duas línguas no contexto escolar - no caso do Brasil, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a Língua Portuguesa (LP). O bilinguismo pretende criar um ambiente dialógico entre duas línguas considerando a língua de sinais algo natural do surdo, tendo em vista que a aquisição da Libras, em primeiro momento, evita um atraso de linguagem, propiciando o desenvolvimento linguístico e cognitivo da criança surda. Segundo Quadros

(1997, p.54), quando se fala sobre o bilinguismo [...] “não está se estabelecendo uma dicotomia, mas sim reconhecendo as línguas envolvidas no cotidiano dos surdos, ou seja, a Libras e o português no contexto mais comum do Brasil”.

O contexto bilíngue configura-se diante da coexistência da língua brasileira de sinais e da língua portuguesa. No cenário nacional não basta simplesmente decidir se uma ou outra língua passará a fazer ou não parte do programa escolar, mas sim tornar possível a coexistência dessas línguas reconhecendo-as de fato atentando-se para as diferentes funções que apresentam no dia-a-dia da pessoa surda que se está formando (QUADROS, 2006, p.13)

Quando refletimos a respeito desse cenário e do salto que foi dado do oralismo para o bilinguismo, vemos que muito já foi realizado, no que concerne a leis e inclusão dos surdos na sociedade. No entanto, as lutas e reivindicações surdas ainda são muitas. Numa sociedade majoritariamente oralizada, os surdos, por não ouvirem e por não adquirirem naturalmente a Língua Portuguesa, são deixados à margem da construção social (QUADROS, 2006).

Strobel (2008), ao relatar a história dos surdos, faz uma analogia ao processo de colonização dos povos, acreditando no caráter etnocêntrico dos ouvintes. Ela defende que houve, ao longo dos anos, a imposição de uma cultura e de uma língua eminentemente oralizada. Na década de 90, iniciaram-se os primeiros movimentos surdos pelo reconhecimento do uso da Língua brasileira de sinais (Libras) (SACKS, 1998). No dia 24 de abril, do ano de 2002, o projeto de Lei nº 10. 436 declara a Libras como meio de comunicação legal, tendo essa língua sua estrutura gramatical difundida pela própria comunidade surda, classificando-se como preceito linguístico visual-motor (QUADROS, 2004).

No decreto nº 5626 de dezembro de 2005 passam a ser obrigatórias, em instituições de ensino, a inclusão de alunos surdos e da Libras como disciplina nos Cursos de Licenciatura, demonstrando, assim, o esforço governamental na tentativa de inclusão desse público na educação regular inclusiva e a formação de profissionais capacitados em atender essa demanda.

Essa obtenção de direitos fez surgir, nos últimos anos, uma grande movimentação de grupos surdos em busca de igualdades e conquistas de novos direitos: educação bilíngue, intérpretes de Libras, acessibilidade nos espaços acadêmicos, em suma, a saída de um processo de segregação para um

processo de integração (PERLIN & STROBEL, 2014). Mas além dos direitos legais, há também os sociais do cidadão surdo que, embora com os ganhos positivos, ainda é cercado de estereótipos e desinformações.

A verdade é que mesmo com alguns direitos garantidos por lei, o cidadão surdo ainda sofre muito preconceito por parte da sociedade. Tendo em vista essa exclusão, os movimentos surdos surgem justamente com o intuito de unir forças e construir a cultura surda que precisa, assim como qualquer outra, de uma legitimação e reconhecimento social, que vai muito além da simples aceitação do outro. Esses movimentos lutam socialmente pelo reconhecimento das identidades surdas e defesa de sua cultura, e podemos mesmo ver com Castells (1999) algo como uma identidade de projetos favorecendo a luta coletiva. Nesse sentido, o estudo sobre as identidades surdas parece ser um importante meio para compreendermos as práticas sociais realizadas por eles.

1.2 As particularidades do que é diferente

“Temos o direito a ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito a ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza”

(Boaventura de Sousa Santos)

Procuramos, nessa pesquisa, desenvolver teoricamente o conceito de identidade e sua formação em ambientes sociais carregado de significados culturais. Simploriamente, a identidade é vista como o que distingue determinado sujeito dos demais e o assemelha a alguma cultura específica. O nosso atual cenário globalizado nos faz observar o mundo em diferentes níveis de realidade, o que nos dá base para construir novos conceitos de identidades. Quando refletimos no sujeito surdo, o tema identidade tem um peso maior, pois se trata de uma minoria social, e como toda ela, é marginalizada.

Pensamos que os tópicos identidades e minorias são pertinentes a esse debate e Kathryn Woodward (2000), em “Identidade e diferença”, inicia uma explicação que mostra a relação entre esses dois termos. Em princípio a autora diz que a identidade é marcada pela diferença, e nos chama atenção para a ideia de que a identidade de alguém é aquilo que ela não vê no outro. A ideia se

formula em pensar que tudo que negamos no outro de certa forma projetamos em nós, no entanto, aquilo que vejo no outro é apenas uma representação do que imagino que ele seja. Essa representação é tratada por Woodward (2000) como fruto de mecanismos simbólicos de classificação. O que caracteriza diversas culturas e identidades é justamente a diferença que cada uma apresenta em relação à outra. Na cultura surda essa ideia se concretiza perfeitamente. A negação da cultura oralizada presente no mundo ouvinte, por exemplo, caracteriza a identidade surda que é visual-motora.

Pensando nas identidades existentes no universo da surdez, achamos apropriado destacar que, existem surdos que buscam o processo clínico de reabilitação auditiva, bem como a oralização. Portanto, não pretendemos colocar todos os surdos em um mesmo patamar cultural. Da mesma forma que não achamos coerente elevar a Libras como único marcador cultural surdo, uma vez que existem sujeitos, como surdos unilaterais, por exemplo, que desenvolveram a audição em um dos ouvidos e possuem o aparelho fonador em perfeito uso. No entanto, acreditamos que, independente do grau e tipo de surdez, há uma escolha circunstanciada pela sua própria condição histórico cultural que o impulsiona pela busca de direitos e reconhecimento, seja ele surdo sinalizado ou implantado, bilateral ou unilateral.

A ideia de sujeito que Woodward (2000) aborda é de um indivíduo que, diante de tantas diferenças, delega algumas que fazem sentido para si e as “veste” como identidade própria. As representações simbólicas de diferenciação são justamente essas características que farão as semelhanças e as diferenciações em cada um. Ao longo de sua vida o sujeito irá optar por uma ou por outra característica que, de certa forma, será destacada das demais, essas escolhas nem sempre são conscientes e frutos de reflexão. Aquela que foi relegada como secundária não deixará de fazer parte de sua identidade. É a cultura de uma pessoa que fará a transformação nas identidades, e é a busca de um sentido que através de experiências irão cambiar entre diversas identidades possíveis (WOODWARD, 2000).

A construção da identidade acontecerá, desse modo, por meio do social e do simbólico, ambos ligados muito estreitamente. O primeiro de maneira que

o sujeito se identifica com determinados grupos e até mesmo nasce em uma cultura específica que lhe oferecem um mundo carregado de significados. O nascimento em determinado grupo faz com que sua identidade seja construída a partir das experiências que constrói nesse convívio, nas mais variadas práticas sociais em que interage. A construção da identidade por meio simbólico ocorre numa dimensão psíquica, ou seja, parte para o inconsciente de maneira que os símbolos e as representações sociais são construídos no campo da subjetividade (WOODWARD, 2000). Segundo Perlin (2003), a constituição da identidade social sofre uma trava, pois o surdo vive em um meio preponderantemente oralizado, tendo suas convivências e experiências grupais negadas ou minimizadas.

O eixo temático identidade é apresentado de maneira diversa e num contexto pós-moderno por Hall (2006). As teorias modernas passam por mudanças que exigem transformações em aspectos culturais já estabelecidos, como: gênero, etnia, sexualidades, dentre outros. Essas transformações, que por vezes são aceitas por uns e não aceitas por outros, geram a dicotomia entre novo e velho paradigma. São dessas transformações que se fragmentam e dicotomizam a sociedade e sua identidade cultural. Essas transformações são explicadas por Hall (2006) como configuradoras de uma *crise da identidade*. A partir dessa discussão, Hall (2006) estabelece uma descentração das identidades, definindo-as em três tipos, são elas: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

Para Hall (2006), o sujeito do iluminismo concebe o indivíduo como um ser humano centrado e unificado pelo seu âmago interno. A ação do sujeito do iluminismo é definida por um núcleo "egocêntrico" do indivíduo cultural. A concepção de sujeito sociológico configura a noção de ser complexo em um ambiente moderno. Essa visão de sujeito estabelece que é através da relação com outros, ou seja, através da troca e compartilhamento entre indivíduos, que se constrói as identidades. E por último a ideia de sujeito pós-moderno, que é definido por Hall (2006), como um indivíduo que vive em constante movimento e sua identidade assume diferentes posicionamentos acompanhando o curso de suas vivências. Hall (2006) considera que o indivíduo pós-moderno não possui uma identidade fixa e se define por transitar em diferentes espaços, o que o

caracteriza como uma identidade flutuante.

A globalização traz à tona uma transformação nas estruturas pré-estabelecidas da sociedade, uma espécie de conflito econômico e cultural. Essa conjuntura gera as “crises de identidade”, que segundo Woodward (2000, p.20), “são características da modernidade tardia e sua centralidade atual só faz sentido quando vistas no contexto das transformações globais que têm sido definidas como características da vida contemporânea”.

Há um alastramento cultural, assistido pela globalização, que vem originando identidades novas, as chamadas identidades globais. Santos (2000) diz que há uma tentativa, por parte das sociedades centrais, de homogeneizar os traços culturais através da globalização, especialmente a cultura de consumo. Esse movimento pretende distanciar as pessoas de suas identidades locais, lembrando que a ideia não é acabar com essas identidades, mas utilizá-las a favor da globalização, transformando-as (HALL, 2006; SANTOS, 2000). Santos (2000) também ressalta que nesse contexto há resistência por parte de alguns sujeitos que não aceitam a imposição de uma identidade homogênea, e é nesse contexto de resistências que surgem os movimentos sociais. Esse movimento de coação das identidades sociais refletiu-se por muitos anos na cultura surda (PERLIN, 2003). Conforme dissemos anteriormente, por muito tempo teve-se a necessidade de “transformar” os surdos em ouvintes, uma grande parte resistiu às imposições, outra foi tomada pelos efeitos da padronização.

Segundo Castells (1999), o interesse coletivo constrói identidades que, como já foi dito neste trabalho, têm origens diferentes e se distinguem em três formas: a identidade legitimadora, a identidade de resistência, a identidade de projeto. A *identidade legitimadora* é definida por Castells (1999) como um conjunto de instituições dominadoras objetivando um alcance de dominação que perpassa os indivíduos e gera a sociedade civil. No entanto, ele alerta para a nossa visão de sociedade civil, que ao contrário do que pensamos, não carrega a ideia de sociedade democrática; nessa instância ela é um prolongamento das ações do Estado e uma idealização no imaginário popular de cidadania e democracia. A visão gramsciana, que Castells (1999) nos mostra, vê na sociedade civil a representação do Estado. Em outras palavras Coutinho (1999)

diz que essa visão acredita que as instituições formadas pela sociedade civil serviam de engrenagens essenciais do Estado.

No que se refere à *identidade de resistência*, Castells (1999, p. 24) diz que esta se constitui por pessoas que estão em situação de inferioridade “desvalorizadas ou/e estigmatizadas”. Castells (1999) acredita que essa forma de identidade pode ser considerada o mais importante em nossa sociedade, pois é a partir dele que se formam comunidades sociais. É essa identidade que origina as ações de resistência e os movimentos sociais em grupos que estão em condição de oprimidos. Essas ações coletivas ganham força e destaque no cenário social e podem se transformar em *identidade de projetos*, que se caracteriza pela mudança positiva de um grupo na sociedade através de uma luta coletiva. Se pensarmos na identidade de resistência apresentada pelo autor, observamos que a internet abre espaço para o encontro de pessoas que se sentem inferiorizadas e oprimidas. Essas se reúnem em comunidades e grupos, nas redes sociais, para debaterem, defenderem opiniões, se posicionarem e se possível reunirem-se para construir suas lutas por reconhecimento.

Dentre as minorias, os surdos em especial ganharam grande destaque em relação a direitos nos últimos anos, porém a luta perpassa as barreiras das leis. Os Estudos Surdos falam da emergência de uma cultura surda composta por marcadores culturais surdos que deem fundamentação a sua identidade (LOPES&VEIGA-NETO, 2006). Dentre os constituintes da identidade surda, os estudos (STROBEL, 2014; PERLIN, 2003) mostram que a Libras é vista como principal marcador cultural. Defendem que, apenas quando os surdos puderem utilizar sua língua natural em todas as instâncias da vida social, a identidade surda terá seu reconhecimento.

Para escrever sobre identidade surda, o pesquisador deve se desprender de todos os pré-conceitos estabelecidos erroneamente e visualizar o sujeito surdo em uma dimensão plurifacetada. Percebê-los como indivíduos diferentes e capazes de ocupar seus espaços na sociedade, sendo respeitados linguisticamente e culturalmente. Segundo Perlin (2003), uma parcela da maioria ouvinte possui um pensamento colonial, visão esta carregada de estereótipos e estigmas deturpados. O olhar colonial vem de cima, inferiorizando o outro e

acreditando que é possuidor de uma identidade superior.

Sobre a surdez é possível observarmos que alguns autores defendem uma visão patológica do assunto, considerando que apenas a reabilitação auditiva pode trazer uma vivência social para os sujeitos surdos. Vale ressaltar que os primeiros trabalhos relacionados à surdez trouxeram aspectos biológicos em detrimento do contexto cultural, mesmo assim, percebia-se que a verdadeira intenção dos autores era destacar o sujeito surdo enquanto sujeito social, por mais que não alcançassem esse objetivo em suas escritas. No entanto, diversos estudos da área médica, especialmente a fonoaudiológica, destacam uma possível incapacidade de socialização do surdo, se este não se submeter a tratamentos auditivos. Temos como exemplo em Gatto e Tochetto (2007), que tratam a surdez numa interpretação essencialmente mórbida desconsiderando as condições socioculturais desses indivíduos. No início de seu texto, Gatto e Tochetto (2007, p.110) afirmam que “a audição constitui-se em um pré-requisito para a aquisição e o desenvolvimento da linguagem. Audição e linguagem são funções correlacionadas e interdependentes”. Nessa conclusão, as autoras ignoram a alfabetização dos surdos, pela Libras, o que já foi demonstrado com eficiência em diversos estudos na área de educação (QUADROS, 2004; 2006).

Margall et al (2006) e Gatto e Tochetto (2007, p.110) não defendem a existência de uma cultura surda, com sua língua própria e seus marcadores culturais. As autoras acreditam que uma reabilitação auditiva seria o caminho mais eficiente para a interação social, defendendo que “o diagnóstico precoce é essencial para que a intervenção, visando à reabilitação dos surdos, possa iniciar-se o quanto antes para permitir o seu desenvolvimento integral e a sua inserção familiar, social e educacional” (MARGALL et al. 2006, p.124). Obviamente, existem surdos que procuram a reabilitação auditiva, no entanto há uma parcela considerável, de surdos bilaterais profundos, especialmente, os que só possuem a Língua de Sinais como meio de comunicação social. Vemos essa condição no cenário atual que nos mostra que as pesquisas sobre os estudos surdos superam as que tratam a surdez como algo a ser combatido.

Sobre a globalização, Hall (2006) também destaca que esta vem num sentido de modernidade tardia e está associada à noção de transformação desse

momento histórico. Os sujeitos da pós-modernidade sofrem diversas mudanças e isso individualiza a coletividade clássica. As mudanças trazidas pela modernidade tardia de certa forma libertam o ser de uma estrutura e de algumas tradições clássicas. Portanto, a concepção de um "descentramento do sujeito" faz sentido, pois diante desses intensos fluxos produzidos/introduzidos nas paisagens culturais, essas se fragmentam/pluralizam.

As ideias de cultura nacional e identidade nacional formam uma atmosfera de cultura homogênea, ou seja, a lógica de que existe uma única cultura que abarca toda e qualquer identidade, que não há diferenças. Essa visão de cultura homogênea, de certa forma, oprime algumas identidades de minorias, como, por exemplo, a identidade surda é oprimida por uma cultura ouvinte, entre outras. A globalização na contemporaneidade envolve essa visão de cultura única, que de certa forma se estabeleceu na sociedade através das imposições (como a ditadura do consumo, a ditadura da beleza e outras). A globalização veio com o intuito de unificar os sujeitos de maneira que todos tenham a mesma cultura e consumam, vivam e sejam iguais. Essa igualdade considera o multiculturalismo, mas o considera no sentido de acomodação, legitimando as práticas dominantes e favorecendo mais identidades legitimadoras, para usar a categorização de Castells (1999).

Em outras palavras, "o negro é negro e nunca alcançará o mesmo lugar de destaque que o branco", "o surdo não fala nem escuta, coloquemos em escolas e espaços isolados", ou seja, acaba por gerar a sensação de sujeitos assujeitados e acomodados, que ora legitimam a cultura dominante, ora resistem a ela. Embora importantes no processo de transformação social, as identidades de resistência têm pouco impacto em desestabilizar a ordem social vigente, que carregam marcas ideológicas historicamente sedimentadas, e seguem em ações como vozes isoladas no coletivo. Uma vez reunidas em coletivo, essas identidades de resistência originam identidades de projetos e podem assim galgar alcances, também, coletivos.

Hall (2006) diz que a criação de uma identidade nacional será possível através da vivência dos indivíduos diante de suas experiências ao longo de suas trajetórias, sejam elas individuais ou coletivas. Em relação aos surdos, durante

toda sua trajetória ele vive experiências que os guiam para um ambiente ouvintista. É a articulação de diversas identidades que são formuladas através de representações de cultura dando sustentação à mesma. Nessa concepção cultural, que se constrói de forma unificada, há uma cultura predominante abafando as vozes de minorias. Porém, essas minorias estão ganhando espaço no cenário cultural, as representações sociais procuram união, havendo uma intensa busca por afirmação de uma identidade cultural.

Diante desses movimentos sociais, nos quais as minorias buscam e lutam por direitos, não há possibilidade de eleger uma determinada cultura como identidade universal. O que é visto e torna-se essencialmente claro nas palavras de Hall (2006) é que há um processo de hibridismo cultural que dá um tom de pluralidade e põe abaixo toda e qualquer idealização de homogeneização cultural. E de fato isso é o que temos visto nos movimentos sociais em que as lutas pelos reconhecimentos de minorias estão se destacando na sociedade.

CAPÍTULO II – PRÁTICAS E INTERAÇÕES SOCIAIS

“Os seres humanos evoluíram em um mundo constituído por outros seres além deles. Cada ser humano, portanto, é feito daquilo que chamamos de natureza para viver em comum e em relação com uma grande variedade de seres, alguns amigáveis, alguns hostis, alguns inanimados, alguns animados sendo que destes últimos, alguns são humanos”.

(Norbert Elias)

2.1 Identidades, práticas e interações sociais

Idealizar uma homogeneização cultural leva-nos a pensar em sociedade como quadro estático, sem que as peças que a compõem sejam articuladas e possuidoras de história e de ação. A luta por reconhecimento identitário e por uma cultura própria provoca nas minorias uma atividade geradora de práticas sociais. Acreditamos que as práticas sejam geradas por motivações, sendo estas pensadas e arquitetadas em conjunto, buscando excepcionalmente um mesmo objetivo. Achamos pertinente aprofundar a discussão sobre o conceito de práticas sociais, uma vez que estudaremos essas práticas no contexto do ambiente virtual e suas relações com a surdez. Para tanto, a seguir definiremos o conceito e o associaremos com as interações sociais, trazendo uma visão sociológica e psicológica para a discussão.

Observamos que, em princípio, a ideia de sujeitos imersos em práticas sociais desconstrói toda a lógica de sujeito isolado, isso porque o conceito de práticas sociais nos remete à visão de troca e compartilhamento constantes. Aproveitamos essa afirmação para reiterar a importância da internet para a realização das práticas sociais, pois seu ambiente possibilita essas duas ações, especialmente, trocas e compartilhamentos, de modo potencializado, ao redefinir as relações espaço-temporais.

O conceito de práticas sociais está intimamente relacionado à ação humana, ou seja, à atividade ou movimento regido pelos sujeitos. Para Lave e Wenger (2002), o foco da participação nas práticas sociais está no sujeito, porém não devemos associar essa afirmação a uma visão individualista. Na verdade, o

objeto central é o sujeito, mas não isoladamente e sim um indivíduo que está em contínuo processo de interação, relacionando-se com o mundo e com a sociedade. Quando pensamos em interação social, estamos pensando em práticas sociais. As motivações que influenciam e geram as práticas sociais não acontecem de forma isolada, mas nas interações, sendo assim o indivíduo isoladamente não realiza uma prática social (LAVE E WENGER, 2002).

As ações acontecem motivadas por diversas situações e os atores trabalham em um ambiente que não é estático, ou seja, trata-se de um ambiente que vive em constante mudança e transformação, sendo esse dinamismo realizado pelos próprios indivíduos em suas ações e atividades relacionais. Essa ação é vista em um cenário interativo, num momento de troca entre o eu e o outro. Souza (2011, p. 213) afirma que “as práticas sociais são vistas como construções dos atores sociais em seus contextos de interação”. Em outras palavras, toda e qualquer realização, que o indivíduo pratique em suas vivências com seus pares resultarão em construções sociais.

Lave e Wenger (2002, p. 162) atentam para a prática social, dizendo que esta “é um conjunto de relações em evolução”, ou seja, as atividades realizadas pelos sujeitos e inclusive seu desenvolvimento relacional com o outro seguem em um processo muito próspero. É como se a cada interação e nas ações realizadas pelos indivíduos, isso desse ímpeto às práticas sociais. Assentimos que o conceito de prática social atribui ênfase à reciprocidade entre os sujeitos de ação, no universo da interação, sendo este um espaço de mudanças constantes e de possíveis negociações (LAVE E WENGER, 2002). A ação do sujeito sobre o mundo chega a ser um ato tão importante que o mundo social não pode ser observado sem considerar a organização dos sujeitos e suas práticas, pois essas darão sentido aos diferentes contextos sociais. Por isso, para adentrarmos o universo surdo, estamos estabelecendo o conceito de práticas e as suas interações.

Algo que queremos salientar nessa discussão diz respeito ao papel que o indivíduo assumirá na sociedade, pois será fruto e resultado de suas práticas sociais, ou seja, de suas ações e tomadas de decisões (CASTELLS, 2013). O papel que cada sujeito elege para sua vida definirá, na maioria das vezes, as

experiências que cada um vai vivenciar. Essas experiências serão guiadas pelas significações desses sujeitos e todas as ações, independente de decisões e posicionamentos, serão avaliadas em múltiplos sentidos. Dessa forma, podemos afirmar que toda prática social é significativa, pois entendemos que a realização de práticas sociais pode gerar expressões culturais.

Vale ressaltar que um termo intrinsecamente associado às práticas sociais é o de organização (SOUZA, 2011). É através de uma organização que se compõe uma prática social, a qual possibilitará diversas mudanças contextuais no ambiente de interação. A prática tem como característica definidora as transformações, pois à medida que o sujeito adquire novas e diferentes informações e conhecimentos, ele transforma sua prática (SOUZA, 2011). No processo das práticas sociais, a cultura tem papel fundante, pois irá constituir as práticas e nelas, ou por elas, acontecerão as inter-relações.

De acordo com essa base conceitual, descrita até aqui, percebemos que a imersão dos sujeitos em contextos carregados de significados irá provocar a realização de práticas sociais e estas se concretizarão na interação entre os indivíduos. Isso porque “A interação social é o ambiente no qual se estabelece práticas sociais que configuram a cultura” (SOUZA 2011, p. 216), ou seja, a relação entre o eu e o outro servirá de palco para a realização das práticas sociais. Dessa forma, podemos afirmar que o conceito de práticas sociais está intrinsecamente ligado ao de interação social.

As práticas sociais, por sua vez, possibilitam processos únicos de aprendizagem e desenvolvimento, sejam essas práticas caracterizadas de modo formal, como a educação nas instituições escolares, ou não-formais, como nas redes sociais e outros ambientes da internet, por exemplo. Valsiner (1994) diz que o desenvolvimento humano se constitui de maneira significativa quando há co-construção, ou seja, através das interações sociais entre os sujeitos. Sendo assim, Valsiner (1994) nos assegura que há aprendizagem onde houver interação. Consoante a este pensamento, Rogoff (2005) afirma que as atividades habituais de interações e participações em práticas sociais são essenciais para o desenvolvimento do sujeito. Ao considerarmos essas afirmações de Rogoff (2005) e Valsiner (1994) concordamos que quando

discorreremos sobre práticas sociais estamos consequentemente refletindo a educação.

Achamos pertinente levantarmos uma discussão sobre interação social, uma vez que percebemos a relação existente entre esse tema e as práticas sociais. Para tanto, pensamos que há dois estudiosos que se sobressaem, quando tratamos de interação social. Tanto Lev Vigotski (1998; 2000; 2005) quanto Norbert Elias (1994; 2009) são teóricos que realizaram estudos sobre desenvolvimento e formação humana, especificamente no que se referem a conhecimento e à linguagem. Ambos trazem uma leitura da ideia de sujeito individual e sujeito coletivo, assim como a noção de sujeito constituído pelo biológico e pelo social. Para ambos os teóricos, esses dois fatores não se separam e estão diretamente relacionados à constituição do ser humano. Um ponto congruente entre as ideias de Vigotski (1998; 2000; 2005) e as de Norbert Elias (1994; 2009), em nossa compreensão, está na forma como concebem o processo de interação entre os sujeitos, pois acreditam que algumas particularidades do indivíduo só podem ser entendidas, levando-se em conta a relação deste com outros sujeitos.

Contemporâneos, ainda que o segundo tenha vivido cerca de meio século a mais, vemos em Vigotski (1998; 2000; 2005) e Elias (1994; 2009) uma visão convergente acerca das interações sociais entre os sujeitos. Estamos conscientes de que esses estudiosos possuem aspectos que os dissociam. Contudo, pretendemos desenvolver o diálogo entre suas ideias, nesta pesquisa, especialmente, sobre tal ponto convergente em suas abordagens, evitando, assim, uma proximidade arriscada e, de certa forma, forçada, pois sabemos que cada um possui suas bases filosóficas e metodológicas específicas, construindo, a sua maneira, uma escola de pensamentos.

Vigotski (1998; 2000; 2005), russo, e Elias (1994; 2009), alemão, nasceram em 1896 e 1897, respectivamente, e se empenharam em seus estudos amparados por um argumento central: o social é inerente ao ser humano, sendo que este se desenvolve a partir de duas dimensões, a social e a biológica. Ambos acreditam que há uma relação de interdependência entre os sujeitos sociais e individuais, assim como confirmam que a formação individual

se constitui a partir do social.

Chama-nos bastante atenção a base epistemológica de Lev Vigotski (1998; 2000; 2005) que, apesar de sua curta vida, tem uma grande produção acadêmica. Suas obras tiveram grande importância não só para a Psicologia como para outras áreas do conhecimento, a saber: Antropologia, Educação, Sociologia; o que o torna um teórico interdisciplinar. Para ele o indivíduo é um ser social que se desenvolve por meio da relação com o outro e essa interação é o processo responsável por diversas construções, seja social, biológica ou cultural (VIGOTSKI, 1998). Essas construções influenciam diretamente a formação do sujeito enquanto indivíduo de ação e confirmará que o ser não é isolado, ou seja, em qualquer ambiente cultural e independente da atividade que pratique, o desenvolvimento movimenta-se para formas superiores de psiquismo.

Em outras palavras, Vigotski (1991) vê o ser humano como um ser ativo, pois, ao mesmo tempo em que sofre as influências do meio, também age sobre o mesmo e sobre as relações sociais. No entanto, é importante considerar que esse desenvolvimento é perpassado por tempos que devem ser levados em conta ao se estudar o desenvolvimento humano, originando o que há de coletivo e individual em cada sujeito: tempos ontogenético, filogenético, sociogenético e microgenético, importantes dimensões temporais que se cruzam no momento específico em que se encontra cada ser.

Pensar na matriz histórico cultural de Vigotski logo nos remete à ideia de mediação, isso porque para alcançar algo, o indivíduo vivencia esse processo de intermédio através de signos (VIGOTSKI, 2005). O processo de mediação está atrelado a ação de representação mental, pois para conquistar a aproximação com o objeto almejado, o indivíduo passa a realizar uma construção mental daquele objeto, imaginando-o mesmo sem nunca tê-lo visto fisicamente. Essa capacidade imaginativa é característica, para Vigotski (2005), dos processos psicológicos superiores, que, segundo ele, são construídos através de relações sociais e interação com a cultura. Essa afirmação valida mais uma vez a importância do processo interacional, não apenas no sentido social, mas também psicológico do sujeito, desconstruindo a dicotomia indivíduo *versus*

sociedade, uma vez que ambos se constituem dialeticamente. Nesse sentido, acreditamos que a participação social de surdos na internet favorece uma maior interação deste indivíduo com o outro, pelos alcances espaciais que não mais limitam o sujeito a um tempo-espaço fixo geograficamente, o que pode acarretar transformações e desenvolvimento social e psicológico.

A lei genética geral do desenvolvimento cultural é mencionada em *O Manuscrito*, de Vigotski (2000), e nele o autor afirma que toda formação individual se estabelece primeiramente como interindividual, ou seja, o processo de desenvolvimento individual só é possível através da interação eu-outro, sendo este um movimento dialético. A formação do sujeito individual é vista por Vigotski (2000) como uma construção cultural e social, sendo assim, o individual se compõe das relações entre sujeitos e da coletividade, um processo que se concretiza de fora para dentro e não o contrário. Os seres humanos, como seres sociais que são, constituem sua história de vida se apropriando da cultura e se envolvendo com o outro. São suas relações com o outro que lhe possibilitam desenvolver funções e capacidades que se apresentam ainda como cerne do desenvolvimento.

O sociólogo Norbert Elias (1994) também discorre sobre o processo de interação e, assim como Vigotski, diz que o ser individual não existe sem o ser social, “não há identidade-eu sem identidade-nós. Tudo o que varia é a ponderação dos termos na balança eu-nós, o padrão da relação eu-nós” (p. 152). Defende que há uma relação de interdependência entre os sujeitos sociais, a qual cria a configuração que para Elias (1994) trata-se de “uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes” (ELIAS, 1994, p.249). Essa visão de rede, descrita por Elias, traz a ideia de que o biológico e o social se influenciam mutuamente. Nessa perspectiva, o indivíduo se diferencia das demais espécies por ser o único que se constitui da sua própria vivência de mundo e de sua relação com seus pares (ELIAS, 2009). Portanto, é no âmago social que as práticas sociais de estabelecem.

Elias (1994) enfatiza que o sujeito psicológico tem sua origem a partir dos outros sujeitos. Em outras palavras, ele diz que o indivíduo nasce em relações sociais que antecedem a eles, ou seja, quando nascemos, estamos adentrando

em relações e num mundo social que já existia e já se configurava antes de nossa chegada, sem que nós fizéssemos qualquer escolha sobre o mesmo. Há uma rede interligada na qual as pessoas se relacionam concomitantemente. Essa rede contribui para formação do ser humano e se modifica de acordo com os sujeitos de ações, na medida em que estes se posicionam. Esse posicionamento do sujeito acarretará nas tomadas de decisões e atitudes do indivíduo, estes modificarão à medida que eles ganham inteligibilidade, ou seja, a cada descoberta de novos conhecimentos.

Tanto Vigotski (2005) quanto Elias (1994) defendem a historicidade carregada pelo ser humano, em primeira instância. Acreditam que o indivíduo é um ser singular que, apesar de viver socialmente e ser influenciado por diversos fatores, possui uma história única e deve ser reconhecido e compreendido em sua particularidade (ELIAS, 1994) (VIGOTSKI, 1998). Essa visão acredita que os “contextos diferentes podem representar momentos históricos diferenciados, interferindo na forma de agir dos atores sociais” (SOUZA, 2011 p. 212), ou seja, as experiências que cada sujeito presenciou e vivenciou será fundamental na sua constituição. Contudo, as histórias de vida e as vivências de cada um, certamente foram promovidas e compartilhadas através da interação com o outro.

Segundo Vigotski (1998), ao nascer o sujeito já se torna um ser social, pois sua chegada modifica uma estrutura pré-estabelecida e mesmo sem consciência desse processo, já age sobre o outro, da mesma forma em que ele só se desenvolve porque existe o outro que o recebe no mundo social, carregando de significados o gesto interpretativo humano. Essa interação constitui laços de proximidades interpessoais. O ser humano está sempre em desenvolvimento e as dimensões sociais e biológicas afetam essa construção, pois as mudanças não ocorrem de maneira isolada (VIGOTSKI, 1998). Essa dinâmica possibilita a construção de um sujeito ativo, pois a partir de seu relacionamento com o outro social, internaliza gestos, padrões culturais, regras, modos de existir e significar que passam a lhe constituir culturalmente.

Para Quadros (2006), com os surdos estimulados a sinalização acontece da mesma forma, quando o bebê interage com seus pais e sujeitos mais

próximos, ele vai relacionando gestos e expressões faciais e quando maior, por volta dos quatro anos de vida, já consegue realizar sinais mais complexos, o que mostra sua naturalidade para língua de sinais. No caso do sujeito surdo, a negação de sua perda auditiva, em primeiro momento, pode acarretar diversos problemas, entre eles a dificuldade de aproximação com o outro (QUADROS, 2006).

O mundo social é constituído de ações objetivas e subjetivas, sendo toda a interação mediada constantemente. As relações sociais e todas as atividades praticadas pelo indivíduo são modificadas, inclusive a linguagem e o pensamento. No entanto, Lave e Wenger (2002) alertam para não recorrermos no erro de reprimir linguagem e pensamento, a ponto de descaracterizá-los, tornando-os sinônimos, como alguns estudiosos defendem. Para eles, a linguagem se desenvolve e se constitui numa atividade histórica e constante. Dessa forma, vemos a importância de discutir a linguagem, uma vez que essa se comporta como mediadora das relações nas práticas sociais.

2.2 Língua (gem)

Como pode ser apreendida a partir de nosso objetivo principal, que é compreender como se organizam os jogos das “vozes surdas” nas práticas sociais na internet, uma discussão primordial que vem perpassando os escritos anteriores é o conceito de linguagem. Vigotski (2005) diz que o caminho percorrido por pensamento e linguagem não é paralelo, pelo contrário possui trechos e vias que se encontram constantemente, apesar de serem, em suas origens, linhas diferentes de desenvolvimento. Portanto, pretendemos realizar um debate sobre a formação e o desenvolvimento dessas duas instâncias na concepção do indivíduo.

Para tanto, achamos interessante realizar um debate acerca dos estudos de Bakhtin (2004) e de Vigotski (2005), pois ambos estudaram a linguagem e seu desenvolvimento a partir de perspectivas convergentes, do nosso ponto de vista. São teóricos que consideram que o contexto social tem grande relevância para o desenvolvimento da linguagem e a compreensão entre os sujeitos, pois para eles a linguagem é um ganho da ação do indivíduo e se estabelece como uma prática social. Esses dois autores defendem que a linguagem, além de uma

função comunicacional, possui uma missão de “produto” cultural, assim como comandar as atividades cognitivas e sociais.

Vigotski teve influência dos ideais e métodos marxistas, ao mesmo tempo em que Marx utilizava o método dialético para explicar a história da humanidade com base em contradições sociais, Vigotski (2005) o utilizava para explicar a constituição do psiquismo com base nas contradições entre pensamento e linguagem. O método dialético marxista implica considerar que tudo é histórico e fruto de um processo histórico, logo os fenômenos devem ser compreendidos à luz da transformação e mudança, rastreando-os até suas origens. Existe uma historicidade que se manifesta na construção da linguagem, pois a própria linguagem se constitui a partir do social e do histórico (VIGOTSKI, 2005). A partir das interações sociais a linguagem passará a ter instrumentos suficientes para se apropriar de elementos extralinguísticos e estes, com o passar do tempo, serão elementos históricos que irão compor a linguagem e as relações sociais.

Para Lev Vigotski (2005), o sujeito apropria-se de uma cultura através da interação social entre outros humanos e essa interação é mediada pela linguagem. Ele diz que os fenômenos linguagem e pensamento são indissociáveis, apesar de inicialmente se originarem de linhas independentes. Só depois, com o desenvolvimento infantil, através do significado como unidade mínima que congrega pensamento e linguagem em um mesmo ato de generalização da realidade, a linguagem passa a ter função reguladora mediadora, além de função comunicacional (VIGOTSKI, 2005).

Vigotski (2005) concebeu a linguagem externa e a interna que, segundo Morato (2002, p.47) “[...] a fala egocêntrica é um estágio na evolução da linguagem externa, social, dialógica, para a linguagem interna, que guardaria daquela certas propriedades linguísticas”. A fala egocêntrica demonstra uma necessidade de reflexão da linguagem no sentido de auto regulação. Para Vigotski (2005), a função reguladora da linguagem se concretiza no uso entre os sujeitos, ou seja, no uso social da linguagem que é repleta de historicidade.

Em outras palavras, para Morato (2002), é importante considerar que a associação entre pensamento e linguagem se dá através do pensamento verbal, ou seja, um pensamento que é “mediado e impregnado de linguagem, cuja

unidade é o significado / sentido da palavra, que garante a relação entre linguagem e pensamento” (MORATO, 2002, p.50). Dessa forma, a relação entre pensamento e linguagem não admite somente uma interpretação do significado simplesmente, “antes, guarda as tensões, as negociações, as regulações dispostas na construção do sentido no decurso do desenvolvimento linguístico-cognitivo” (MORATO, 2002, p. 50). Entre pensamento e linguagem, a abordagem bakhtiniana não estabelece uma divisão/separação entre ambos, mas sim uma relação “linguística-cognitiva”, na qual um se encontra em completude com o outro.

É importante mencionar que a defesa da linguagem e pensamento serem dois processos interligados e associados nem sempre foi a visão defendida pelos estudiosos da linguística. Em seu Curso de Linguística Geral, Ferdinand Saussure (1995), considerado o pai de linguística moderna, elegeu a língua (*langue*) como objeto dessa ciência, em detrimento da fala (*parole*). Saussure (1995) compreende que há uma relação entre a língua e a fala mas, privilegia o estudo da língua como um sistema convencionado, imutável e abstrato, utilizando-se de uma visão dicotômica para estudar esses dois fenômenos.

Obviamente, sua visão é coerente com o momento estruturalista em que se insere esse autor, o que explica, muitas vezes, seu pensamento voltado para ideias positivistas ao explicar a língua e sua constituição (SAUSSURE, 1995). Todavia, reafirmamos sua importante contribuição para os avanços da análise linguística.

Alguns pontos dos estudos saussurianos são importantes nessa reflexão, como, por exemplo, os elementos língua e fala, assim como os desdobramentos dos signos linguísticos, bem como seus significados e significantes. Saussure (1995) define língua como sistema de signos que se constitui através de um sentido (significado) e uma imagem acústica (significante), possuindo ambos uma relação de mutualidade, ou seja, uma dependência inerente a sua usabilidade. Porém, o significado pode simbolizar diversos significantes, o que originou a afirmação que “o signo linguístico é arbitrário” (SAUSSURE, 1997, p. 81), sendo assim não está assujeitado as vontades do falante.

Saussure (1997), como dito anteriormente, tinha uma visão dicotômica de

língua e fala, ele considerava que o lado social era a língua, enquanto que a fala referia-se ao individual e era dita como secundária. Em outras palavras, Saussure (1995) defendeu que a fala se modificava de acordo com a ação do sujeito, por ser um ato individual. Já a língua permanecia inalterável, independente da ação do homem, a fala sistemática (SAUSSURE, 1995) . Fundamentando sua visão estruturalista, Saussure (1995) acreditava que a língua era um sistema composto de signos linguísticos que não se alteravam, pois, sua definição viria a partir de uma convenção social.

Opondo-se a esse cenário linguístico, Bakhtin (2004) discorda do tratamento dado à fala, pois acredita que, para estudar o uso da língua, é fundamental entender os processos da fala para compreender o caráter social da linguagem. Mikhail Mikhailovich Bakhtin foi filósofo de nacionalidade russa que juntamente com seu grupo de estudos, conhecido por Círculo de Bakhtin, discutia e refletia sobre diversas áreas, especialmente sobre a linguagem (FARACO, 2003). Um dos intuítos do círculo era mostrar que a linguagem não se constitui de forma isolada e individual e sim através das ações existentes nas práticas. Bakhtin (2004) via a linguagem como um entrelaçado de fios, a qual só poderia ser compreendida se observada e analisada em seu contexto, para que fizesse sentido. Cada enunciado linguístico seria um elo numa cadeia dialógica ininterrupta, que responderia a outros enunciados e esperaria, por sua vez, pelos atos de responsividade de outros sociais.

Coerente com Vigotski (2005), embora em suas biografias conste que não trocaram experiências e nem tampouco conheceram mutuamente um o trabalho do outro, na Rússia do início do século XX, Bakhtin (2004) defende que a língua é um fenômeno social que se estabelece por meio da interação entre os sujeitos e seu olhar sobre o mundo. É essa linguagem, originada e desenvolvida pelo sujeito de ação, que servirá como passaporte para a constituição da subjetividade. Por isso, é primordial olharmos o contexto no qual a fala é empregada, pois tudo diz respeito à interação eu-outro. A palavra torna-se um termo recorrente nos estudos de Bakhtin (2004) que, como já dissemos, tem na ideia de linguagem a concepção de que cada palavra vem sempre impregnada de outras já ditas anteriormente, pois respondem a algo que já foi mencionado, criando-se uma cadeia constante do diálogo verbal: o dialogismo.

O dialogismo é a carga de pluralidade de sentidos trazida no discurso (BAKHTIN, 2004). De acordo com Bakhtin (2004), o dialogismo se opõe ao monologismo, porque todo discurso pressupõe uma carga ideológica, na qual se manifestam várias vozes: “o dialogismo é a condição de sentido do discurso” (BARROS, 2003). De acordo com Bakhtin (2004), o conceito de dialogismo é fundamental para se entender a linguagem e se constitui a partir da interação verbal, mas não quer dizer com isso aquela ideia de diálogo em sentido mais corriqueiro de troca de turnos entre interlocutores. Todas as ações humanas estão impregnadas de dialogismo, seja o uso de um artefato, seja a leitura de um livro, seja a reflexão solitária. Estaríamos sempre em jogo dialógico com múltiplas vozes que nos constituem e estabelecemos com elas elos entre seus enunciados e os nossos. A interação verbal a qual Bakhtin (2004) refere-se diz respeito à relação comunicativa entre o enunciador e enunciatário, acontecendo nessa interação a manifestação de vozes e ideologias adquiridas nas experiências vivenciadas. O processo dialógico será constituído com o outro.

Mikhail Bakhtin (2004) apresenta sua visão sobre linguagem através de alguns termos fundamentais para seus estudos, entre eles a enunciação. Para Bakhtin (2004), a enunciação é um fruto da interação verbal advinda de uma ação entre interlocutores que são historicamente organizados, ou seja, trata-se de um fenômeno eminentemente social. Por conseguinte, compreendemos que a enunciação se constrói a partir de tudo que liga o indivíduo e a sociedade, ou seja, todo o processo de interação social vivenciado pelo sujeito influencia direta ou indiretamente nessa construção.

Bakhtin (2004) ratifica que a enunciação possui uma significação única e seu tema não se repete, pois uma enunciação sempre que é dita traz um novo sentido. Isso comprova, o que apresentamos previamente, que a enunciação se constitui de elementos linguísticos e históricos. Bakhtin defende que o tema e a significação não se dicotomizam, assim como o sentido e o conceito existentes num discurso vão estar intrinsecamente relacionados ao dialogismo presente na interação entre os sujeitos.

Acreditamos que a importância dada às dimensões que compõem a linguagem é essencial para entender sua formação e concretização entre os

sujeitos. A dimensão linguística e a dimensão social são igualmente importantes e se complementam. Ambas contribuem no processo de construção do outro social e do sujeito individual, essa constatação remete à discussão que envolve o pensamento e a linguagem.

A relação entre pensamento e linguagem a partir dessas ideias nos mostra que a linguagem se elabora em uma instância individual e social, ou seja, não se polarizam esses processos, como vimos na visão estruturalista. Dessa forma pensamos que, ao mesmo tempo em que estudamos a formação da linguagem, torna-se de suma importância para esse estudo, aprofundarmos os conhecimentos acerca do processo dialógico da linguagem.

No que se refere ao processo dialógico, há três conceitos que falaremos a seguir: o discurso, o dialogismo e a polifonia. Estes são conceitos bakhtinianos que terão relevância fundamental para nossa pesquisa, especialmente para nossa metodologia. Acreditamos que expandir a discussão sobre esses conceitos auxiliará na observação de como se concebe a organização das práticas sociais dos surdos nas comunidades virtuais da internet e as manifestações e tensões das diversas vozes que perpassam os discursos surdos.

2.3 Dialogismo e Polifonia

Os dois conceitos chaves, do enfoque bakhtiniano, basilares para nossa metodologia, são o dialogismo e a polifonia. Ambos considerados conceitos complexos que, muitas vezes, se confundem em diversos estudos. Com o objetivo de esclarecer as diferenças e convergências entre eles, trazemos as elucidações de Brait (2005), Medina (2007; 2013), Silva (1997), Barros (2003) e do próprio Bakhtin (2004), para contribuir com a nossa reflexão acerca da dialogicidade presentes na ação discursiva.

A abordagem de Bakhtin (2004), como dito na seção anterior, explica o dialogismo como dimensão fundamental da linguagem e é o que dará sentido ao processo discursivo, no que diz respeito ao entendimento do que o *eu* diz para o *outro* e vice e versa. Por outra forma, o dialogismo também é visto como o princípio formador dessa linguagem (BRAIT, 2005), ou seja, é um elemento que

permeia o discurso a todo o momento e se configura a partir das interações entre os sujeitos e seus pares e sua cultura.

Por trazer essa complexidade de conceito, Silva (1997) apresenta quatro diferentes níveis de dialogismo que são abarcados pela perspectiva bakhtiniana. O primeiro diz respeito ao dialogismo presente no processo de interação verbal, no qual não há condição privilegiada entre enunciador e enunciatário, mas um enfoque na ação de diálogo entre ambos (SILVA, 1997). No segundo nível, temos o dialogismo interno, ou dialogicidade interna, que tem como proeminência “as relações que se estabelecem entre elementos constitutivos do discurso” (SILVA, 1997. p. 27), geralmente se destaca as analogias presente nos pares de elementos que permeiam os discursos.

O terceiro nível de dialogismo o apresenta em sua condição de intertextualidade, ou seja, refere-se à conexão existente entre o discurso atual com enunciados anteriores e posteriores (SILVA, 1997). O quarto nível percebe o dialogismo numa óptica translinguística, ou seja, quando a língua vai além da função de sistema sígnico, e passa a considerar os aspectos extraverbaís (SILVA, 1997). Nesses aspectos, incluem-se, contexto histórico, ideologia, as representações sociais e diversos outros.

Silva (1997) faz um alargamento dos níveis de dialogismo, saindo da condição mais limitada do termo para a mais abrangente e social. Diante disse, manifestamos nossa inclinação a visões de dialogismo presente nos quatro níveis. Admitimos que esses níveis se façam mais presente em nossa análise de dados, no entanto não abrimos mão de utilizar os demais níveis em determinadas em momentos que se fazem necessário. Embora tenhamos uma predileção pela concepção de dialogismo enquanto fenômeno da intertextualidade e enquanto visão translinguística, não queremos limitar nosso conceito de dialogismo, evitando agir de maneira restritiva e categórica. No entanto, entendemos e consideramos pertinente o esclarecimento desses níveis com intuito de aclarar nossa visão de língua e diálogo.

A proposta bakhtiniana defende que em toda enunciação há uma atividade dialógica, pois ao realizar um discurso o sujeito espera um retorno do outro. A resposta esperada é prevista pelo locutor que prontamente prepara uma

ação discursiva. No processo de troca e considerações dos discursos, os sujeitos ativam seus conhecimentos, ideias e experiências vividas para formulá-las. Esse movimento esclarece que, de fato, há uma relação dialógica na relação discursiva entre o eu e o outro, no qual ambos refletem *sobre a linguagem e para a linguagem* (BRAIT, 2005).

A reflexão e o pensar na elaboração de um discurso mostram o signo, que até então era considerado de caráter exclusivamente linguístico, é, na realidade, um elemento carregado de carga e valor ideológico. Isso acontece porque a enunciação se constitui tanto de elementos linguísticos quanto históricos. Larraín e Medina (2007) concordam com a perspectiva bakhtiniana que defende a visão de que todo signo linguístico é um signo ideológico e está sempre associado à ação e reflexão. Para Medina (2013), o dialogismo apresentado por Bakhtin (2005) é composto de subjetividade e funciona como mediador dos diálogos. Essa subjetividade surge no sentido de alteridade e se constitui nas relações sociais que servirão de base na construção da identidade coletiva.

Segundo Bakhtin (1994), o dialogismo se concebe na interação verbal que, como dito em discussão anterior, se estabelece na ação comunicativa entre os sujeitos. A interação entre enunciador e enunciatário será repleta de vozes que permearão esses discursos. A enunciação possui um movimento dialógico que acarretará nos sujeitos uma atividade em constante interação, pois a enunciação só se faz entender quando a colocamos neste movimento dialógico, ou seja, em confrontos com as várias vozes. Brait (2005) diz que no processo enunciação compreendemos os enunciados, não pela sua constituição linguística, mas pela sua carga ideológica, na qual irá permear o sentido real do discurso. Como já dissemos, para se compreender o processo dialógico descrito por Bakhtin (2005), não devemos associá-lo à conversa entre sujeitos, mas sim a um sentido de interação verbal ativa, entre o sujeito e o outro ou entre sujeito e si mesmo, em uma troca comunicacional na qual se tem perguntas, respostas, perguntas-respostas, indagações e assim sucessivamente. É um jogo ativo, no qual o dialógico funciona como algo provocador de discussões.

O jogo dialógico que se concretiza no discurso pode fazer uso da intertextualidade. Um discurso se constitui a partir de outro, isso quer dizer que há uma busca intertextual ao ser realizado um discurso (BRAIT, 2005). O papel

fundamental da intertextualidade é de enriquecer os diálogos, por isso acreditamos que a intertextualidade pode sim valorizar e dar ênfase ao discurso. No entanto, a intertextualidade pode também desconstruir um discurso acabado, isto é, mesmo com suas significações próprias pode modificar-se à medida que um novo discurso adentre o jogo dialógico. As diferentes vozes podem dar um novo direcionamento ou rumo ao discurso, porém podem fortalecê-lo no confronto de ideias.

O processo dialógico entre os sujeitos, os quais utilizam a intertextualidade em determinados momentos para afiançar seu discurso, acarreta a existência de diversas vozes. Isso porque a construção do discurso se dá a partir de inúmeras fontes de conhecimento. Esse conhecimento alcançado pelo sujeito se constrói à medida que este busca novas informações e saberes. Dessa forma, outro conceito que Bakhtin (2005) abarca em seus escritos, a polifonia, que é definido como as múltiplas vozes que se cruzam nos discursos, será relevante na presente pesquisa. Segundo Barros (2003, p.5 e 6) os discursos:

[...] são dialógicos porque resultam do embate de muitas vozes sociais; podem, no entanto, produzir efeitos de polifonias, quando essas vozes ou algumas delas deixam-se escutar, ou de monofonia, quando o diálogo é mascarado e uma voz, apenas, faz-se ouvir. (BARROS, 2003, p.5)

[...] as vozes que dialogam e polemizam “olham” de posições sociais e ideológicas diferentes, e o discurso se constrói no cruzamento dos pontos de vista. (BARROS, 2003, p.5)

O conceito de polifonia, da abordagem bakhtiniana, assim como o dialogismo, possuem certa complexidade aparente, principalmente, por dizer respeito, inicialmente, aos estudos literários, especificamente na análise da ficção dostoiévskiana. Mas, apesar de *a priori* ser usualmente situado nos campos literários, este foi se adaptando para as diversas áreas do conhecimento. E nos domínios da enunciação a polifonia está relacionada à consciência humana, isto é, a sua perspectiva de mundo e ideologias.

A polifonia é a rede dialógica de vozes que irá mobilizar provocações ou complementos diversos. Tendo em vista que as vozes representam a força discursiva, pensamos que seja necessário, portanto, um estudo das representações dessas vozes. É clara a versatilidade presente no discurso

proferido por Bakhtin (2004). E é ainda mais clara que essa versatilidade se desenvolve a partir do dialogismo existente em toda interação verbal. Isso mostra que os discursos se constituem de maneira heterogênea, isso porque um discurso se constrói a partir de outros.

As interações se compõem através da linguagem e carregam um nível ideológico, com significado para o sujeito e subexistindo por meio dos signos. Os signos estão muito atrelados à cultura do sujeito, ou seja, à realidade vivenciada que interferirá nos seus discursos. De todos os signos ideológicos, a palavra é a mais exaltada por Bakhtin (2004), devido à facilidade em se comportar e transportar-se para diferentes contextos. Bakhtin (1994) assegura a palavra que é contextual, e para explicar eleger três possibilidades de uso dessa palavra, são: a palavra enquanto uma língua neutra, vista como algo independente de posse; a palavra enquanto elemento “alheio”, ou seja, pertencente ao outro, uma espécie de empréstimo sógnico; por último a “minha” palavra, que diz respeito à construção própria do sujeito que a utiliza.

No entanto, independente da escolha de significado, utilizado por Bakhtin (1994), à respeito do conceito de “palavra”, é assegurado por este que, trata-se de um elemento linguístico de natureza polifônica. Ou seja, mesmo numa condição neutra, própria ou alheia, não se trata de um elemento “original”, este sempre estará carregado de valor ideológico e transpassado de vozes discursivas, anteriores e posteriores (BAKHTIN, 1994).

Em consonância à perspectiva bakhtiniana, a palavra possui caráter multifacetado, pois não é física, mas se moldará de acordo com a interação social e os sujeitos que serão *o outro no discurso*. A palavra se constitui porque existe a relação dialógica de dois ou mais sujeitos e seu sentido e significado só pode ser visto e estudado a partir dessa relação e seus componentes, assim como todos os elementos da abordagem bakhtiniana, este tem como cenário a interação verbal.

Ao olharmos para o sujeito dessa pesquisa, defendemos que essa discussão sobre dialogismo e polifonia corrobora com a proposta principal desse trabalho, uma vez que queremos estudar as “vozes surdas” presentes nos discursos que circulam nas redes sociais. Reiterando que se trata de uma voz

social abraçada por uma minoria, tanto social quanto linguística, os surdos. Por isso, acreditamos que essas vozes, pertencentes à comunidade surda, são retentoras de ações que investem em movimentos de reconhecimento de suas identidades e de suas lutas sociais, trazendo em seus discursos falas impregnadas de valores ideológicos, apresentando diálogos repletos de vozes sociais.

2.4 Que discurso é esse?

Quando nos perguntamos “O que é discurso?”, compreendemos que há possíveis respostas, isso porque consideramos que se trata de um conceito que é estudado nas diversas áreas do conhecimento e por mais de uma corrente teórica, dentre elas o campo da linguagem. No entanto, não pretendemos aqui explanar todos os conceitos existentes sobre o tema, mas definir a concepção de discurso que norteará essa pesquisa. Tomamos como aporte teórico Bakhtin (1994; 2004), Maingueneau (2005; 2010; 2013; 2015) e Bandão (2004) por considerarmos que esses autores problematizam o conceito de discurso de maneira coerente e contextualizada a nossa base epistemológica histórico cultural, da escola de Vigotski (1998;2000;2005).

Antes de adentrarmos a visão de discurso enquanto elemento que se constitui do social, pretendemos esclarecer que há diversas concepções de linguagem, dentre elas algumas que se opõem a essa visão. Ingedore Koch (2002) faz uma explanação sobre as concepções de linguagem e sujeito, nos apresentando três abordagens distintas: língua como representação do pensamento, língua como instrumento de comunicação e língua como interação. Para apresentá-las, Koch (2002) exhibe uma subsequência que envolve língua, sujeito e texto, ou seja, ela classifica o discurso a partir da sua relação com esses elementos.

Segundo Koch (2002), a língua enquanto representação do pensamento percebe o texto como reprodução mental das ideias e reflexões que o sujeito carrega, como se este fosse ser único e irrestrito de suas opiniões e conceitos. Sendo assim para que possa ser compreendido, ou seja, para que o sentido real do texto apareça é necessário que o leitor capture essa representação mental do autor. Enquanto que nessa primeira concepção o sujeito imprime seu

pensamento através do texto, na concepção de língua como instrumento de comunicação esse sujeito é detentor de um código linguístico e transmissor desse código por meio de seu texto (KOCH, 2002). Dessa forma, o leitor necessita ter conhecimento do código para compreender o sentido real do texto. Travaglia (1997), diz que essa concepção de língua o objetivo “é transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor” (TRAVAGLIA, 1997, p.24).

Apenas na última concepção definida por Koch (2002) encontramos uma língua dialógica que se constitui por meio da interação entre sujeito, texto e leitor. Nessa visão de língua, a construção do produto (texto) é realizada através de uma influência mútua e o seu sentido é reconhecido na interação entre os elementos, sendo esses ativos e participadores, tanto linguístico, quanto social e histórico (KOCH, 2002). Para arrematar a concepção de língua em seu âmbito social, defendemos que:

O texto é lugar de interação de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos; e que, por meio de ações lingüísticas e sociocognitivas, constroem objetos-de-discurso e propostas de sentido, ao operarem escolhas significativas entre as múltiplas formas de organização textual e as diversas possibilidades de seleção lexical que a língua que lhes põe a disposição. (KOCH, 2010, p.7)

Congruente à visão de Koch (2002), Geraldi (1997) sustenta a ideia de língua enquanto espaço de interação que acarretará numa mediação, através da linguagem, entre os sujeitos. Essa mesma linguagem é definida pelo autor como construtora das relações sociais, o que torna o usuário da língua um sujeito ativo diante de seu discurso de fala/escrita (GERALDI, 1997). À vista dessas abordagens linguísticas, entendemos coerência ao trazer Marcuschi (2000) e sua percepção de língua enquanto atividade, pois ele percebe a mesma como algo que transcende a função de elemento linguístico e, mais que isso, como algo que remete a ideia de movimento. Essa visão Marcuschiana interpreta a língua como pertencente a uma dimensão sociocognitiva e histórica, ou seja, a compreende em sua âmbito cultural, social e como fenômeno linguístico de fato (MARCUSCHI, 2000).

Refletir e compreender acerca das concepções de linguagem torna-se importante, uma vez que, para entendermos discurso, é necessário

problematizar as diferentes visões de língua. Devemos ter também, a noção de que o próprio conceito de discurso nos revela uma complexidade que carece de maior responsabilidade ao mencionarmos o tema. E retomando ao início da nossa discussão sobre o conceito de discurso que norteia nossa pesquisa, ressaltamos, mais uma vez, que Bakhtin (1994; 2004), Maingueneau (2005; 2010; 2013; 2015) e Brandão (2004) são autores que corroboram com a visão social de discurso.

Brandão (2006) afirma que a saída do senso comum e da visão dicotômica saussuriana, no que se refere aos estudos sobre o fenômeno da linguagem, é justamente o que dá margem às pesquisas sobre o discurso. Essa afirmação toma força, uma vez que a autora considera que a instância que abrange a linguagem perpassa o plano linguístico e extralinguístico, ou seja, o que está aquém da dimensão propriamente linguística, também constitui a linguagem reforçando, antes de qualquer coisa, sua força sócio histórica. Dessa forma, partindo do pensamento de Brandão (2006) e, mais à frente de Maingueneau (2005; 2010; 2013; 2015), nós vamos autenticar que estudar a língua é uma ação inerente ao estudo das interações sociais, isso porque o discurso vai envolver ideologias e constituição histórica dos indivíduos.

A ideia de que o sujeito se constrói e se constitui a partir de sua história também é defendida pelos postulados do Círculo de Bakhtin, dessa forma, convidamos para essa discussão alguns teóricos que defendem o conceito de discurso atrelado à concepção histórica de formação do sujeito. Maingueneau (2005), em seu livro *Gêneses dos Discursos*, nos dá uma verdadeira aula sobre os elementos que envolvem a construção e formação do discurso, tanto na esfera linguística quanto na esfera social. Diante disso, seguimos uma linha de discussão para esse debate, visando refletir sobre a historicidade presente na ação discursiva. Apropriando-nos de sua fala, compreendemos o discurso “como integralmente linguísticos e integralmente históricos” (MAINGUENEAU, 2005, p.16).

Podemos concluir que língua envolve cultura, que têm como personagens principais os sujeitos, sendo estes historicamente situados e socialmente constituídos, o que lhe caracteriza como sujeito possuidor de uma identidade.

Podemos afirmar, também, que toda palavra proferida, ou seja, todo discurso concretizado pelo sujeito carrega consigo uma carga histórica e ideológica, e todos esses movimentos linguísticos e sociais culminarão num cenário de sociedade.

2.4.1 Análise Dialógica do Discurso

Ainda falando sobre discurso, queremos nessa seção, contextualizar a linha da análise do discurso que é a base analítica de nossa metodologia na presente pesquisa. Para tanto, pretendemos realizar uma explicação lacônica acerca das vertentes que conduzem as linhas da Análise do Discurso, especialmente a linha escolhida para esse estudo.

Resumidamente pode-se dizer que a análise do discurso está dividida em dois grupos, a análise de discurso americana, que visa uma análise mais linguístico-pragmática e a vertente europeia, que possui um cunho materialista e tende a analisar o sujeito por seus aspectos ideológicos e psicológicos (ORLANDI, 2003). Brandão (2004) coloca de um lado a linha americana, encabeçada por Zellig Harris, que mostra o discurso numa perspectiva distanciada dos aspectos sócio históricos que os envolve. Enquanto que o lado europeu, com Émile Benveniste (1991), no que se refere a discurso, considera, antes de tudo, o contexto sócio-histórico do sujeito que enuncia.

Sobre a perspectiva europeia, Orlandi (2003) considera a continuidade linguística, ou seja, abarca a complexidade existente na composição do discurso. Seguindo a linha europeia, a análise de discurso francesa mostra uma dependência entre os campos da linguística, do materialismo dialético (Marxismo) e a psicanálise (Freud). Para Brandão (2004), os dois conceitos chaves da análise de discurso francesa são ideologia, à luz de Althusser, e o discurso, com base nos postulados de Foucault. Nesse momento, fazemos uma correlação entre os pensamentos de Althusser e do marxismo, pois o primeiro teve toda a sua visão de ideologia penetrada dos ensinamentos de Marx.

Bebendo dessa fonte, Bakhtin (2004) criou sua visão de ideologia baseado em pressupostos estabelecidos no marxismo. Dessa forma, para Bakhtin (2004), em sua obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, toda a visão

de discurso e a análise deste passam por uma ótica social e histórica. Analisar um discurso com base na perspectiva bakhtiniana significa compreender a língua enquanto signo ideológico que se constitui por meio da interação, sendo este produto originado pelas classes sociais organizadas (BAKHTIN, 2004).

Brait (2005) diz que não é possível afirmar que o Círculo de Bakhtin criou ou desenvolveu um método e uma teoria de análise do discurso. No entanto, é plausível dizer que sua episteme contribuiu para o surgimento da Análise Dialógica do Discurso. Para Brait (2005), a ADD “diz respeito a uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiada nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados” (BRAIT, 2005, p. 10). Sendo assim, a ADD se origina de estudos sobre a metalinguística, ou seja, diz respeito às relações dialógicas que excede o território da língua. Brait (2005) refere-se ao termo bivocalidade ao descrever a ADD, pois ela considera importante compreender que a relação dialógica, ou seja, o discurso, na visão bakhtiniana possui dois nortes que devem ser considerados na análise, o extralinguístico e o linguístico.

CAPÍTULO III – SURDEZ E INTERNET

3.1 Internet e Participação social

Nos últimos anos, o mundo virtual tomou uma proporção enorme e passou a fazer parte do nosso cotidiano. O uso de computadores, *tablets*, *smartphones*, todos conectados à internet, facilita o acesso do usuário a sites de diversas naturezas, entre eles as redes sociais. O ambiente em rede se define como um novo formato de sociedade que interage e compartilha, constituindo um novo cenário social. A dimensão abarcada pela sociedade em rede possibilita a quebra de barreiras culturais e espaciais, sendo um fato curioso na internet a quantidade de pessoas que as utiliza para se posicionar e se "fazer ouvir".

Os usuários surdos, assim como qualquer outro, também utilizam as redes sociais com bastante frequência e, muitas vezes, para se integrarem a grupos de causas e lutas surdas. O conceito de redes sociais que abordaremos é o de Recuero (2009), que apresenta três funções que definem as redes sociais: a possibilidade de construir um perfil virtual, comentar nas postagens e, por último, o domínio público das informações. Dentre as redes sociais, o Facebook tem bastante destaque, talvez pela sua facilidade no acesso e também pela enorme rede de usuários que congregou, facilitando o encontro entre pessoas no espaço virtual. Ramos (2011, p. 9) diz: "Penso ser possível afirmar que o Facebook é hoje o site de relacionamentos mais utilizado por surdos, especialmente por aqueles que participam da comunidade surda, que estão sempre participando do movimento surdo". Segundo Mazzocato (2014) podemos concluir que:

O Facebook é um site de redes sociais utilizado em larga escala e mundialmente. Além disso caracteriza-se por, no passar dos anos, ter ampliado suas possibilidades de participação inserindo novas funcionalidades, principalmente inspiradas pela própria utilização da plataforma por seus usuários. Seu objetivo parece ser o de abranger todas as formas de compartilhamento e leitura de conteúdo pessoal ou informativo online. Tornando-se, assim, um ambiente complexo onde se torna possível observar uma grande variedade de dados referentes à formação de identidade e trocas de conteúdos com os quais os sujeitos se identifiquem. (MAZZOCATO, 2014, p. 23).

Para Recuero (2009), a rede social se constitui de dois elementos, os atores e as conexões. A rede irá possibilitar essas conexões, que nada mais são

que os pontos que evidenciam as interações sociais no virtual. Vale salientar que, em seu livro “Redes sociais na internet”, Recuero (2009) afirma ser impossível o sujeito construir uma ação isolada na internet, pois esta conquistou um espaço de fundamental importância, logo toda e qualquer atividade desenvolvida no ambiente virtual influencia as estruturas sociais. A rede será composta por diversos elementos, dentre eles os atores sociais. Esses serão os sujeitos de ação, que, de acordo com Recuero (2009), se apresentarão no espaço virtual de maneira diferente, através das representações sociais, como por exemplo, o seu perfil social da rede de relacionamentos, o facebook.

No que se refere a esse perfil social, acreditamos ser pertinente um breve elucidação acerca do *ethos* discursivo. Para Maingueneau (2005), o *ethos* discursivo diz respeito à imagem que se constrói sobre aqueles que estão inseridos num processo de interação verbal. Ou seja, quando há a construção de um enunciado, isto é, quanto a enunciação se realiza, existe uma ação que remete ao papel social que o locutor faz de si mesmo e do outro o qual interage, e o contrário também acontece. Dessa forma, se estabelece uma construção de imagem, dando início a um jogo de poderes que definirão os papéis sociais de cada sujeito envolvido na ação discursiva (MAINGUENEAU, 2005).

Maingueneau (2005) divide o *ethos* em pré-discursivo e discursivo, o primeiro refere-se à imagem que o coenunciador cria, antes mesmo do ato discursivo, essa imagem pode ser concretizada ou não. Já o *ethos* discursivo pode ser o dito e o mostrado, sendo o primeiro relativo ao texto *in natura*, ou seja, o que realmente é discursado, e o mostrado envolve aquilo que está implícito no discurso, ou melhor, o que está subjacente à enunciação (MAINGUENEAU, 2005).

Essa noção de *ethos* é fundamental para entendermos a construção de um perfil na rede social, isso porque a criação desse autorretrato nada mais é que a construção de uma imagem. Esse processo envolve o *ethos* pré-discursivo, ou seja, aquilo que o outro cria como possíveis características a partir da imagem. Também abrange o *ethos* discursivo dito, isto é, o que está propositalmente explícito no perfil social, e o *ethos* mostrado, que se refere ao que está tácito, mas que também diz respeito à imagem ou representação social.

O ambiente virtual tem uma forte característica de interação que passa por cima de muitos medos, nesse sentido nos referimos à liberdade de expressão que é dada nessas redes virtuais. Muitas vezes esse espaço é utilizado como “microfone” por diversas pessoas e grupos que desejam ser ouvidos e querem compartilhar ideias. Quando pensamos em preconceito também é possível observar, nas redes, as lutas e causas que ganham repercussões através de compartilhamento e troca de informações. Warschauer (2006, p.252) diz que a internet “[...] proporciona oportunidades especiais para os grupos marginalizados, permitindo-lhes equilibrar a disputa nas situações que, normalmente, esses grupos estão em desvantagens”.

Fazemos aqui uma ponte entre redes sociais e comunidades virtuais. Esses conceitos relacionam-se estritamente ao conceito de interação, porque se acredita que tais espaços sugerem e propiciam uma troca de experiências e posicionamentos.

Sobre comunidade virtual, Howard Rheingold (1996) é o pioneiro desses estudos na década de 90. Ele define a comunidade virtual em rede eletrônica, na qual os membros se comunicam e se organizam no ciberespaço por interesses comuns. Para Warschauer (2006), as comunidades online se caracterizam pelos vínculos sociais que alcançam, isso acontece com bastante frequência porque a comunidade possui uma atmosfera contextual favorável, de acolhimento. Existe na internet um contexto que propicia a formação de grupos que se reconhecem em suas afinidades. As interações entre esses sujeitos acontecem de forma online, o que, de certa forma, justifica as mudanças constantes nos discursos, sendo primordial que essas sejam repassadas para os membros, pois o não compartilhamento pode gerar uma desestruturação na comunidade.

A formação de comunidades virtuais surgiu à medida que os sujeitos passaram a ter relações que não se sustentavam por si só, foi necessária a formação de grupos, nos quais esses indivíduos pudessem trocar e compartilhar suas ideias. O que houve, na verdade, foi a troca de um lugar presencial para um espaço online (WARSCHAUER, 2006). Rheingold (1996) tem uma outra versão sobre essa formação de comunidades virtuais, ele acredita que a

insegurança existente na sociedade tradicional impossibilitou a continuidade das comunidades presenciais e que a internet despertou o surgimento das comunidades virtuais, possibilitando, assim, uma segurança maior no ambiente de interação. A comunidade virtual tem como principal característica a coletividade, pois nesses espaços o objetivo principal é a busca compartilhada por conhecimentos e informações. Em outras palavras, podemos convergir suas ideias com as de Lèvy (1999), quando este discorre sobre a busca por uma inteligência coletiva.

Inteligência coletiva é definida por Lèvy (1999) como uma tomada de decisão, diz respeito a tornar-se inteligente de maneira coletiva, ou seja, construir uma sociedade inteligente. Mas o que na maioria das vezes acontece é o oposto, ou seja, ao invés de tornar-se inteligente, a sociedade se permite ser *conduzida* por pessoas inteligentes. Para a construção de uma inteligência coletiva é necessária a interação entre o eu e o outro, isso porque a característica que a define é a ação colaborativa e não a individual. Com o uso da internet, a construção da inteligência coletiva tornar-se-ia mais acessível, pois trata-se de ter à disposição uma gama de conhecimentos e informações. Outro ponto favorável é o surgimento de líderes, que se posicionam e trazem pautas e discussões para o debate, ação que os torna agentes sociais, que, segundo Lèvy (1999), são os sujeitos possuidores de um potencial de iniciativa.

Recuero (2009) argumenta que as redes sociais têm como objetivo a interação e a promoção de relacionamentos online, porém, não deixa de ser um site. Quem na realidade modifica e provoca a ação e os processos interacionais são os atores sociais. Em suas palavras: “São os atores sociais que utilizam essas redes, que constituem essas redes” (RECUERO, 2009). Assim, o indivíduo tem poder de modificar as ações que acontecem nas redes e possui autonomia para realizar suas escolhas e se posicionar diante de ideias, pois o site é apenas um sistema que precisa dos atores interagindo e atuando neste cenário.

Nesses espaços virtuais, surgem as lideranças, que de nada serviriam se não houvesse a interação entre os integrantes do grupo. A liderança é extremamente importante, pois é a partir dela que surgem as iniciativas, no entanto, as práticas sociais só são possíveis e realizáveis através da ação

colaborativa entre os sujeitos. A ideia de Rede, a qual nos referimos desde o início desta seção, remete a uma lógica de ações coletivas e nunca o oposto, sendo assim, uma liderança não existe sem os demais membros de uma comunidade. Castells (2003, p. 109) articula que “o individualismo em rede é um padrão social, não um acúmulo de indivíduos isolados. Sendo assim, indivíduos montam suas redes, on-line e off-line, com base em seus interesses, valores, afinidades e projetos.” A união de indivíduos em rede muitas vezes diz respeito ao desejo para obtenção de algo.

Diante dessa discussão, acreditamos que o ambiente virtual é muito mais que um simples uso de uma tecnologia. A proposta pode até ser esta, usar a internet como uma maneira de otimizar o tempo ou até mesmo de adquirir conhecimento e ter acesso aos conhecimentos de maneira mais rápida. No entanto, percebemos que a internet proporciona muito mais, isso porque ela é utilizada por indivíduos e as ações de uso, com diferentes motivos e objetivos diversos, mudam toda a configuração dita anteriormente. A partir do momento em que sujeitos constroem um espaço em suas ações, o ambiente passa a ser um cenário de interações e, diante disso, passará a existir uma complexidade que é inerente ao ser humano. As redes sociais são prova disso, uma vez que são permeadas de interações entre os sujeitos, e geram uma atmosfera complexa e infinitamente social.

A expectativa de ter, na internet, um espaço virtual que irá proporcionar interação e encontros com diferentes sujeitos, traz para o indivíduo que possui um histórico de exclusão, uma oportunidade de se integrar na sociedade. E muito mais que isso, a oportunidade de construir laços sociais e, quem sabe, erguer lutas que pleiteiem suas ansias e aspirações culturais e identitárias. A rede social, segundo Ramos (2011), é uma ferramenta virtual muito utilizada pelos surdos, uma vez que diminui as barreiras em relação à comunicação (Língua), pois na internet o surdo pode se expressar e ser ouvido de forma mais efetiva. Nas redes sociais o surdo terá um acesso mais amplo ao mundo e seus conhecimentos, informações essas que, na maioria das vezes, foram negadas aos sujeitos surdos.

3.2 As Redes Sociais e os Surdos

Diante dos diversos pontos positivos e ganhos que a internet possibilita para o cenário da surdez, vale frisar que os recursos visuais são também um grande atrativo. Segundo Quadros (2006), os surdos, em geral, são atraídos pelo mundo virtual, uma vez que essa é uma realidade contextualiza para eles que não se identificam com cultura oral. A cultura visual faz mais sentido, de maneira que o surdo se coloca de forma mais autônoma e opta pelo uso do visual-motor, sendo esses os sentidos mais aguçados neles. Essa “saída” de um contexto oral-auditivo para algo que faça sentido traz uma possibilidade de acesso a informações e de certa forma uma autonomia em relação a suas lutas sociais. Há uma imensa valorização aos sentidos visuais entre os surdos e isso é relatado pelos estudos surdos, como nos diz Perlin (2003, p. 218), pesquisadora surda, que aproveita essa condição para realizar relatos pessoais em seus escritos:

Se vocês nos perguntarem aqui: o que é ser surdo? Temos uma resposta: ser surdo é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, mas de uma experiência visual. Experiência visual significa a utilização da visão (em substituição total a audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. (PERLIN, 2003, p. 218)

Ainda sobre o visual, Schallenberger (2010, p. 61):

As mídias [...], são de uso comum para surdos e ouvintes, mas os surdos são por elas interpelados de maneira diversa, através da linguagem visual, o que faz com que os surdos reivindiquem mais maneiras de acessar os conteúdos midiáticos. (SCHALLENBERGER, 2010, p. 61)

O contato com a internet, no qual predomine a linguagem visual, trará para o surdo uma possibilidade de maior construção de significados. A interação a partir da linguagem oralizada remete para o surdo uma instância classificatória de língua como sistema codificado. Os surdos usam a internet com intuito de explorar o visual e concomitantemente compreender a língua portuguesa e conhecer outros surdos, com os quais poderá trocar informações em libras. Trata-se de diversas atividades possibilitadas pela Web, cuja interação com os outros sujeitos proporcionará sentido para sua cultura.

Ainda sobre a prevalência do visual, por parte dos surdos, e tendo em vista que nossa discussão envolve língua, internet e sujeito, trazemos o conceito de multimodalidade, considerando ser conexo a esse estudo. Não queremos aqui explanar todos os estudos que envolvem a multimodalidade, mas considerar os diversos recursos e possibilidades seja no campo linguístico quanto no campo tecnológico, que podem contribuir para inclusão de surdos no ambiente virtual.

Dionísio (2006) define multimodalidade como as diferentes maneiras de representação linguísticas que vai além da linguagem escrita. Ou seja, a multimodalidade considerada as múltiplas formas de linguagem seja ela oral, escrita ou visual. E é nessa afirmação de Dionísio (2006) que encontramos a afinidade dos surdos pelo espaço virtual, pois este é o meio que mais se utiliza da multimodalidade. Dionísio (2006) esclarece que os recursos linguísticos multimodais se materializam em forma de palavras, figuras, imagens, e devido o apelo visual, esse efeito multimodal da linguagem atrai, especialmente, a participação de surdos nas redes sociais.

Imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada. Com o advento das novas tecnologias, com muita facilidade se criam novas imagens, novos layouts, bem como se divulgam tais criações para uma ampla audiência. Todos os recursos utilizados na construção dos gêneros textuais exercem uma função retórica na construção de sentidos dos textos. Cada vez mais se observa a combinação de material visual com a escrita; vivemos sem dúvida, numa sociedade cada vez mais visual. (DIONÍSIO, 2006, p.131)

Dionísio (2006) vai ainda mais longe, afirmando que os recursos tecnológicos, concomitante ao uso de gêneros multimodais, proporcionam um letramento visual. Consoante Dionísio (2006), esse letramento está diretamente relacionado à “organização sociais das comunidades” (DIONÍSIO, 2006, p.132), para explicar essa afirmação ela utiliza como exemplo as pinturas artísticas pré-históricas das cavernas, as pinturas rupestres, que expressavam a cultura de determinada comunidade. E complementa dizendo que “Na sociedade contemporânea, à prática de letramento da escrita, do signo verbal, deve ser incorporada a prática de letramento da imagem, do signo visual” (DIONÍSIO, 2006, p.132). Nesse sentido é possível observarmos a importância do uso dos sentidos visuais, tanto para ouvintes e, mais ainda, para surdos. E no que se

refere à internet, a predominância de recurso multimodais torna-se necessária, como forma de auxílio na navegação.

A participação ativa de surdos na internet tem conquistado, por menor que seja, alguns processos de sinalização em algumas ferramentas da internet (SCHALLENBERGER, 2010). Avanços como a criação de *softwares* de linguagem que visam minimizar as barreiras impostas pela língua. Além disso, alguns sites preocupam-se em possuir a sinalização em Libras, o que contribui não só para a inclusão do surdo no espaço virtual, como para a propagação da Língua Brasileira de Sinais. Outro exemplo é o uso da ferramenta (ambiente virtual) moodle, que aumenta a possibilidade de realizar uma formação à distância, com estrutura adequada. Esses são, sem dúvida, grandes ganhos que o acesso à internet proporciona ao sujeito surdo.

Dessa forma, percebemos que o advento da internet trouxe, para o sujeito surdo, muitos benefícios. A oportunidade de fazer parte de um espaço nos quais ocorre trocas e interação, aquisição de conhecimentos, difusão de sua cultura, é realmente uma experiência fantástica para o surdo. Consideramos que a internet facilita o acesso de surdos a informações e conhecimento, uma vez que a linguagem visual predomina na interface do computador. Sendo assim, essa pesquisa pretende estudar as ações desse sujeito no ambiente virtual, atentando para as possíveis práticas sociais exercidas nesse meio e observando de que maneira se constroem as lutas pelo reconhecimento de suas identidades.

CAPÍTULO IV – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Desenho metodológico

Este trabalho possui um caráter eminentemente qualitativo, considerando que o objetivo principal é compreender como se organizam práticas sociais de pessoas em comunidades surdas, em redes sociais virtuais no Facebook. Mais detalhadamente, entender de que forma essas práticas podem potencializar ou limitar o jogo de vozes que lutam socialmente pela inclusão e reconhecimento de suas identidades.

A escolha por um trabalho de campo etnográfico, amparado pela análise do discurso se justifica pela motivação em conhecer e interpretar a realidade virtual vivida pelos grupos que lutam pela causa surda, sendo essa realidade variada e passível de observação a partir de teorias psicológicas e sociais. Também se justifica por ter a construção de significados, enunciados, ideias, ações dos usuários como vozes sociais em interação em uma rede social na internet, temática que carece de mais pesquisas.

Quando o pesquisador opta pela pesquisa qualitativa, está rejeitando a proposta de que exista um único método para todas as áreas, pois não há possibilidades para isso, uma vez que cada área do conhecimento possui suas especificidades.

Minayo (2001) diz que a pesquisa qualitativa se configura num ambiente subjetivo, não podendo ser reduzida em dados quantificáveis. Consideramos pesquisa qualitativa, no sentido aqui destacado:

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p. 22)

O pesquisador qualitativo tenta responder perguntas que não podem ser expressas em dados numéricos, sendo a sua maior preocupação não focar em quantificar, mas em explicar e compreender fatos da realidade (SILVEIRA &

CÓRDOVA, 2009). Explicar, aqui entendido no sentido de que não se admite apenas uma observação dessa realidade, mas também a explicação das vivências e experiências observadas. No nosso caso em particular, uma explicação baseada nas regularidades discursivas das práticas sociais na internet, em comunidades virtuais, cujas temáticas são pautadas pelas questões envolvendo a surdez.

Essa pesquisa traça seus objetivos, tendo em vista uma observação participante. Isso se justifica devido à participação da pesquisadora nos grupos estudados, tornando-se membro ativa e engajada nas causas surdas. Consideramos observação participante:

Observação participante o pesquisador vivencia pessoalmente o evento de sua análise para melhor entendê-lo, percebendo e agindo diligentemente de acordo com as suas interpretações daquele mundo; participa nas relações sociais e procura entender as ações no contexto da situação observada. (PROENÇA, 2007, p.9)

Para a construção dos dados, utilizamos a etnografia, que neste caso foi orientada para o contexto virtual. A etnografia virtual (HINE, 2005), também denominada *netnografia*, dedica-se aos estudos das práticas sociais no ambiente de internet, permitindo uma pesquisa acerca das relações mediadas pela interface do computador.

Na etnografia virtual há dois tipos de pesquisadores, seriam eles os silenciosos e os informantes (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011). O primeiro tem como característica a observação com o mínimo de influência possível no campo de estudo, enquanto os informantes se comportam de maneira oposta: “Neste caso o pesquisador está inserido ou tem ligações próximas com o objeto de estudo e, portanto, seu comportamento dificilmente poderia ser o de alguém que apenas observa o grupo” (POLIVANOV, 2013). Para a presente dissertação a pesquisadora é integrante dos grupos nas redes sociais e ativa a partir de ligações com o objeto de estudos, podendo fazer postagens, emitir comentários e realizar outras ações como “curtir”, “reagir” ou “compartilhar” dados na rede.

Para os fins de pesquisa, a pesquisadora manteve-se de modo mais

silencioso, embora participando das vivências nas práticas das comunidades, não realizou postagens durante o período de construção dos dados. Percebemos que as categorias de pesquisadores silenciosos e informantes seriam, na realidade, polos, e não dicotomias. Assim, a postura apresentada orienta-se para um polo silencioso, pois poucas informações obtidas nas construções dos dados foram realizadas pela pesquisadora em postagens e comentários.

Hine (2005) diz que a etnografia virtual se concebeu devido ao grande crescimento do uso da internet, em especial as redes sociais. Percebendo essa expansão do ciberespaço, compreendeu-se que os métodos de pesquisa deveriam se adaptar a esses ambientes, pois os mesmos, obviamente, seriam objetos de pesquisa de diversos estudos, uma vez que as práticas sociais se constituem nesses espaços. Hine (2005) percebe que há uma enorme rede de interações sociais se desenvolvendo em diversas comunidades virtuais, ressaltando que essa riqueza de interação deve ser aproveitada na pesquisa, pois o espaço determina o contexto cultural.

Nosso processo metodológico mantém uma conexão com a base epistemológica histórico cultural e dialoga tanto quanto possível com as ideias centrais destacadas na fundamentação teórica. Nosso intuito foi permanecer com o foco nos eixos norteadores, buscando analisar a interação entre os sujeitos de ação, para alcançar os objetivos. Na construção dos dados e das análises, relacionamos os conceitos aprofundados nos capítulos dessa dissertação, que beneficiam o tratamento dado ao fenômeno, sempre primando pela congruência e convergência entre teóricos e suas ideias.

4.2 Sujeitos e Contexto

4.2.1 *Lócus* da pesquisa

O contexto prático dessa pesquisa se deu no ambiente virtual da internet, especificamente a rede social Facebook. O Facebook, dentre os diversos serviços disponibilizados, possui uma rede de grupos que servem de espaço para o encontro de pessoas que dividem as mesmas afinidades. Essas afinidades são distribuídas em grupos específicos, o que facilita e possibilita a

troca de informações e conteúdos. No Facebook é possível a criação de comunidades, grupos, páginas privadas (*fan page*), que podem ser de cunho pessoal ou empresarial.

Diante das opções existentes no ambiente da rede social alguns grupos foram escolhidos para a pesquisa em questão, considerando-se que todos trazem temáticas relacionadas ao universo surdo, sendo esse o único critério de escolha em relação ao grupo. Em princípio, foram selecionados 05 grupos que serão referidos como:

- 1) *Fan Page 1*
- 2) *Fan Page 2*
- 3) *Fan Page 3*
- 4) Grupo 1
- 5) Grupo 2

4.2.2 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos observados são surdos (unilaterais e bilaterais) e ouvintes participantes e atuantes nos grupos selecionados, com dois perfis: 1) administradores e moderadores de *fan pages* e comunidades; 2) membros atuantes em comentários relacionados às postagens dos grupos.

4.3 Construção dos dados

A nossa pesquisa, com base na etnografia virtual, caracterizou as comunidades a partir de um olhar etnográfico, evidenciando regularidades nas práticas sociais que se estabelecem em suas falas. Além da caracterização dos grupos, analisamos também aspectos relacionados às interações e ao jogo dialógico, focando nas possíveis tensões entre as vozes dos sujeitos.

Com o objetivo de observar as relações dialógicas presentes nas comunidades virtuais do Facebook, os dados foram construídos a fim de favorecer as análises a partir da etnografia virtual. Para uma organização do processo, subdividimos a construção dos dados em três (03) momentos constituintes e inter-relacionados:

1. Escolha de comunidades virtuais e imersão da pesquisadora nas

mesmas, com o critério de abordar a temática surda. A partir dessa escolha iniciamos, como dito na seção anterior, com a delimitação de cinco (05) comunidades, cuja participação da pesquisadora acontece, para que fosse possível observação participante. Durante o período estabelecido para observação, as ações e interações dos sujeitos na comunidade foram registradas e analisadas, considerando as que respondem aos objetivos, seguindo os critérios de nossa unidade de análise.

2. Contato com os administradores das comunidades para solicitar procedimentos da pesquisa. Esse momento foi relevante, pois, a partir dele, pudemos verificar aspectos que dizem respeito às práticas ou um enfraquecimento das lutas sociais pela inclusão da pessoa surda.
3. As escolhas das postagens gerais e comentários se deram considerando como unidade as tensões de vozes evidenciadas entre enunciados, especificadas a partir de dois parâmetros: a) processos de interação entre os participantes nos quais haja confronto de opiniões; b) processos de interação entre os participantes nos quais haja congruências nas opiniões.

4.4 Considerações éticas da pesquisa

A prática de pesquisa qualitativa em ciências humanas deve se justificar por duas vertentes, a primeira diz respeito à ação de realizar a pesquisa como algo motivador e como material contribuinte para a formação de conhecimento. Kramer (2002) diz que deve haver um compromisso, para com os colaboradores da pesquisa, na entrega dos dados encontrados. Kramer (2002) refere-se ao bom senso do pesquisador, em deixar a par o sujeito da pesquisa acerca do que foi investigado/analísado sobre este. Ela também considera que essa devolução de dados contribui para que o pesquisador se ocupe, ainda mais, em relação à privacidade e proteção desses colaboradores, uma vez que os mesmos irão analisar os relatórios feitos pelo pesquisador.

A segunda vertente refere-se à articulação presente nos escritos, ou seja,

qual o grau de ideologia que seu trabalho carrega e quais as esferas defendidas por eles (SCHMIDT, 2008). Toda pesquisa exige uma problemática. Em se tratando de pesquisa em ciências sociais, na maioria das vezes, envolve práticas sociais, então o cuidado deve estar no “levantar bandeiras”, isto é: qual o posicionamento do pesquisador diante da causa social? Schimidt (2008) diz que a ética, política e ideologia são três fatores que devem se articular na pesquisa participante sendo a primeira referente ao modo de proceder em relação aos sujeitos e com os sujeitos.

Um ponto importante, que cabe a esta pesquisa, diz respeito à diversidade de vozes, nesse caso a ética estaria na responsabilidade pela legitimidade das informações e garantia de que os discursos não sejam influenciados pelo posicionamento do pesquisador. A alteridade e a reflexão sobre decisão do outro devem ser mantidas e respeitadas ao longo de pesquisa (ALVARENGA et al, 2002). O pesquisador deve pensar e se colocar no lugar do outro, refletindo sobre sua prática acadêmica e ponderando decisões.

Por se tratar de uma pesquisa que utilizou a etnografia virtual como método de pesquisa, refletimos acerca da ética relacionada a pesquisas em ambientes virtuais. Para nos apropriarmos sobre as considerações éticas em etnografia virtual, ainda há poucas discussões, logo recorreremos à literatura internacional. Kozinets (2002) elege duas importantes ações para se trabalhar com *netnografia*: 1) observar de qual domínio o pesquisador está colhendo as informações, ou seja, se é um site de visitação pública ou aberto; 2) Kozinets (2002) esclarece que o pesquisador deve se identificar e solicitar a autorização para usar as informações contidas ali. Após esse segundo passo, indica também a preservação das imagens ao realizar publicações.

No que diz respeito às redes sociais, Paccagnella (1997) diz que o sujeito ao expor algum conteúdo em rede, trata de um material de caráter pessoal, porém não é particular, uma vez que se refere a um ato público. No entanto, o fato de serem conteúdos públicos não os torna matérias que possam ser expostos em qualquer lugar e ocasião. Paccagnella (1997) exemplifica uma situação, ao dizer que se estivéssemos em um restaurante, na mesa ao lado uma dupla conversa de maneira que possamos ouvi-los, faltaríamos com a ética

se reproduzíssemos essa conversa. Mesmo que estejam em lugar público trata-se de uma conversa pessoal. Da mesma forma, seria antiético fazer uso de materiais divulgados em redes sociais sem a autorização. Como algumas comunidades virtuais nas redes sociais têm caráter privado, a necessidade de autorização se faz ainda mais importante.

Pensando na preservação da imagem e manutenção do sigilo quanto à identidade dos nossos participantes, disponibilizamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C) em um documento na ferramenta Google Docs, para que os colaboradores da pesquisa tivessem acesso às informações e às considerações éticas do trabalho. Especialmente, este Termo serviu para formalizar o aceite em participar da pesquisa, aproveitaremos para juntamente com as informações sobre a pesquisa, fosse respondido um breve questionário online, com perguntas pontuais (Apêndice 2).

Dito isso, elaboramos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido adaptável para o virtual, para ser entregue aos membros dos grupos de modo que tomem ciência e consintam com a realização da pesquisa. Essa pesquisa objetiva seguir todas as considerações éticas discutidas aqui, respeitando cada processo e etapa realizada. Entendemos que a etnografia, numa roupagem virtual, trata-se do método mais adequado para se pesquisar no ciberespaço.

CAPÍTULO V - ANÁLISES E RESULTADOS

5.1 Escolha e Imersão

O primeiro momento, o qual diz respeito à imersão da pesquisadora nas comunidades virtuais, ou seja, a caracterização dos sujeitos e do ambiente virtual da pesquisa nos revela informações pertinentes para o melhor entendimento e compreensão das análises propriamente ditas. Em princípio, destacamos que a construção dos dados se apropriou de postagens e comentários realizados entre primeiro de dezembro de 2015 (01/12/2015) ao dia trinta e um de outubro de 2016 (31/10/2016). Propusemo-nos a observar os últimos 305 dias de postagens, recorte temporal que se justifica pela escolha das postagens e pela conjuntura político-social efervescente. Sobre essa conjuntura político-social, é relevante dizer que nesse período de construção dos dados o país enfrentava uma crise de cunho econômico, político e social. Esse processo foi marcado por diversas manifestações nos âmbitos legislativos, social e judicial que culminaram na aprovação do impeachment da presidente do Brasil, Dilma Rousseff. Obviamente, o espaço virtual foi cenário para grande parte dessas manifestações, mostrando, mais uma vez, a capacidade interacional presente nesse campo virtual.

O Facebook

Podemos dizer que dentre as principais implicações, no que diz respeito à Web 2.0, as redes sociais tomam um papel de destaque. As redes sociais representam a inovação nos meios de comunicação, isso porque a sua estrutura, em geral, permite inúmeras possibilidades de trocas e compartilhamentos entre usuários (PATRÍCIO & GONÇALVES, 2010). Dentre as redes sociais mais usadas no mundo, o Facebook tem se destacado, pois:

[...] transformou-se não só num canal de comunicação e um destino para pessoas interessadas em procurar, partilhar ou aprender sobre determinado assunto [...] mas é uma ferramenta popular; fácil de usar; não necessita de desenvolvimento interno ou de aquisição de software; (PATRÍCIO & GONÇALVES, 2010. p.594)



Figura 1- Página de cadastro do Site Facebook. *Fonte:Google*

No Facebook é possível a criação de um perfil social, no qual o sujeito se apresenta para o mundo virtual e seus usuários. Nesse perfil social o indivíduo, em geral, anexa uma foto principal e uma foto que servirá como capa da sua página pessoal. O usuário preenche informações básicas, pré-determinadas pelo próprio Facebook, como sexo, cidade onde nasceu, onde estudou entre outras perguntas, que montem esse perfil. No espaço, também há a possibilidade de escrever, ou como o próprio site se refere, fazer uma apresentação. No campo apresentação é possível escrever, em até cento e um caracteres, uma pequena descrição que caracterize o usuário do Facebook.



Figura 2 - Interface do Site Facebook. *Fonte:Google*

No site é possível adicionar pessoas e conversar através de bate-papos, assim como é permitido realizar postagens que podem ser comentadas ou curtidas pelos amigos. As postagens podem chegar a 63.206 caracteres e o tema é de escolha do usuário, podendo incluir ações como: a) como está se sentindo no momento da postagem; b) realizar um check-in informando a sua localização no momento do *post*; c) marcar amigos para que vejam a publicação; d) marcar a postagem como um acontecimento especial; e) além do texto pode ser postado um vídeo ou imagem; f) também é possível personalizar a postagem tornando-a

pública ou privada para amigos específicos.



Figura 3 - Caixa de postagens do perfil. *Fonte: Facebook*

Em toda postagem é possível realizar ações como: comentar, compartilhar e curtir. O comentário vem logo abaixo da postagem e pode ser respondido por qualquer pessoa, inclusive o autor da postagem. Já o compartilhamento é na verdade a repostagem daquilo que foi publicado, ou seja, o usuário replica em sua página pessoal aquilo que alguém ou algum amigo já publicou. Também há a possibilidade de curtir a postagem e os demais comentários.

A opção “curtir”, no entanto, apresenta-se com conceitos múltiplos, ou seja, são dadas diferentes significações. Isso porque quando há a publicação de uma postagem a opção “curtir”, em tese, corresponderia a uma concordância aquilo que foi divulgado. No entanto, de acordo com Melo e Pereira (2012) outras definições surgiram a partir do uso deste link na internet, como, por exemplo, a viabilidade do “curtir” está associada a ter ciência de determinada informação, não necessariamente porque concorda, mas o fato de comunicar o conhecimento daquilo.

Melo e Pereira (2012) também alertam para a utilização do “curtir” relacionado ao *status* virtual, a quantidade de curtidas também diz respeito às visualizações da publicação, o que permite observar a conjuntura e situação daquele perfil.

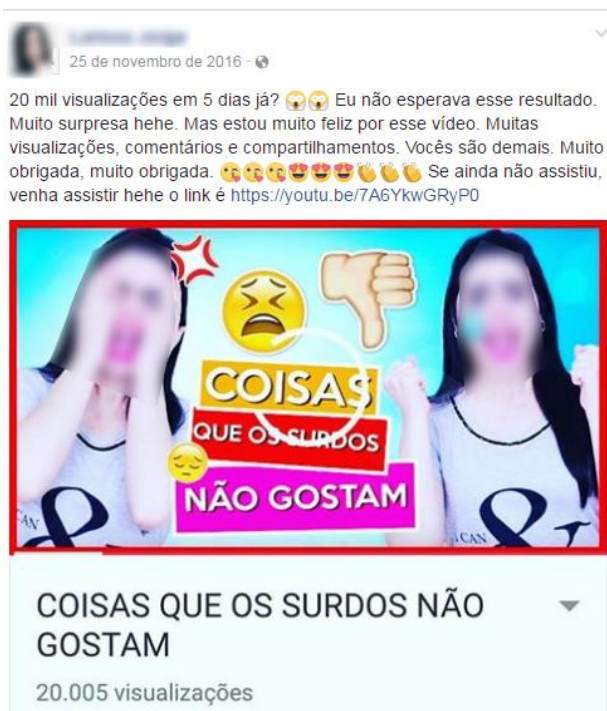


Figura 4 - Postagem no Facebook. *Fonte: Facebook*

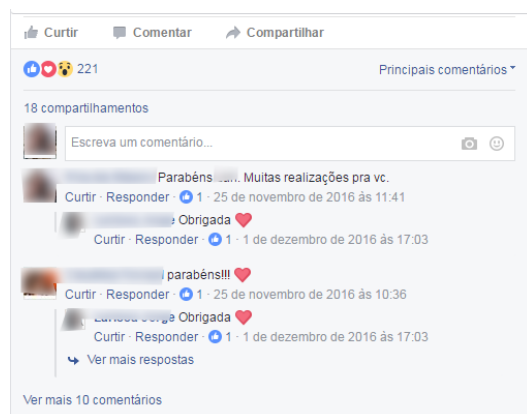


Figura 5 - Reações, comentários e compartilhamentos da postagem. *Fonte: Facebook*

Atualmente o botão “curtir” não é a única opção de reação para uma postagem, existem mais cinco *emojis* (também conhecidos como *emoticons* ou *smiley*) que são, na verdade, símbolos que substituem as reações existentes no contato pessoal. Os novos ícones são denominados pelo Facebook como: amei (um coração), haha (risada), Uau (espanto, susto, admiração), triste e Grr (raiva). São carinhas que expressam alguma emoção ou sentimento sobre determinado assunto que venha atrelado à publicação, como pode ser visto na Figura 6.

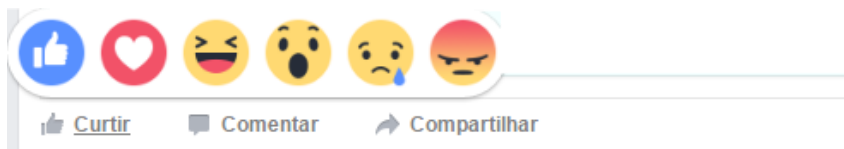


Figura 6: As diferentes reações. *Fonte: Facebook*

Ao observar esses links é possível caracterizá-los como signos linguísticos. Essa afirmação é plausível, pois há uma mediação simbólica em curso no momento em que se “curte” ou se utiliza qualquer outro ícone. Em outras palavras, a mediação entre o sujeito que realiza a postagem e o sujeito que clica em um dos botões de reação é feita através de um campo semiótico, isso porque as reações estão sendo expressadas através de símbolos. Atribuiu-se significado cultural e histórico a elementos/símbolos que, agora, representam palavras (VIGOTSKI, 2005).

Surge uma inquietação quando pensamos o porquê de uma determinada postagem receber reações tão opostas, como por exemplo, o botão de “amei” e o de “raiva”. Nesse momento, a fala de Bakhtin (2004) torna-se bastante esclarecedora. As diferentes reações, que, como dito anteriormente, representam palavras, surgem de formas distintas porque, segundo Bakhtin (2004) não há neutralidade na palavra, elas estão carregadas de vozes discursivas. Os sujeitos reagem de maneiras opostas, porque cada um, individualmente e coletivamente, construiu visões e valores ideológicos de uma forma, não há uma uniformidade em reações e opiniões.

Essas ferramentas do Facebook se manifestam em outros espaços do site que são os grupos e as *fan pages*. Os grupos são criados, em sua maioria, com um tema central, ou seja, existe um assunto que gera a criação e move a dinâmica do grupo. Esses grupos podem ser abertos ou fechados, isso quer dizer que as vezes é necessário solicitar a participação ao moderador/administrador que são os sujeitos administradores das páginas. Esses moderadores são, na maioria das vezes, as figuras de liderança que resolvem possíveis conflitos e, na maioria das vezes, são os mais ativos e atuantes nas publicações de postagens e comentários.

Já as *fan pages* são desenvolvidas, comumente, por personalidades populares, da mídia ou por instituições públicas e privadas que queiram divulgar

trabalhos, marcas, posicionamentos, ou quaisquer outros assuntos. Nas *fan pages*, a dinâmica é um pouco diferenciada, existem duas possibilidades: a) a primeira diz respeito as postagens serem criadas apenas pelos administradores, no entanto os comentários podem ser feitos por qualquer pessoa que “curte” a página; b) a segunda opção é liberar uma área secundária de postagens fixas para os membros também criarem suas publicações.

Essa descrição da rede social Facebook e suas principais funções são pertinentes, uma vez que este será o *locus* da pesquisa. Pensamos que, para realizar uma análise dialógica, é necessário compreender e considerar o todo. Nas próximas linhas nos atentamos para a descrição dos grupos e *fan pages* analisadas.

Fan page 1

A *fan page 1* possui 23.350 curtidas e é aberta e criada por uma socióloga com surdez bilateral progressiva, ou seja, a mesma adquiriu a perda total da audição após alfabetizar-se, o que a possibilita oralizar a Língua Portuguesa sem dificuldades. Após um implante coclear, dedicou-se a escrever sobre aparelhos auditivos e implantes cocleares, desmistificando as visões deturpadas e preconceituosas sobre a reabilitação auditiva. Como escritora, lançou dois livros sobre sua experiência enquanto usuária do implante coclear e seu depoimento sobre a surdez antes e depois do diagnóstico. A mesma é sócio proprietária de uma clínica de reabilitação auditiva juntamente com seu companheiro, que é otorrinolaringologista.

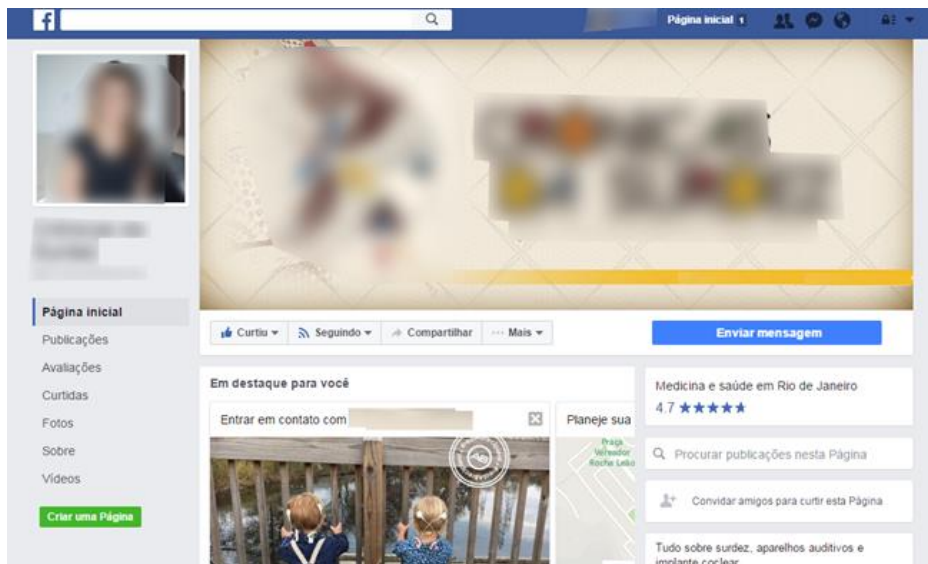


Figura 7 - Visualização da *Fan Page* 1. Fonte : Facebook

A área visual da *fan page* 1 (Figura 7) nos remete a um universo de signos, nos quais, destacamos a área de localização e a foto de capa. Apesar de ser uma *fan page* pessoal, a qual a moderadora realiza postagens diversas sobre o universo da surdez, é possível observar que, fixada ao mural de publicações, está uma localização. A orientação leva ao endereço da clínica que mencionamos no início dessa seção. Assim como é perceptível, na aba sugestão, a indicação da *fan page* do seu esposo e do seu blog pessoal.

Sobre a foto de capa, esta traz a imagem do segundo livro escrito pela moderadora, que possui o mesmo nome da sua *fan page*. Na foto é possível observarmos a ilustração que compõe a capa de seu livro (Figura 8)). Essa ilustração mostra uma figura feminina de perfil, a qual visivelmente nota-se ser usuária de um implante coclear. Na imagem, é possível vermos a figura de um pássaro conectado ao implante, no entanto, não sabemos afirmar se o animal está engolindo ou liberando as demais imagens que compõem a ilustração, ousamos dizer que se trata de uma dinâmica de recebimento e devolução.

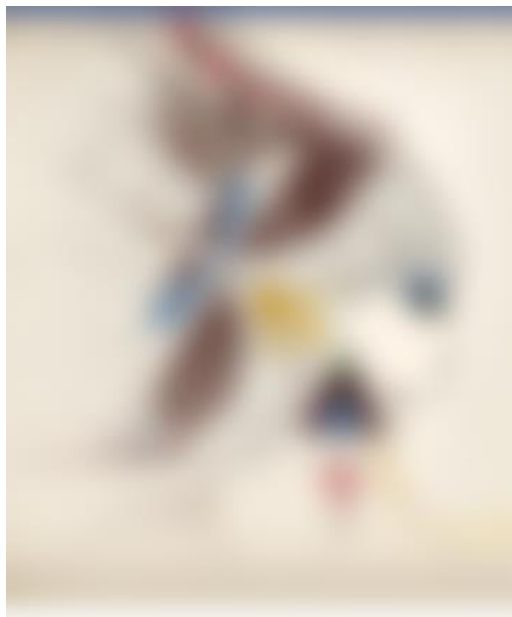


Figura 8 - Foto de capa da *Fan Page 1*. Fonte: *Faceboook*

A partir da observação dessa imagem de capa destacamos a presença de um dialogismo em condição de intertextualidade, ou seja, a moderadora utiliza um discurso anterior, a apresentação de seu segundo livro, para trazer a lembrança deste em sua página virtual (SILVA, 1997). Contudo, essa primeira apreciação torna-se secundária quando passamos a analisar a ilustração em sua totalidade. Conforme descrevemos acima, a figura feminina, que é implantada, possui uma espécie de pássaro ligado ao seu implante. Pensando na figura do pássaro enquanto animal livre para alçar voos, a moderadora da *fan page 1* remete a ideia de que o aparelho revela os sons e comporta-se como agente propulsor das informações.

Essa análise é possível ao observar que, na imagem, o implante possibilita a entrada e saída de informações, sendo estas representadas por desenhos aleatórios de ondas em diferentes formas e cores, em analogia aos diversos conhecimentos, inclusive as figuras que representam as notas musicais. No que concerne à dimensão, essa imagem é escolhida para preencher a foto de capa que é um elemento de destaque na rede social Facebook, uma vez que se estabelece como figura centralizada na página.

Nesse sentido, a foto que compõe a capa da *fan page 1* não se comporta de maneira neutra ou apenas ilustrativa, mas como uma atividade dialógica. Quando nos referimos à atividade dialógica estamos em concordância com a

visão bakhtiniana, acreditando que o papel sógnico ultrapassa a função linguística. Bakhtin (2005) diz que ao concretizar um discurso, seja ele verbal ou não verbal, o sujeito tem uma intenção, isto é, espera uma resposta do outro. No caso em questão, a intenção de divulgar a clínica, o livro e as ideias defensoras do uso do implante coclear.

Fan page 2

A segunda *fan page* é administrada por uma jovem surda de 25 anos de idade formada em ciências contábeis e, atualmente, é curtida por 15.600 usuários. Em 2011, a mesma criou um blog que tinha como pauta assuntos relacionados à moda, maquiagem e cotidiano. Tendo em vista a ascensão do Facebook, esta passou a divulgar suas postagens numa *fan page* na rede social. Entrando, no ambiente Facebook as temáticas diversificaram-se e o tema surdez passou a fazer parte dos assuntos publicados. A moderadora da *fan page 2* traz como diferencial a maneira de se comunicar, as postagens dos vídeos são através da Libras, o que atrai a participação de vários surdos usuários da Língua de Sinais. No entanto, a mesma disponibiliza as legendas em português, para que ouvintes também possam acompanhar suas publicações.

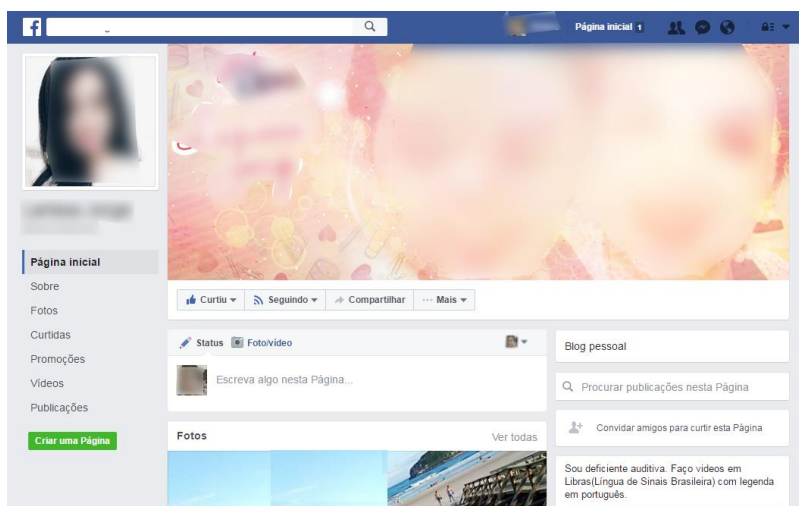


Figura 9 - Visualização da *Fan page 2*. Fonte: Facebook

Sobre o visual, a foto de capa da *fan page 2* (Figura 9) faz referência ao blog da moderadora, no qual ela disponibiliza o link de acesso, e traz uma foto de seu rosto. Ela também libera a área para os membros realizarem postagens fixas (elogios, críticas, dicas, etc), esse ponto em especial é bem significativo. Acreditamos que permitir esse espaço é fundamental para o processo de

interação, pois os membros tornam-se ativos diante dos seus discursos (GERALDI, 1997).

Pretendemos frisar três pontos importantes dessa *fan page*. Primeiramente destacamos a divulgação, feita pela moderadora, de outros surdos que possuem *fan page*, blogs e canal de vídeo na internet. Percebemos que não existe, por parte dela, a intenção de monopolizar a rede social, pelo contrário, esta divulga o trabalho de outros surdos com o intuito de disseminar a temática surdez, conseguindo, assim, uma maior repercussão. Vale salientar que essa ação se caracteriza como uma atividade geradora de práticas sociais (LAVE E WENGER, 2002), pois trata-se de sujeitos reunidos com um objetivo coletivo, que nesse caso é o reconhecimento da identidade surda. Essa ação coletiva de surdos, em uma sociedade predominantemente ouvinte é uma manifestação contra a homogeneização cultural. O Levante coletivo objetiva uma identidade de resistência (CASTELLS, 1999), a qual só possível através da interação social, pois isoladamente o sujeito não realiza práticas sociais (LAVE E WENGER, 2002). Em outro momento do processo analítico, quando nos detivermos sobre os comentários dos sujeitos nas fan pages, a questão da identidade novamente será realçada.

O segundo ponto refere-se aos vídeos sobre a surdez e o sujeito surdo, trazendo questões comumente compartilhadas pelos surdos. Como sabemos, nem todo surdo tem conhecimento ou é alfabetizado em Libras, para tanto os vídeos são gravados em Língua de Sinais, mas possuem legenda, possibilitando uma maior divulgação do vídeo. Há uma preocupação da moderadora em provocar uma maior visibilidade, isso mostra o seu comprometimento com a causa. Sair da “zona de conforto”, ou seja, divulgar o vídeo com legenda, mostra que a mesma desprende-se do pensamento colonial (PERLIN, 2003) que inferioriza uma cultura em detrimento de outra. Sendo assim, a sua preocupação maior é com a inclusão, para que todos tenham acesso ao seu conteúdo virtual.

Por fim, ressaltamos os vídeos e as publicações sobre temas cotidianos. A moderadora, de maneira brilhante, expõe situações diárias, de sua vida pessoal ou apresenta tutoriais de moda e maquiagem, por exemplo, de maneira que motiva e influencia pessoas surdas a realizar atividades que antes eram

vistas como ações unicamente para ouvintes. Há dois fatores importantes, primeiro o fato da acessibilidade do conteúdo, ou seja, o que não poderia ser compreendido, por se tratar de conteúdo exclusivamente oral, agora está disponível em Libras ou com legenda. Segundo, pelo fato de a moderadora ser vista como pessoa que conquistou objetivos que, muitas vezes, são ditos como impossíveis para surdos, como se relacionar com outras pessoas, concluir uma faculdade, trabalhar, namorar, entre outros. Dessa forma, há uma quebra da visão carregada de estereótipos e estigmas que rodeiam o sujeito surdo.

Fan page 3

A *fan page 3* é dedicada a uma organização sem fins lucrativos que trabalha em defesa dos direitos da pessoa surda. Trata-se de um Sistema Nacional que conta com algumas filiais regionais entre elas a administração regional de São Paulo, que será a nossa *fan page* analisada. A página utiliza a rede social para divulgar e compartilhar assuntos de interesse da comunidade surda, tendo 2.703 curtidas. Como observamos, na figura 10, assim como na *fan page 1*, esta possui um espaço de avaliação, no qual o usuário atribui uma classificação que varia numa escala que vai de uma a cinco estrelas, baseado na instituição em questão.



Figura 10 - Visualização da *Fan Page 3*. Fonte: Facebook

Trata-se de uma instituição filiada à Federação Mundial de Surdos e, como qualquer organização institucional, mantém o foco em convalidar indivíduos em prol de interesses comuns. A ideia é unir forças para que lutas isoladas criem maiores dimensões de maneira que permita a construção de interesses coletivos. Evidenciamos as características de uma identidade

legitimadora nessa instituição (CASTELLS, 1999). No entanto, não nos aprofundaremos agora na identidade em questão nesse momento, deixaremos para retomar esse ponto mais à frente, nas análises dos comentários, por evidenciarmos através de características discursivas.

Grupo 1

O grupo 1 é uma comunidade virtual pública com 200.861 membros e tem como objetivo conscientizar a sociedade sobre o uso da Libras. As publicações se dedicam a divulgar notícias, cursos de Libras, mensagens inclusivas e assuntos diversos relacionados à surdez e a Língua de Sinais. Em geral, refere-se a um grupo de caráter informativo, pois 80% de suas postagens são compartilhamentos de jornais e revistas online.



Figura 11 - Visualização do Grupo 1. *Fonte: Facebook*

Sobre a composição visual da página, o elemento “mãos” preenche a foto do perfil e a foto de capa. Claramente, esse signo visual representa a Libras, língua que se utiliza das configurações de mãos para se concretizar no uso. Como mencionamos anteriormente, a finalidade principal do grupo 1 é a disseminação do uso da Libras como ferramenta de inclusão social para surdos. Realçamos o papel da internet nessa conquista, pois o meio virtual diminui a distância entre os sujeitos imposta pela língua (RAMOS, 2011).

O grupo surge de uma experiência pessoal vivida pelos moderadores, hoje casados. O moderador se viu incumbido de apreender a Libras para se relacionar com a atual esposa, surda bilateral profunda. Diante do desafio, percebeu a importância e necessidade de disseminar o uso da Libras na sociedade. A partir daí, criou um site e o grupo no Facebook que objetivam a

divulgação da Libras e demais temas sobre surdez, especialmente os direitos da pessoa surda.

Grupo 2

O grupo 2 é privado, ou seja, é necessário solicitar a participação ao administrador para ter acesso ao conteúdo virtual. Atualmente o grupo é composto por 1.430 membros que objetivam discutir sobre questões legislativas e jurídicas sobre a surdez unilateral. Acreditamos que o grupo é de caráter privado, justamente por ter a intenção de reunir a maior quantidade de surdos unilaterais e não o público em geral. Isso se justifica pelas características do grupo, o espaço é utilizado para discussões e divulgação de documentos e arquivos que dizem respeito às questões jurídicas da surdez unilateral.



Figura 12 - Visualização do Grupo 2. *Fonte: Facebook*

Na Figura 12 podemos perceber que o grupo é aberto para que os membros façam postagens diversas. Ao contrário das demais comunidades, o grupo 2 permite que os membros façam algumas modificações, exceto as postagens já fixadas pelos moderadores, como foto de capa, por exemplo. Nesse grupo, todos os membros têm a função de co-moderadores, sendo possível aceitar novos usuários e realizar postagens diversas. Esse contexto evidencia que a principal função do grupo é preservada, e a interação entre participantes torna-se reforçada em volta de um objetivo.

A surdez unilateral não é legalmente reconhecida enquanto deficiência, pois o decreto nº 3.298/1999 concluía que as pessoas consideradas deficientes auditivas eram as que possuíam a perda parcial ou total desta. Em 2004, houve

o acréscimo do termo “bilateral” no art. 4º concluindo “II - deficiência auditiva - perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500HZ, 1.000HZ, 2.000Hz e 3.000Hz”. Dessa forma, o surdo unilateral fica impedido de gozar os direitos assegurados por lei. Portanto, o grupo se dedica exclusivamente a discussões e mobilizações que visam ao reconhecimento de sua deficiência. Observamos, inclusive, que pontualmente este grupo permite que as publicações de postagens sejam realizadas por qualquer membro do grupo, a fim de alimentar o debate.

5.2 Contato com os Moderadores das Comunidades

Buscávamos inicialmente um percurso metodológico que previa realizar a seleção das comunidades e, logo em seguida, entrar em contato com os administradores e moderadores dessas páginas. Após a escolha e imersão nas comunidades entramos em contato a fim de solicitar procedimentos da pesquisa, isto é, apresentar a finalidade e a possível participação da comunidade no processo de construção dos dados. Esses procedimentos incluíam a disponibilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para todos os colaboradores da pesquisa, bem como um questionário e uma entrevista que tinham a finalidade de gerar um perfil dos participantes presentes nas comunidades e seus administradores. As entrevistas não foram concedidas. Nesse momento, nos reportamos as considerações éticas de nossa pesquisas, objetivando cumprir todas às etapas de maneira consciente e, mais ainda, respeitando a integridade dos sujeitos e suas vozes. Para tanto, mantivemos em sigilo suas identidades, bem como os verdadeiros nomes das comunidades, assegurando os recursos humanos desses indivíduos.

Essa quebra na linearidade metodológica, que já havíamos planejado, fez com que novas possibilidades de pesquisa fossem utilizadas. Analisamos portanto, as respostas negativas dos moderadores e, suas ausências de respostas. Nessas observações foi possível constatar pontos, relacionados às práticas, que contribuem para o enfraquecimento das lutas sociais e pela inclusão da pessoa surda, conforme explicaremos nos próximos parágrafos.

A *fan page 3* não respondeu ao nosso contato através do Facebook. O grupo 1, apesar de disponibilizar diversas formas de contato - mensagens no próprio Facebook, e-mails e telefone - não obtivemos retorno. Destacamos que as mensagens enviadas para o telefone e Facebook foram visualizadas, porém não respondidas. Há dois pontos a serem destacados nesse espaço, primeiro a surpresa em não ser respondido pela *fan page 3*, pois por tratar-se de uma instituição reconhecida nacionalmente, esperávamos um retorno mesmo que negativo. O segundo diz respeito ao desinteresse do grupo 1 em participar da pesquisa, concluímos essa afirmação uma vez que tivemos as mensagens visualizadas e não respondidas.

A *fan page 2* respondeu ao contato através do Facebook, solicitando que enviássemos um e-mail sobre a pesquisa. Após o envio não obtivemos resposta, posteriormente entramos novamente em contato, mas não fomos respondidos. No mesmo período, a moderadora realizou uma postagem explicando o fato de não responder as mensagens na rede social (Figura 13).

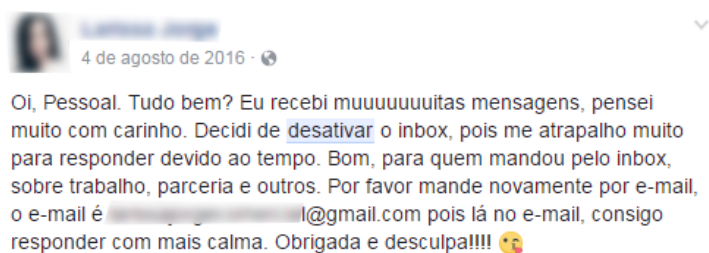


Figura 13 - Atualização da moderadora da *Fan Page 2*. Fonte: Facebook

Reenviamos o e-mail, conforme solicitado pela mesma na postagem (Figura 13), mas não tivemos retorno sobre a colaboração com nossa pesquisa.

Ao contrário das demais comunidades, a *fan page 1* e o grupo 2 responderam ao nosso contato. A primeira, ao ser apresentada à pesquisa, solicitou que adquiríssemos seus dois livros para que a partir destes obtivéssemos as respostas necessárias ao desenvolvimento do trabalho. Tendo em vista que nosso interesse era realizar uma entrevista com a administradora, percebemos que a leitura dos dois livros não supria a necessidade de um diálogo mais livre para discussão. No entanto, as obras esclarecem e revelam pontos importantes que enriquecem essa análise. Destacamos que os livros são relatos

da trajetória e das experiências vividas pela administradora. O segundo livro, especificamente, trata de desmistificar o uso do implante coclear. Durante o contato, a moderadora afirmou não ser pertencente à comunidade Surda e não se identificar com a cultura Surda, se colocando enquanto defensora da reabilitação auditiva.

Curiosamente, a administradora da *fan page* 1 se contradiz em algumas postagens, conforme vemos na Figura 14:



Figura 14 - Postagem sobre o Setembro Azul na *Fan Page* 1. Fonte: Facebook

Mesmo se posicionando contrária à existência de uma cultura Surda, a moderadora faz referência ao Setembro Azul. O Setembro Azul é um movimento da comunidade Surda, no qual se comemora mundialmente datas importantes acerca da surdez. Durante o mês são celebradas a luta e as conquistas por toda a comunidade Surda. A postagem da *fan page* 1 relata a trajetória de uma mãe à procura de uma escola que receba seu filho surdo de maneira inclusiva. Ao encontrar a instituição ideal para seu filho a mesma se mobiliza para apresentar e disseminar o movimento Setembro Azul, para que todos entendessem a surdez da criança.

A contradição está no incentivo da moderadora para que outras mães se inspirem na atitude de divulgar o Setembro Azul, data que não condiz com a ideologia da *fan page*. O que se esperava de *ethos* pré-discursivo, ou seja, a partir da imagem que essa moderadora criou em sua *fan page*, era a divulgação e defesa da reabilitação auditiva dessa criança (MAINGUENEAU, 2005).

Evidenciamos, em especial, o contato obtido com um dos líderes do grupo 2. Ao apresentarmos a pesquisa e seus objetivos, este se mostrou interessado em conhecer e entender a finalidade do nosso trabalho. O mesmo realizou diversas perguntas sobre a pesquisa e, particularmente, questionou o nosso método de análise. Informou que seu posicionamento, em não aceitar participar da pesquisa, se dava pelo que ele chamou de “risco” presente em se analisar um discurso. Seus argumentos se basearam na preocupação em ter falas ou colocações distorcidas de maneira que prejudicasse à luta do grupo. Durante o diálogo o mesmo se mostrou possuidor de um vasto conhecimento legislativo e mesmo da surdez. Apesar de sua resposta negativa quanto à realização da entrevista e da aplicação do questionário, o líder do grupo 3 se mostrou disposto a uma interação, ou seja, se dispôs a discutir e explicar os fatores que o impossibilitavam de colaborar com a pesquisa.

No início dessa seção, mencionamos que o contato com os moderadores contribuíram para destacarmos pontos que colaboram para o enfraquecimento das lutas sociais pela inclusão da pessoa surda. A ausência de retorno por parte das *fan page* 2 e 3, bem como o do grupo 1, são ações que acreditamos enfraquecer a luta surda por reconhecimento. Os três se reconhecem enquanto participantes da comunidade Surda, no entanto, não se dispuseram ao diálogo o que, de certa forma, não condiz com o principal objetivo da inclusão que é a interação social.

No que concerne à atitude da moderadora da *fan page* 1, acreditamos que a mesma também contribui para o enfraquecimento da luta pela inclusão. Pois, desvaloriza qualquer forma de inclusão que se desvincule do aparelho auditivo e do implante coclear. Outro fator a destacar diz respeito à sugestão de leitura das obras em substituição a uma conversa, o que consideramos desnecessário, uma vez que o diálogo entre a pesquisadora e a moderadora fluiria de maneira espontânea e, possivelmente, enriquecedora.

O administrador do grupo 2 surpreendeu positivamente, pois, mesmo se opondo a participar da pesquisa, fez questão de dialogar e argumentar acerca da decisão. Destacamos que o seu posicionamento diante da luta pela inclusão é uma atitude geradora de práticas sociais, isto é, mesmo diante de uma situação

discordante, ele partiu para o jogo dialógico presente na interação verbal (BAKHTIN, 2004). Durante a análise das postagens e comentários das comunidades, o grupo 3 mais se destacou no que concerne à luta pelo reconhecimento da surdez.

Dessa forma, defendemos que as atitudes dos administradores e moderadores das comunidades muito já diz a respeito de suas práticas sociais e, especialmente, seus discursos. Na análise das postagens e comentários é perceptível o reflexo dessas atitudes, de maneira que toda a lógica sobre pensamento e linguagem passa a fazer sentido (VIGOTSKI, 2002). As ações dos sujeitos refletem diretamente em seus discursos, como por exemplo, a *fan page* 1, na qual a moderadora teve uma atitude pretenciosa, sendo visível essa mesma ação em suas postagens. Assim como o moderador do grupo 2 que, bem como em suas publicações, aproveita o momento dialógico para interagir com o outro construindo uma relação de troca.

5.3 Postagens e Comentários

Conforme mencionamos no desenho metodológico, o critério para a escolha das postagens analisadas advém da unidade de análise eleita em ambas as dimensões (congruência e confronto de opiniões), uma vez que queremos focar as relações e tensões entre as vozes que contribuem com os discursos dos atores no espaço virtual. A unidade de análise em foco, portanto, é o jogo de tensões entre vozes, evidenciados nos enunciados. Desse modo, a unidade de análise é tratada a partir de dois parâmetros: a) processos de interação entre os participantes nos quais haja confronto de opiniões; b) processos de interação entre os participantes nos quais haja congruências nas opiniões.

Com o objetivo de visualizar, de maneira geral, as interações realizadas ao longo da construção dos dados, achamos pertinente a feitura de um quadro contendo um detalhamento quantitativo das postagens e comentários, bem como compartilhamentos e reações de cada comunidade. Considerando a congruência de vozes e os confrontos entre enunciadores.

COMUNIDADE	POSTAGENS	CONGRUËNCIA	CONFRONTO	REAÇÕES	COMPARTILHAMENTOS	COMENTÁRIOS
<i>Fan page 1</i>	506	506	27	89501	19653	6005
<i>Fan page 2</i>	234	234	0	19163	6471	1263
<i>Fan page 3</i>	94	94	3	2992	4750	106
Grupo 1	56	56	1	21493	5879	1221
Grupo 2	349	349	5	7532	26	3549

Tabela 1 - Tabela de ações realizadas nas comunidades. *Fonte: Facebook*

A análise da tabela revela as *identidades* e as “vozes surdas”. Inicialmente, enfatizamos a heterogeneidade existente nas comunidades analisadas, apesar do tema surdez ser o norteador das discussões. Foi possível observar as diferentes temáticas tratadas em todas as postagens no período de análise. Essa diversidade tornou-se um aspecto essencialmente valioso, de maneira que enriqueceu o nosso *corpus* e, mais ainda, nossas análises.

Destacamos alguns pontos que chamaram atenção na tabela 1, especialmente a ligação entre comentários e compartilhamentos relacionados ao perfil da comunidade. Conforme vimos mais acima, na imersão, os grupos aparentam perfis definidos que são claros ao analisarmos seus traços. Isso fica ainda mais evidente quando olhamos para a tabela 1. Nessa tabela, é possível observarmos relação entre o número de comentários e a comunidade. A *fan page 1* e o grupo 2 têm um grande número de comentários e isso se explica porque se trata das duas comunidades mais movimentadas no que se refere à tensão entre as vozes.

A *fan page 1*, dirigida por uma moderadora que traz temas polêmicos que dividem as opiniões, desperta nos membros uma discussão acalorada e por isso percebemos um grande número de comentários. Pode-se relacionar que quanto mais confrontos aconteceram na comunidade, nesse período da análise, mais comentários surgiram. Já o grupo 2 possui um grande número de comentários mesmo não havendo muitos confrontos gerados entre os participantes. No grupo 2 defendemos que o gerador do alto número de comentários é o projeto construído entre os participantes, ou seja, as propostas, as pautas, e principalmente, a grande quantidade de informações postadas no grupo, que geram dúvidas e novas ideias. Nesses dois casos percebemos que o jogo dialógico é

um elemento diretamente proporcional à inteligência coletiva.

Em contrapartida, o grupo 1, mesmo sendo a comunidade com o maior número de membros, apresenta um pequeno número de comentários. Ao analisarmos as publicações desse grupo percebemos que este se restringe a temas como a divulgação da Libras e seus respectivos cursos, o que de certa forma não mobiliza trocas discursivas intensas entre os enunciadores. Dessa forma, as ideias das postagens são, na maioria das vezes, compartilhadas e servem para tirar dúvidas sobre os cursos.

A visão geral das temáticas e a sua repercussão nos grupos serão melhor explanadas nas próximas linhas. Conforme expusemos desde o início dessa dissertação, as análises dos dados caminharam em consonância com a ADD. Contudo, valorizando o contributo teórico que expusemos ao longo dos capítulos, reportamo-nos a estes no decurso da análise.

A tensão entre as vozes: o que elas dizem?

Post - Exemplo 1 – 04/12/2015 O discurso enquanto representação social.

A primeira postagem escolhida para compor essa análise foi publicada dia 04 de dezembro de 2015 no grupo 1.



Figura 15 - Postagem do Grupo 1. *Fonte: Facebook*

Trata-se do compartilhamento de uma notícia sobre um aluno do 7º ano do ensino fundamental, surdo e alfabetizado em Libras. O mesmo conquistou a medalha de bronze na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas.

De acordo com a caracterização do grupo 1, essa forma de postagem condiz com o seu objetivo principal, pois diz respeito à divulgação da Libras. O garoto se comunica com a família e no ambiente escolar através da Língua de Sinais, sendo essa a facilitadora no seu processo de ensino aprendizagem. O título da publicação “ROMPENDO BARREIRAS” que, como praticado socialmente em ambiente virtual, é escrito em letras maiúsculas, propositalmente, para chamar atenção do leitor para a possibilidade de superação, por parte de surdos, diante das dificuldades sociais. A postagem recebeu 337 compartilhamentos e 833 curtidas, como mostra a figura abaixo:

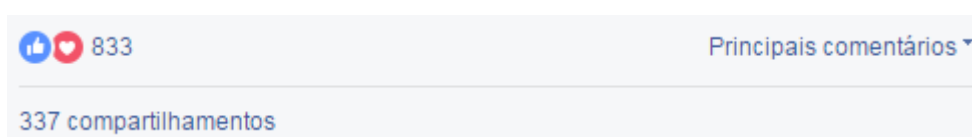


Figura 16 - Reações acerca do Post – Exemplo 1. *Fonte: Facebook*

No que se refere às unidades de análises que norteiam esse estudo, esse é um exemplo de congruência de opiniões. Dois comentários, em especial, chamam a atenção:

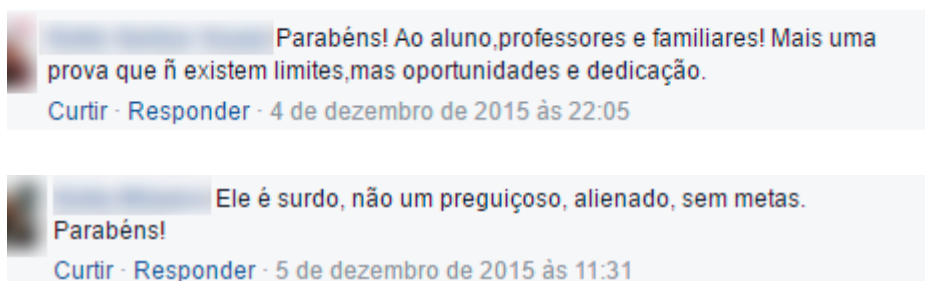


Figura 17 - Comentários sobre o Post - Exemplo 1. *Fonte: Facebook*

A configuração dos discursos retrata/transparece uma composição de relações impregnadas por uma realidade social e histórica (BAKHTIN, 1994). Essa afirmação se constrói ao considerar a filosofia marxista enraizada na tese bakhtiniana, isto é, o significado materialista social no discurso proferido pelo sujeito. O primeiro comentário (Figura 17) menciona os alunos, professores e familiares, e claramente remete à relação de interdependência existente na formação individual do sujeito (VIGOTSKI, 1998). Ao trazer para o discurso os demais indivíduos pertencentes ao contexto social do surdo, o membro do grupo 1 está concordante com a ideia de que a formação individual se constitui a partir do social, ou seja, trata-se de uma construção coletiva, conforme é dito na lei

genética geral do desenvolvimento cultural (VIGOTSKI, 1998).

Já segundo comentário, na figura 17, o participante do grupo 1 reporta-se às expressões estereotipadas como “preguiçoso” e “alienado”, reafirmando os julgamentos sofridos pelos sujeitos surdos ao longo de suas trajetórias. As declarações taxativas surgem a partir do momento em que se há uma negação da perda auditiva. Quadros (2006) diz que a não estimulação do desenvolvimento da linguagem nos primeiros anos pode originar dificuldades no desenvolvimento cognitivo e social do indivíduo. Esses obstáculos são vistos de forma pejorativa desmerecendo e pomenorizando os estorvos vividos pelo surdo (QUADROS, 2006). Dessa forma no comentário, o participante profere um discurso que se apoia e se forma a partir de seu conhecimento sobre a surdez e suas dificuldades, ou seja, a relação entre o sujeito discursivo e sua cultura (BRAIT, 2005).

Post - Exemplo 2 – 08/02/2016 Congruência crítica



Figura 18 - Postagem do Grupo 1 (Post – Exemplo 2). Fonte: Facebook

O mesmo grupo, em outra publicação do dia 8 de fevereiro de 2016, apresenta um conflito de ideias. Na verdade há uma concordância com ressalvas. O grupo 1 publica um pôster do filme “A família Bélier”, como vemos na Figura 18. O filme conta a história de uma jovem ouvinte, filha de pais surdos. Resumidamente, esta se torna a ponte de comunicação, através da Língua de Sinais, entre os pais e a sociedade oral-auditiva. No entanto, a garota resolve

seguir seu destino profissional e se vê diante de uma escolha, entre a família e a sua carreira.

Antes, relembremos a definição de *ethos* pré-discursivo, ou seja, a ação de antecipar à imagem que se tem do outro (coenunciador), antes mesmo do ato discursivo (MAINGUENEAU, 2005). Nessa publicação, o *ethos* pré-discursivo se manifesta a partir do moderador do grupo 1, que traz um caráter apelativo em sua chamada para o filme, utilizando a palavra “emocionante”. A palavra, nessa situação, se coloca como forma nominal escolhida para integrar-se como orientação argumentativa apelativa, seguida do verbo no imperativo “não deixem de assistir” (KOCH, 2002). Isso se torna evidente pela necessidade do apelo emocional, do moderador, a fim de conquistar e instigar o outro, a realizar a ação desejada.

Essa movimentação discursiva apelativa corrobora avivando o principal objetivo da página, ou seja, o grupo 1 quer divulgar o filme que mostra a importância da Língua de Sinais na vida da família Bélier. Porém, dessa vez um comentário, em especial, chamou atenção pelo alerta:

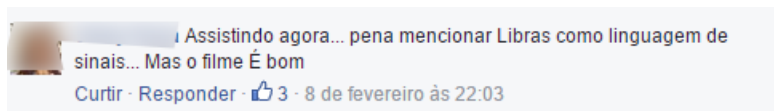


Figura 19 - Comentário (Post - Exemplo 2). Fonte: Facebook

O membro destaca (Figura 19) que o filme faz uso da expressão “língua de sinais”, comumente utilizada de maneira equivocada, em detrimento da nomenclatura apropriada, Língua de Sinais. Temos nesse momento, uma problematização quanto ao real objetivo do grupo. Se este tem como prioridade enaltecer e divulgar o uso da Libras enquanto língua materna do surdo, como pode aceitar passivamente, a troca da terminologia adequada? Nesse sentido, o membro do grupo lembra ao moderador que o filme é bom, porém traz uma expressão que não condiz com a realidade da Língua de Sinais. Ratificamos, nesse contexto, a interação entre as vozes, na qual o coenunciador assume uma posição discursiva que o estabelece como sujeito ativo diante do outro (GERALDI, 1997).

Como reação ao que é dito pelo membro acima, o moderador do grupo 1,

curte seu comentário. Acreditamos que este percebe a importância de ressaltar que a Língua de Sinais não deve ser referida como uma linguagem. Todavia, o moderador não responde, ao comentário, de forma escrita, o que poderia ser uma oportunidade de contribuir com fala e reafirmar sua posição diante da Língua de Sinais. No entanto, como veremos no Post – Exemplo 3 abaixo, pode-se considerar que há um dialogismo que se estende para além desta postagem desencadeada pelo comentário em foco, como elo de uma cadeia discursiva ininterrupta.

Post - Exemplo 3 – 23/04/2016 Dialogicidade e silenciamento

A mesma comunidade, especificamente dia 23 de abril, no qual se comemora o dia nacional da educação de surdos, realiza uma postagem sobre a Libras:

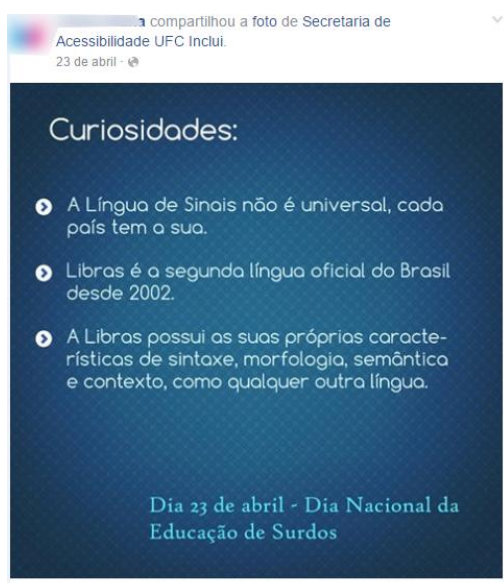


Figura 20 - Postagem Grupo 1 (Post- Exemplo 3). *Fonte: Facebook*

Há dois pontos que destacaremos nessa postagem. Primeiro a possível retratação quanto à postagem anterior, a qual foi ignorada a essência linguística da Libras. Obviamente não se pode garantir que se trata especificamente de uma resposta, e possivelmente, diz respeito a uma reparação inconsciente, ou seja, não há necessariamente a intenção de se retratar, mas de divulgar seu objetivo principal. No entanto, pode-se afirmar que há dialogicidade com o comentário analisado no Post – exemplo 2. Em segundo momento, chamamos atenção para o título “curiosidade”. A postagem traz três informações de extrema relevância

para o conhecimento da Libras, contudo percebemos que o título não atribui a real complexidade existente na Língua de Sinais. Isso porque o título escolhido não realça o contexto extra verbal que envolve os temas destacados, pois não são simples curiosidades, são marcos históricos que representam uma cultura (BAKHTIN, 1994).

Outro aspecto que trazemos para o debate é, que mesmo destacando esses temas fundantes da Libras, o moderador completa a ação discursiva por meio da alternância do silêncio, apesar de ser interrogado nos comentários. Tais ações gerariam tensão entre as vozes, mas o mesmo não responde os questionamentos dos membros. No entanto, Bakhtin (1994) discorre sobre o silêncio enquanto uma ação significativa, e o mesmo não é simplesmente a ausência de uma palavra. Para ele, esse silêncio pode representar diversos fatores, e acreditamos que, neste caso em questão, pode ser tratado como uma tentativa de monologismo, ou seja, o enunciador desvale-se da alteridade comunicativa (BAKHTIN, 1994). Referimo-nos a tentativa porque concordamos com a visão bakhtiniana de que o discurso monofônico não existe, o que há é a investida em bloquear as diversas vozes que permeiam o discurso (BARROS, 2003).

Post - Exemplo 4 – 24/08/2016 Divergência de vozes com ressalvas

A proposta bakhtiniana defende que em toda enunciação há uma atividade dialógica, isso acontece porque não há interação verbal sem o dialogismo. A *fan page* 1 nos traz uma amostragem de dialogismo presente na interação verbal, especificamente um confronto de opiniões.



Figura 21 - Postagem da *Fan Page 1* (Post - Exemplo 4). Fonte: Facebook

A moderadora compartilhou uma campanha, feita pela revista Vogue, sobre as Paralimpíadas. A campanha exhibe a imagem de dois atores, cujos membros foram retirados através de recursos de computador, com o intuito de representar as pessoas deficientes. A Vogue informou que a ideia da campanha, que teve como lema “#somostodosparalímpicos”, era dar visibilidade aos jogos, que, após o término das Olimpíadas, tinham apenas 10% dos ingressos vendidos. A campanha sofreu ataques, mas também ganhou admiradores. Como vemos na postagem acima, a moderadora da *fan page 1* discorda da proposta da campanha denominando-a “BIZARRA” E “Sem noção”.

Conforme mencionamos, o estilo de fala direto é característico da administradora da *fan page 1* e essa afirmação se fortalece ao lermos essa publicação. Pode-se inferir que as expressões foram utilizadas por ela considerando o significado mais estabilizado dessas palavras, cujo sentido ela quis expressar. Ela acredita se tratar de uma ação esquisita/incomum, de fato, teve intenção de afirmar que seus autores não tiveram “noção” do que estavam criando. Ela é criticada ao mencionar que a campanha “mostra o que acontece quando pessoas SEM deficiência vêm meter o bedelho no que toca as pessoas COM deficiência”. Um membro da *fan page* rebate com o seguinte comentário:

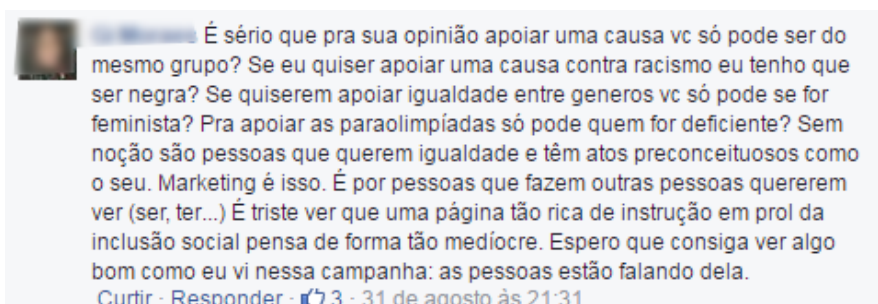


Figura 22 - Comentário (Post - Exemplo 4). *Fonte: Facebook*

Essa interação entre moderador e membro mostra claramente a relação dialógica existente entre os sujeitos, pois há um processo de troca na ação discursiva (BRAIT, 2005). O membro inicia questionando se é preciso ser pertencente a um grupo para apoiar suas causas e lutas. Para isso, ela faz menção a outras lutas sociais, como as lutas raciais e de gênero, valendo-se da intertextualidade discursiva (SILVA, 1997). Isso mostra que há um empréstimo discursivo, de caráter histórico, validando uma ação atual, pois as lutas sociais e de gênero contam com apoio de pessoas independente da raça ou orientação sexual. O intuito do comentário é problematizar a afirmação da moderadora que considera “inadequada” a campanha construída por pessoas sem deficiência.

Os pontos de vista se confrontam a partir do momento em que a moderadora acredita ser “bizarro” o fato de pessoas sem deficiência protagonizarem a campanha, e não os próprios atletas paralímpicos. Enquanto que o membro acredita ser positiva a participação dos atores, pois trouxe visibilidade a campanha.

A postagem que contava com 120 reações e 9 comentários congruentes a visão da administradora da *fan page* 1 teve, através da intertextualidade nesse comentário específico, uma desconstrução do seu discurso. Essa é a principal função da intertextualidade, enriquecer e mostrar novos direcionamentos ao discurso (BRAIT, 2005).

Post - Exemplo 5 – 26/09/2016 Vozes divergentes e suas convergências

A *fan page* 1 protagoniza a maior parte das postagens, nas quais é perceptível o confronto de opiniões. No dia 26 de setembro é comemorado o dia nacional do surdo, tendo em vista a importância da data, a moderadora

compartilhou uma postagem com o seguinte conteúdo:

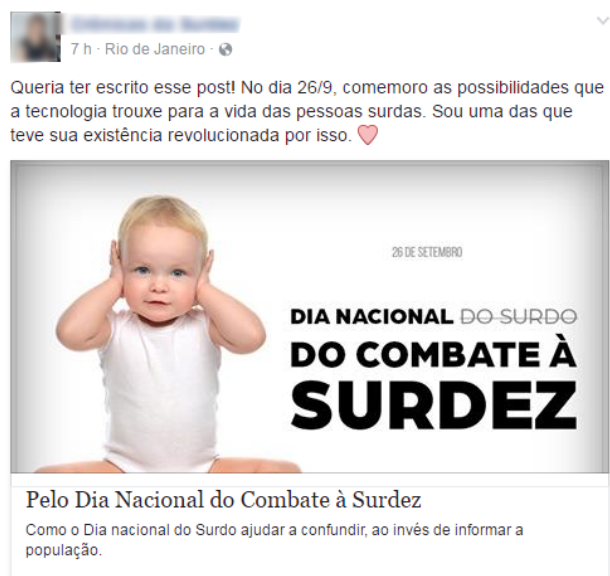


Figura 23 - Postagem da *Fan Page 1* (Post - Exemplo 5). Fonte: Facebook

A moderadora inicia sua fala mostrando seu desejo em ter escrito a postagem, pois a mesma compartilha a publicação feita pelo esposo, em outra fonte da internet. Ela segue destacando que no dia 26 de setembro comemora “as possibilidades que a tecnologia trouxe” para os surdos, referindo-se aos implantes, aparelhos, software e demais aparatos advindos do mundo informatizado. Na postagem (Figura 23), podemos ver um cartaz, em comemoração à data, alterado pela moderadora que risca o nome surdo e o substituí pela mensagem “combate à surdez”, a atitude da moderadora gera inúmeros comentários favoráveis e contrários.

Antes, devemos destacar o conteúdo da notícia, como dito no início dessa análise, a moderadora da *fan page 1* é casada com um otorrinolaringologista e administram uma clínica de reabilitação auditiva. Sendo assim, o médico faz uma postagem na qual é questionado o dia do surdo, que teve sua data escolhida em referência a criação do Instituto Nacional de Educação de Surdo (INES). O mesmo defende que a data deveria receber outro nome como “Dia Nacional da Cultura Surda” ou “Dia Nacional do Surdo Sinalizado”, pois diz respeito a uma parcela de surdos que utilizam a Libras como meio de comunicação. Ele conclui afirmando que não se devem negar os avanços tecnológicos da contemporaneidade e que a reabilitação auditiva é a melhor forma de adaptação

integral do surdo, a sociedade, não podendo reduzi-los à Libras.

A postagem teve 412 curtidas, 36 reações de “raiva”, 27 “amei”, 3 “triste” e 1 “uau”, do período de análise essa foi a postagem que obteve a maior oscilação entre as reações, provavelmente pelo teor polêmico da mesma.

Todas as 479 reações  412  36  27  3  1 

Figura 24 - Reações (Post - Exemplo 5) *Fonte: Facebook*

Nessa publicação, a interação verbal é marcada, nitidamente, pelo conflito e pela disputa presente na ação dialógica, bem como o caráter responsivo entre os sujeitos (BAKHTIN, 2004). O comentário abaixo (Figura 25) exhibe um título escrito em letras garrafais “DIA NACIONAL DOS SURDOS”, que ao dar continuidade à leitura percebemos que foi uma ação intencional que pretendia valorizar o conteúdo que viria a seguir.

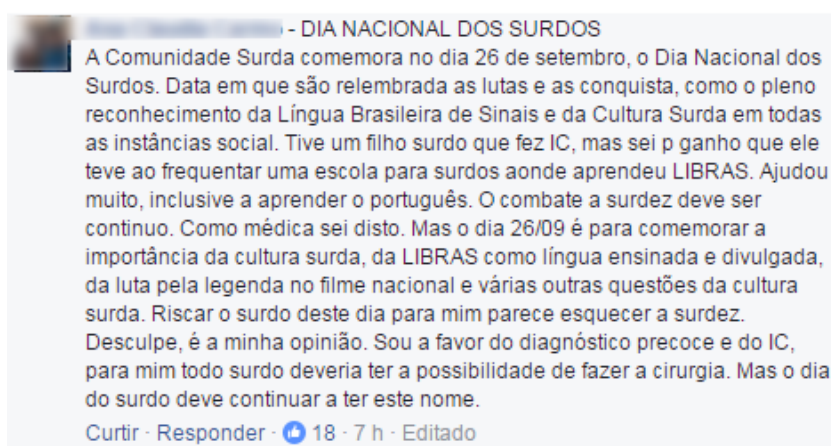


Figura 25 - Comentário 1 (Post - Exemplo 5). *Fonte: Facebook*

De início, o membro da *fan page* faz um percurso histórico, no qual menciona e relembra a importância e a legitimação da data para a comunidade surda. Trata-se, mais uma vez, da intertextualidade existente no discurso, a busca por dados e informações anteriores vem com desígnio de enriquecer e abonar sua fala (BAKHTIN, 2005). Ressalto, nesse comentário, a presença do dialogismo translinguístico em toda a construção desse discurso (SILVA, 1997). Em depoimento, a mesma afirma ser mãe de uma criança implantada, mas admite a importância da escola bilíngue e a importância de comemorar o dia nacional do surdo, ou seja, destaca os aspectos históricos e sociais que

envolvem a Libras e a surdez (BAKHTIN, 2005) (QUADROS, 2006). Achamos pertinente frisar a edição sofrida no comentário, conforme é visível na Figura 25, o que significa dizer que em algum momento do discurso, houve uma mudança (acréscimo ou retirada) de informações, o que remata uma ação dialógica, isto é, a concretização de uma atitude reflexiva *sobre* e *para* a linguagem (BRAIT, 2005).

Respondendo ao comentário da Figura 25 e contribuindo com o processo interacional, o otorrino, autor do texto, se expressa:

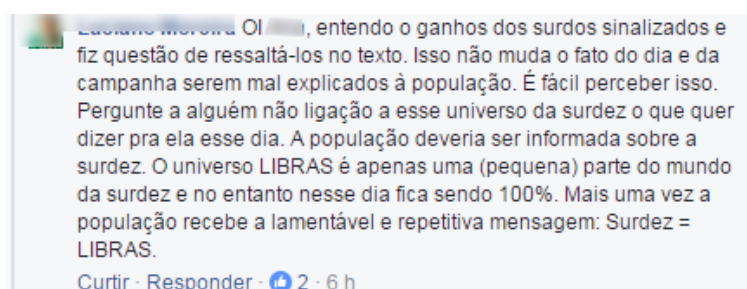


Figura 26 - Comentário 2 (Post - Exemplo 5). *Fonte: Facebook*

A ação discursiva do médico vem munida de um teor explicativo e, diríamos bastante cauteloso. Ele destaca que compreende os ganhos positivos conquistados pelos surdos sinalizados, e de fato, os ressalta no texto, assim como explica a existência de uma cultura defendida por eles. No entanto, ele discorda da associação feita ao surdo e a Libras, pois acredita que surdos são todos aqueles que possuem a deficiência auditiva e, nem todos, são usuários da Língua de Sinais. Portanto, ele conclui que o Dia Nacional do Surdo não representa todos os surdos, mas apenas os sinalizados. Concordamos com Brait (2005), ao afirmar que a ação responsiva é prevista pelo enunciador da vez, que ativa seus conhecimentos para formular a ação discursiva. E foi justamente o que fez o otorrino, pontuando sua resposta para atender os questionamento do membro do *fan page*.

Seguindo a especificidade da atividade dialógica, presente na interação verbal dos sujeitos, o membro reitera seus argumentos anteriores, trazendo novos elementos linguísticos a sua resposta.

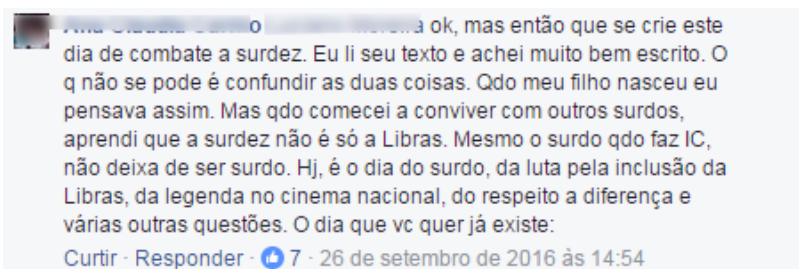


Figura 27 - Comentário 3 (Post - Exemplo 5). *Fonte: Facebook*

Em princípio, ele salienta que compreende os argumentos trazidos pelo médico, porém os mesmos se desvalidam a partir do momento em que já existe o Dia de Prevenção e Combate à Surdez, comemorado em 10 de novembro.



Figura 28 - Comentário 4 (Post - Exemplo 5). *Fonte: Facebook*

Dessa forma, o membro conclui que o dia 26 de setembro deve ser lembrado como uma data de luta pela inclusão do surdo e da Libras, bem como da inclusão de legendas e demais questões sociais envolvendo a surdez. Nessa fala, percebemos um desejo por justiça, por parte do membro, em se reconhecer que os ganhos conquistados surgiram, inicialmente, com a luta de surdos sinalizados e a Libras representa uma conquista linguística e social (PERLIN, 2013).

Percebemos que durante a interação os discursos foram acompanhados por outras pessoas, isso foi observado através das curtidas recebidas em cada comentário. O membro, inclusive, recebe mais curtidas que o médico, o que evidencia a concordância, de maioria do grupo, para com seus argumentos.

Nesse momento da análise, presenciamos uma situação que exemplifica a afirmação feita no referencial teórico dessa dissertação. Pois, de acordo com Bakhtin (2005), a intertextualidade pode contribuir e dar ênfase a determinado discurso somando em seus argumentos. Porém, há a possibilidade de desconstrução discursiva, como por exemplo, ocorreu na situação a seguir (Figura 29). O autor do texto, após considerar os argumentos e contrapontos apresentados pelo membro, retrata-se modificando parte do texto.

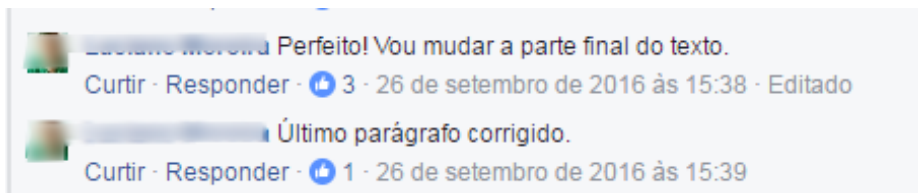


Figura 29 - Comentário 5 (Post - Exemplo 5). *Fonte: Facebook*

O discurso pode se modificar à medida em que um novo submerge ao jogo dialógico, isso se dá pela existência de diferentes vozes presentes no ato discursivo, a polifonia (BAKHTIN, 2005). A partir desse ponto da postagem, diversos comentários questionando e chamando para discussão foram publicados.

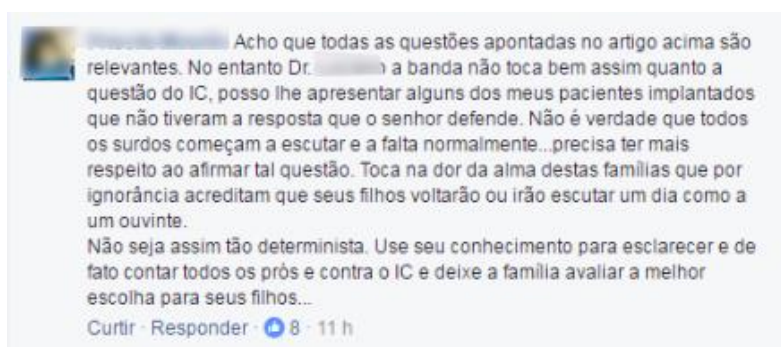


Figura 30 - Comentário 6 (Post - Exemplo 5). *Fonte: Facebook*

Na Figura 30, o membro da *fan page* 1 relata sua experiência acerca do implante coclear, afirmando que alguns de seus pacientes, mesmo após o implante, não conseguiram voltar a ouvir. Dessa forma, ele pede que o otorrinolaringologista seja imparcial, informando que nem todos serão beneficiados através da intervenção cirúrgica. O dialogismo presente nesse momento se configura como um elemento que permeia o discurso a partir das interações entre os sujeitos e seus pares, bem como sua cultura, nesse caso,

entre o membro (médico) e seus pacientes (BRAIT, 2005).

Essa postagem protagonizou, notavelmente, o dialogismo presente nas interações verbais, sendo possível observarmos as duas unidades de análise de maneira bem elucidativa. Alguns comentários convergiam com a opinião manifestada no texto (Figura 31).

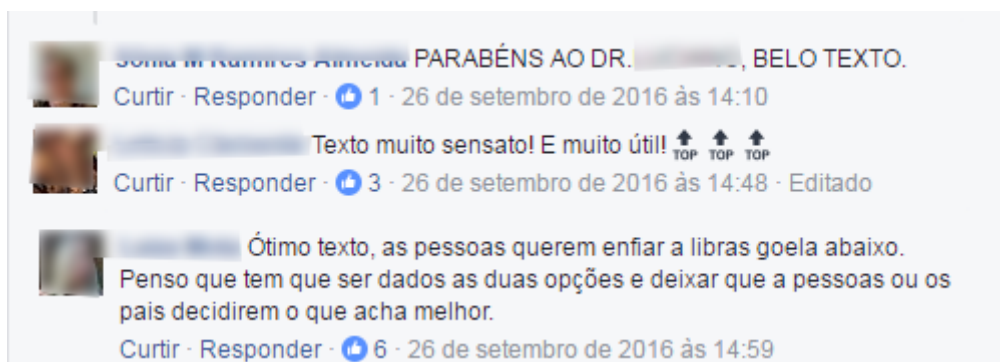


Figura 31 - Comentário 7 (Post - Exemplo 5). *Fonte: Facebook*

Enquanto outros, grande maioria, conflitavam com as ideias presentes no texto, bem como a ação da moderadora ao riscar a palavra “surdo” (Figura 32).

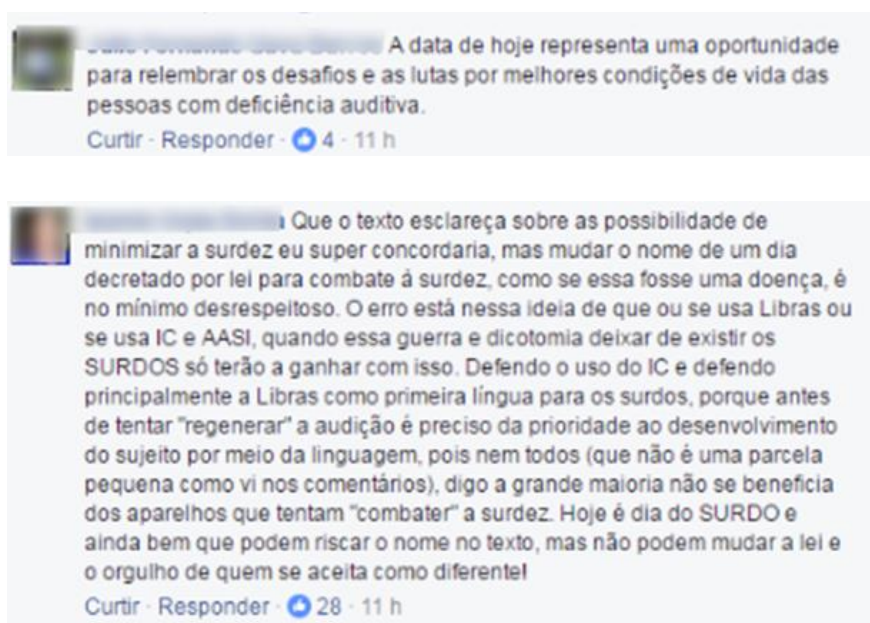


Figura 32 - Comentário 8 (Post - Exemplo 5). *Fonte: Facebook*

Esses posicionamentos diversos explicam as diferentes reações motivadas pela publicação (Figura 24). Há, como dissemos acima, vozes convergentes e divergentes na postagem que deixam claro a efetivação da intertextualidade. Essa intertextualidade se manifesta nas suas duas dimensões,

pois observamos nessa análise que as visões discordantes, em alguns momentos, dão um novo direcionamento ou rumo ao discurso. Do mesmo modo que os posicionamentos congruentes fortalecem o discurso da moderadora. De qualquer maneira, ambos contribuem para o confronto de ideias e concretização do jogo dialógico (BAKHTIN, 2005).

As diferentes teorias e convicções acerca do tema discutido nos mostram a presença efetiva da polifonia, ou seja, revelam as múltiplas vozes que preenchem o espaço comunicativo (BARROS, 2003). Esse entrelaçamento de vozes dá origem ao discurso, isto é, esses se constituem de maneira heterogênea e multifacetada (BAKHTIN, 2004).

Sobre as tensões entre as vozes destacamos os seguintes comentários:

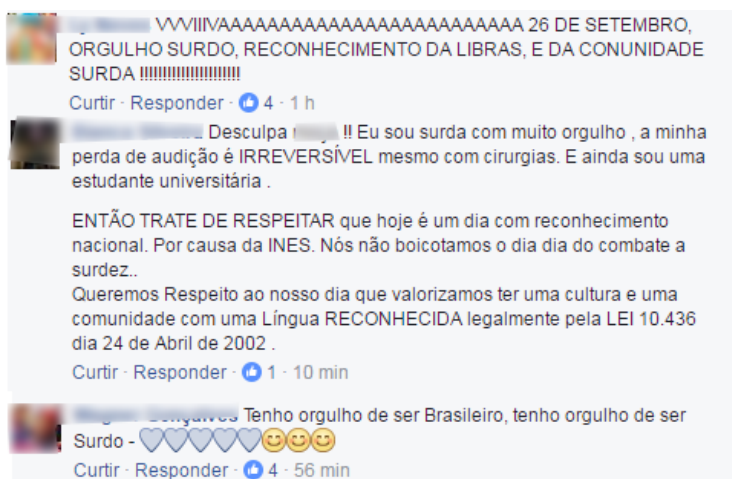


Figura 33 - Comentário 9 (Post - Exemplo 5). Fonte: Facebook

Percebemos, nesses trechos da publicação, que as tensões entre as vozes, ou seja, a rede dialógica das vozes traz o que Bakhtin (2004) denomina de consciência humana. Para ele, essa consciência se manifesta na polifonia, isto significa que as tensões presentes no ato discursivo refletem visões de mundo, daquele que enuncia (BAKHTIN, 2004). Bakhtin (1994) diz que as palavras são elementos de lutas, usadas pelas classes, nas quais são refletidas as ideologias e bandeiras de grupos sociais.

Na palavra “orgulho”, que se faz presente nos três comentários (Figura 33), percebemos o *ethos* do sujeito discursivo, isto é, os membros da *fan page* 1 preocupam-se em ressaltar a sua imagem mediante a publicação

(MAINGUENEAU, 2005). Maingueneau (2005) fala que o *ethos* diz respeito à representação construída sobre aqueles inseridos num processo de interação verbal, em outras palavras, esses usuários, criam seus enunciados a partir de uma ação que remete ao seu papel social. Dessa forma, essa construção de imagem inicia um jogo de poderes que definirão os papéis sociais de cada sujeito envolvido na ação discursiva (MAINGUENEAU, 2005).

Ao compreender a noção de *ethos* discursivo, observamos que, em alguns comentários, a representação social é bastante destacada pelos usuários. Após o comentário na Figura 32, no qual o membro da *fan page* 1 se opõe ao texto publicado, a moderadora a questiona:



Figura 34 - Comentário 10 (Post - Exemplo 5). Fonte: Facebook

A resposta do membro da *fan page*:



Figura 35 - Comentário 11 (Post - Exemplo 5). Fonte: Facebook

Há dois pontos a serem discutidos nessa questão, primeiro a pergunta realizada para o usuário e segundo a utilização da palavra “surdo”. No que diz respeito a pergunta, observamos que ele se constitui a partir do depoimento feito pelo membro (Figura 32) que inquieta a moderadora. Percebemos que a moderadora, assim como a sua ação na postagem sobre a Paralimpíadas (Figura 21), compreende que a surdez ou qualquer outra deficiência, deve ser anunciada/expressada apenas por quem a possui. Obviamente, o membro da *fan page* utiliza experiências pessoais e vivências com surdos a ponto de constituir sua própria visão da surdez. Isso acontece porque, no processo de trocas e interações, os sujeitos avivam conhecimentos, ideias e experiências vividas para formular seus discursos (BRAIT, 2005). Sendo assim, a mesma não precisa ser surda para falar ou se expressar sobre a surdez.

Acerca do segundo ponto ressaltamos a escrita da palavra “surdo”. Ao ser questionado pela moderadora sobre ser surda, o membro responde informando que não é surda, mas sim fonoaudióloga bilíngue. Ela conclui sua resposta realizando outra pergunta “e vc é surda ou Surda?”. Primeiramente explicamos que os fonoaudiólogos bilíngues são os profissionais que acreditam no uso da Língua de Sinais enquanto língua materna dos surdos. Esses defendem que o uso de aparelhos ou implantes cocleares não são as únicas alternativas comunicativas do surdo, isto é, pensam que a Libras diminui as barreiras enfrentadas no processo de desenvolvimento, linguístico e social, dos surdos.

Sobre a pergunta feita à moderadora, o membro quer saber se a mesma é surda (deficiente auditiva) ou Surda (pertencente a uma comunidade/cultura surda). Essa diferenciação vocal se dá a partir do momento em que a comunidade surda acredita que a sua surdez não lhe enquadra enquanto deficiente, mas como pessoas pertencentes a uma cultura. Quando essa pergunta é feita há um cenário dialógico transbordando o processo interacional. O membro responde que não é surdo, no entanto, em seus discursos se mostra conhecedor da cultura surda e defende um ponto de vista. Medina (2013) apresenta o dialogismo na ótica bakhtiniana como um fenômeno subjetivo que se concretiza em ação de alteridade, ou seja, a interação serve para construir e solidificar a construção de identidade coletiva. Esse dado, em especial, esclarece que a comunidade surda é preenchida e partilhada por pessoas surdas e ouvintes, tendo essas em comum a defesa cultural surda. O membro, apesar de não ser surdo, se posiciona enquanto sujeito pertencente à comunidade surda e seus discursos se apoiam em valores históricos e, sobretudo, ideológicos. Essa constatação revela a natureza polifônica da interação verbal (BAKHTIN, 1994).

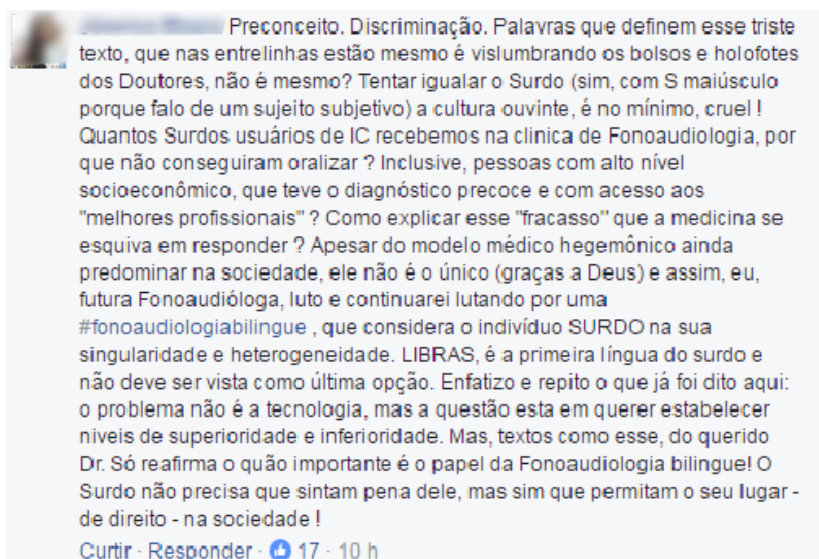


Figura 36 - Comentário 12 (Post - Exemplo 5). Fonte: Facebook

Observamos que, na postagem da Figura 36, o membro representa as diferentes vozes que carregam a cultura surda. Há uma ideologia presente nas fala de cada um. As pessoas que defendem o implante coclear e o combate à surdez têm uma visão ideológica que correspondem a suas vivências, bem como os apoiadores de uma cultura surda e do uso da libras se manifestam a partir de seu contexto histórico.

Post - Exemplo 6 – 21/05/2016 As tensões entre as vozes e sua dialogicidade

Seguindo com a discussão sobre polifonia, a postagem abaixo revela a principal proposta dessa dissertação, analisar as tensões entre as vozes.

21 de maio · 🌐

Vota contra Projeto de Lei que considera Surdez Unilateral como Pessoa com Deficiência! Voto (🗳️).

Estão querendo colocar surdo unilateral (só surdo em único ouvido) como Pessoa com Deficiência. Isso não é justo porque não tem impedimento, não sofre sem acessibilidade igual a nós (surdos bilaterais).

A Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU (artigo 1º) e Lei nº 13.146/2015 (Lei Brasileira de Inclusão, artigo 2º) dizem: "Pessoas com Deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, PODEM OBSTRUIR SUA PARTICIPAÇÃO PLENA E EFETIVA NA SOCIEDADE EM IGUALDADES DE CONDIÇÕES COM AS DEMAIS PESSOAS". Então qual é obstrução de participação plena e efetiva na sociedade para surdos unilaterais? Nada! Eles podem ouvir, entender e se desenvolver plenamente.

A Recomendação nº 03 – CONADE/SDH/PR, de 1º de dezembro de 2012, que dispõe sobre as pessoas com visão monocular e com perda auditiva unilateral e a não ampliação dos mesmos direitos assegurados àquelas que apresentam deficiência. Foi decidida que não sejam ampliados às pessoas com perda auditiva unilateral os mesmos direitos assegurados àquelas que apresentam deficiência, mormente a reserva de vagas em concursos públicos e a destinação de cotas na iniciativa privada.

A Nota Técnica nº 12/2007 da ex-Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência – CORDE/SEDH/PR, que hoje chamamos de SNPD - Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, posicionou-se contra a inclusão da pessoa com perda auditiva unilateral no conceito de pessoa com deficiência. Destaco a conclusão da nota técnica: "Desta maneira, o grupo concluiu que a perda auditiva unilateral não acarreta incapacidade ou restrição funcional que impeça a participação social do indivíduo".

Se aprovar esse Projeto de Lei, concorrência fica desleal aos outros surdos bilaterais, cadeirantes e cegos nos concursos públicos. Surdos unilaterais podem ter direito a BPC de INSS, aumentando mais rombo de déficit do INSS, podendo quebrar nossa previdência (aposentadoria). As empresas podem preferir surdos unilaterais do que surdos bilaterais para cumprir as cotas de PCD, deixando mais isolados os surdos bilaterais. Entre outros

▼ Eles não merecem, pois vão entender e viver bem sem acessibilidade nem Libras como vivendo igual a ouvinte. Por que eles querem mais benefícios igual a nós sem sofrer nada?

O Superior Tribunal da Justiça (STJ) afirmou que surdo unilateral não tem direito para concursos públicos, por meio de Súmula 552: "O portador de surdez unilateral não se qualifica como pessoa com deficiência para o fim de disputar as vagas reservadas em concursos públicos". Corte Especial, aprovada em 4/11/2015, DJe 9/11/2015.

O Supremo Tribunal Federal (STF) por meio de Segunda Turma, sob a presidência do Senhor Ministro Gilmar Mendes, por unanimidade de votos, negou provimento ao Agravo Regimental em Mandado de Segurança 29.910/DF, de 21/06/2011, impetrado por agravante com surdez unilateral que reclama por condição de pessoa com deficiência.

<https://youtu.be/fUEK76ofSyU>

Diz NÃO (CONTRA) à surdo unilateral como pessoa com deficiência

Vote em NÃO - CONTRA à surdo unilateral. Segue no link: <https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visual...>

YOUTUBE.COM

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar

👤 30 Principais comentários ▼

Figura 37 - Postagem (Post - Exemplo 6). *Fonte: Facebook.*

A *fan page* 3 representa uma instituição que defende os direitos dos surdos, no entanto, nessa postagem, percebemos que os surdos beneficiados em suas ações são os bilaterais. Para entender a situação é necessário compreender que, um grupo de surdos unilaterais busca, no senado federal, a aprovação de um projeto de lei que garante o reconhecimento da surdez unilateral enquanto deficiência auditiva. Mais à frente refletiremos sobre o grupo 2 que discorrerá sobre o assunto. Todavia, a postagem vista na Figura 37 apresenta uma ação da instituição se posicionando contra o projeto de lei dos surdos unilaterais que, de acordo com eles, possuem uma participação plena e efetiva na sociedade. Ao fim da postagem, tendo conhecimento que a página é visualizada por surdos bilaterais, eles compartilham o link de acesso para consulta pública da PL, enfatizando a oposição da instituição ao projeto.

A disposição contrária, defendida pela *fan page* 3, deixa visível que há um ponto de vista a ser defendido ou convicções sociais, nas quais se apoiam para defender e pleitear algo a partir de sua visão ideológica (BRANDÃO, 2005).

Em resposta a essa postagem, nos comentários abaixo (Figura 38), mostra o outro lado defensor do projeto. É perceptível, através da análise, a carga ideológica presente em ambos os lados, apoiadores e contrários ao projeto de lei.

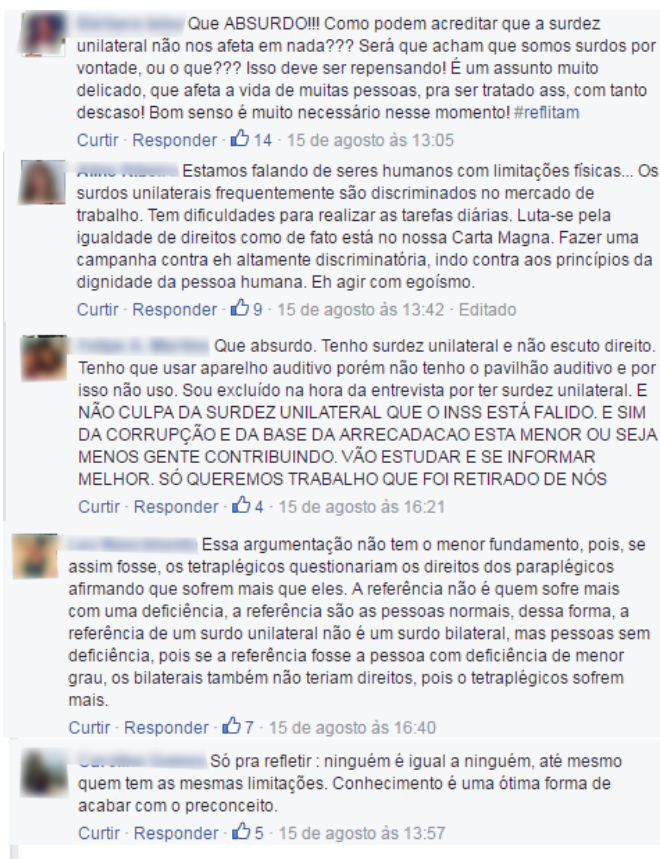


Figura 38 - Comentário (Post - Exemplo 6). *Fonte: Facebook*

As interpretações distintas e os diferentes aspectos que envolvem esses grupos indicam a presença marcante da polifonia, ou seja, no universo da surdez há a manifestação de múltiplas vozes que defendem suas próprias ideologias (BAKHTIN, 2004). Koch (2007) compreende que a polifonia é um “coro de vozes” coexistente nos discursos e toma a função de representar uma perspectiva.

Destacamos a significação presente nos comentários, pois apesar do tema surdez compreender toda atmosfera da discussão é perceptível que a significação, para cada usuário, faz seu discurso se moldar e construir um sentido único (BAKHTIN, 1994). Nesse ponto, tanto o Círculo bakhtiniano (1994) quanto a escola de Vigotski (2000), compartilham a ideia de que o discurso irá harmonizar-se e criar significados diversos a partir de seu contexto histórico. Isso

fica evidente na postagem, uma vez que há vozes divergentes que indicam visões opostas, porém, mesmo as vozes convergentes, se diferenciam em sua essência. Conforme afirma Vigotski (2000) não se consegue chegar ao sentido, de fato, do discurso, mas as possíveis zonas de sentido, se observarmos a língua enquanto fenômeno complexo e histórico. Sendo assim, os comentários compartilham uma visão de mundo, mas se destacam individualmente a partir das singularidades existentes em cada usuário, confirmando a interdependência existente entre o eu e o outro (ELIAS, 1994; 2009) (VIGOTSKI, 1998; 2000; 2005).

A relação mútua entre os sujeitos e o desenvolvimento individual do ser humano é definido por Bakhtin (1994) como um processo dialógico. Essa afirmação se dá a partir da ideia de que a gênese de um pensamento se dá por meio da interação entre o sujeito e o social, da mesma forma que seu pensamento coletivo se constitui baseado em aspectos individuais (Vigotski, 1998).

Vigotski (1998) defende a existência de tempos que envolvem o processo de formação social e individual: a) o tempo filogenético (que diz respeito ao desenvolvimento da espécie humana), o tempo sociogenético (que parte da história dos grupos sociais), o ontogenético (referindo-se ao desenvolvimento do indivíduo) e microgenético (que considera o desenvolvimento de aspectos específicos do nível psicológico do indivíduo – as singularidades). Essa lógica da abordagem vigotskiana percebe o indivíduo como um sujeito completo e, acima de tudo, complexo.

Achamos coerente realizar essa breve explanação sobre o desenvolvimento do ser humano, por julgarmos ser importante essa compreensão global para entender que há uma lógica dialógica nas práticas. Essa dialogicidade segue uma dinâmica que parte de um nível individual, envolvendo dimensões biológicas e psíquicas, bem como o processo de interação social e as especificidades que compõe cada um (VIGOTSKI, 2000). Por esse motivo os comentários, mesmo defendendo uma ação grupal (a favor da PL) se constituem em diferentes argumentos indicando as vozes polifônicas que compõem o discurso (BAKHTIN, 1994).

Post - Exemplo 7 – 26/07/2016 As diferentes vozes identitárias

Sobre o mesmo Projeto de Lei, o grupo 2, faz uma postagem inversa à da Figura 38, pedindo que os seus membros votem favorável à PL:

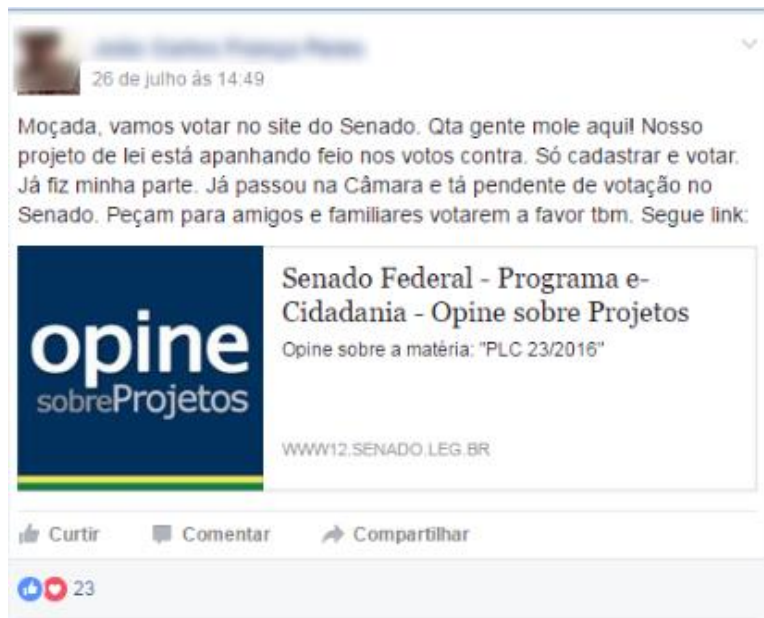


Figura 39 – Postagem 1 (Post - Exemplo 7). *Fonte: Facebook*

Como mencionamos, trata-se de um grupo fechado que discute questões sobre a surdez unilateral. Legalmente, o decreto nº 3.298/1999 considerava como deficiência auditiva a perda parcial ou total. Em 2004 o acréscimo do termo “bilateral” no art. 4º deste mesmo decreto excluiu a os surdos unilaterais que, a partir de então não são considerados pessoas deficientes, o que os impedem de gozar os direitos assegurados por lei. Atualmente, com o intuito de reverter esse quadro, algumas ações foram interpostas no Supremo Tribunal de Justiça e o grupo 2 luta pelo reconhecimento de seus direitos.

A dinâmica do grupo, no qual as postagens podem ser realizadas por todos os membros, já esclarece o cenário de organização voltado para as práticas sociais. Para Souza (2011), as práticas objetivam as transformações, no caso do grupo em questão, as trocas e compartilhamentos existentes no espaço virtual contribuem para que o sujeito adquira novas e diferentes informações e conhecimentos, possibilitando a concretização de suas práticas.

Um ponto a ser destacado nesse grupo é a coletividade presente no espaço da internet e podemos associar essa ação ao que Lèvy (1999) veio a

chamar de inteligência coletiva. Esse grupo, em especial, utiliza-se do espaço virtual para juntos compartilharem informações que auxiliam e contribuem com uma unidade de ideias. Os membros dos grupos realizam postagens com novas informações afim de que os demais integrantes do grupo tenham conhecimentos de todos os fatos que envolvem a surdez unilateral. Lèvy (1999) refere-se a um movimento de tornar-se inteligente de maneira coletiva e, esse grupo, pratica essa ação constantemente, pois almeja que nenhum de seus membros participem de maneira passiva, pelo contrário, tentam munir-se de conhecimento que contribuam com a causa maior. Como vemos nas postagens a seguir:

compartilhou um link.

14 de outubro de 2016

Em decisão inédita na Justiça Federal de SP, se reconheceu a isenção do IRPF para aposentado transplantado renal, pela moléstia grave Nefropatia Grave.

Inicialmente a isenção foi negativa pela perícia oficial do IBGE e depois em juízo o perito, afirmou que agora o cliente não tinha em termos médicos a NEFROPATIA GRAVE, mas que teve falência total dos dois rins, fazendo transplante de um novo e retirada dos dois "mortos".

Apesar de no momento não ter sintomas da doença grave, n... Ver mais



Justiça Federal de SP isenta TRANSPLANTADO RENAL DO IRPF !

Lino Advocacia

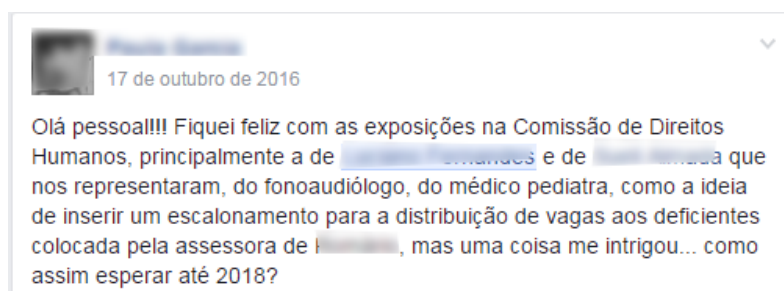
Figura 40 - Postagem 2 (Post - Exemplo 7). Fonte: Facebook



Figura 41 - Postagem 3 (Post - Exemplo 7). Fonte: Facebook

A construção da inteligência coletiva exige a interação entre o eu e o outro, ou seja, trata-se de uma atividade de cunho colaborativo. Percebemos nesse ponto da análise que o processo interacional é essencial na construção do sujeito, pois diz respeito a uma ação de troca entre o individual e o coletivo/social.

Destacamos também a voz de Lèvy (1999) quando o mesmo discorre que a internet favorece o surgimento de líderes, ou seja, pessoas que destacam pelo potencial de iniciativa, nesse caso nas postagens. Esses líderes instigam as discussões e debates, bem como organizam as ações dos agentes sociais. No grupo 2, é possível observarmos alguns membros que se colocam em posição de liderança, sendo reconhecidos, inclusive, pelos demais integrantes do grupo. Conforme vemos na postagem da Figura 42.



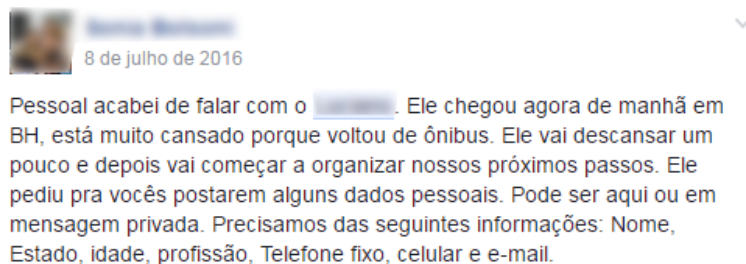


Figura 42 - Postagem 4 (Post - Exemplo 7). Fonte: Facebook

A busca pela inteligência coletiva e o surgimento de líderes esclarecem que há uma luta em destaque, necessitando de uma organização. Souza (2011) vai definir que não se estabelece uma prática social sem a organização por parte dos sujeitos. Essa organização exige a realização de dois pontos, o primeiro refere-se às mudanças contextuais, ou seja, formato e estrutura dos grupos, surgindo, nesse momento, os possíveis líderes. O segundo requer reflexões conceituais, que estão diretamente relacionadas à busca da inteligência coletiva, pois acreditamos que as discussões que envolvem conceitos contribuem para a interação dos sujeitos e respectivamente para a organização das práticas sociais.

Post – Exemplo 8 – 23/05/2016 As vozes surdas e suas identidades

Esse movimento de organização das práticas nos leva a refletir sobre identidades. Conforme destacamos no capítulo I, Castells (2003) afirma que o interesse coletivo resulta em três formas identitárias: a identidade legitimadora, a identidade de resistência e a identidade de projetos. No grupo 2, há um turbilhão de ações geradoras de práticas que culminam em uma identidade coletiva. Em diversas postagens do grupo é perceptível a existência de um conflito entre os surdos unilaterais e os surdos bilaterais.

Em nossa análise tentamos identificar as formas de identidades existentes nesses grupos surdos com o intuito de desmitificar a ideia de unidade surda, ou seja, apresentar os diferentes grupos surdos e as diferentes vozes que compõem a sociedade. Por parte dos surdos unilaterais, percebemos uma identidade de projetos munida de uma luta coletiva comum a seus membros (CASTELLS, 2003). Eles defendem que os surdos bilaterais já conseguiram se posicionar diante da sociedade, inclusive, obtiveram seus direitos assegurados por lei. O

grupo 2 afirma que os surdos bilaterais são um exemplo de identidade legitimadora, pois já são possuidores de instituições, associações e diversas entidades.

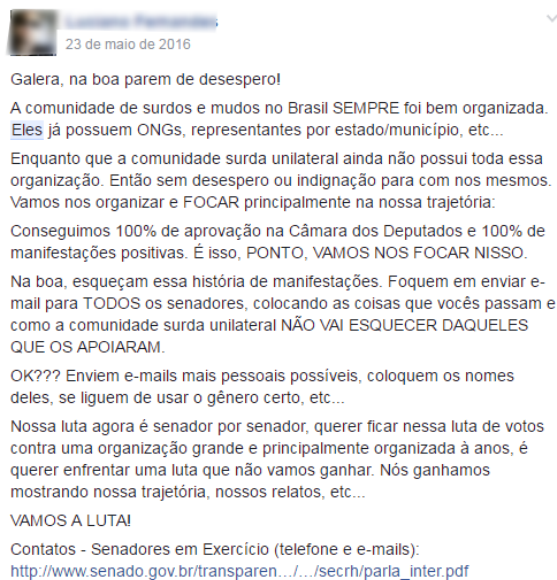


Figura 43 - Postagem (Post - Exemplo 8). *Fonte: Facebook*

Essa postagem (Figura 43) é feita por um dos membros que se destacam como líder do grupo 2 e este visualiza que os surdos bilaterais constituem uma identidade legitimadora. Ou seja, já se estabeleceram e se firmaram enquanto instituição reconhecida socialmente e cabe aos unilaterais uma organização a fim de conquistar tais direitos, isto é, uma identidade de projetos. Notamos que a identidade de resistência foi necessária até o momento em que o grupo conquista um espaço político, posteriormente, o líder aconselha uma luta organizada que requer uma estratégia: um projeto. Vale ressaltar que essa postagem foi motivada pela votação da consulta pública do projeto de lei no site do senado. Trata-se de uma votação que tem como objetivo saber a opinião, da população, acerca do projeto. Tendo em vista que a maioria dos votos era contrária ao reconhecimento da surdez unilateral enquanto deficiência, diversos membros do grupo 2, iniciaram uma série de postagens exigindo que os demais surdos unilaterais votassem a fim de elevar a quantidade de votos favoráveis, conforme vemos nas Figura 44.

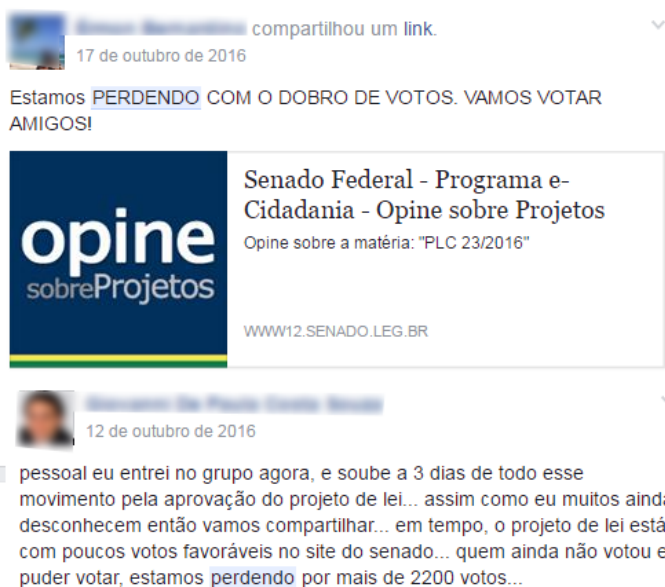


Figura 44 - Postagem 2 (Post - Exemplo 8). *Fonte: Facebook*

Diante das cobranças por votos, o líder chama a atenção para o processo atual vivenciado pelo grupo. Esse processo diz respeito a identidade de projeto construída a partir do material cultural: “nossas trajetórias, nossos relatos” (Figura 43) (CASTELLS, 2003). Outra postagem que exemplifica a ação de projetos do grupo 2 é trazido na Figura 45.

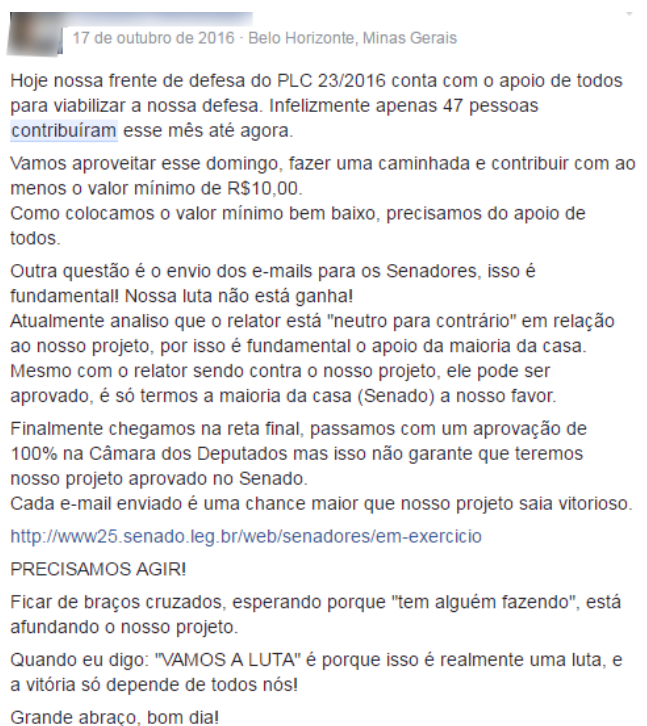


Figura 45 - Postagem 3 (Post - Exemplo 8). *Fonte: Facebook*

A postagem 3 revela a forma como eles se organizam a fim de arrecadar valores para que líderes do grupo possam representar os demais em reuniões em Brasília. Essa visão só é possível quando observamos que tudo se iniciou com o sentimento de resistência, ou seja, uma saída do ponto de acomodação para uma ação geradora de práticas. Isto é, diante da realidade vivida por surdos unilaterais, sem direitos assegurados por lei, o que os posicionavam em um “limbo” social no qual não se encaixavam em deficientes, nem típicos, estes se dispuseram em condição resistente a uma lógica existente (CASTELLS, 2003).

Nesse ponto da análise, torna-se inevitável pensar o sujeito pós-moderno descrito por Stuart Hall (2006). A mudança identitária, segundo Hall (2006), é uma marca do sujeito pós-moderno que adota posturas distintas ao longo de sua trajetória. É importante evidenciar que essa afirmação é feita por Hall (2006) tendo em vista a história do sujeito, ou seja, é uma mudança historicamente situada. Congruente a essa visão, Vigotski (1998) e Elias(1994) reafirmam a historicidade presente em cada sujeito, tanto no âmbito individual quanto coletivo, compreendendo o processo de interação entre o eu e o outro. Sendo assim, ao verem os surdos bilaterais enquanto exemplo de identidade legitimadora, os mesmo se posicionam em ação de projetos, com objetivo de alcançar tal patamar social. Da mesma maneira que os surdos bilaterais se posicionam em situação de projetos, tendo em vista a perspectiva dos ouvintes, em relação as conquistas de direitos. Porém, os surdos bilaterais reconhecem que já passaram por algumas etapas da luta, inclusive pensam que podem perder seus direitos conquistados a partir do momento que os unilaterais adquirirem os novos.

Post - Exemplo 9 – Quando as vozes divergentes se convergem

A palavra inclusão se fez presente especialmente em um ponto da análise no qual as vozes, que até então se divergiam, cruzaram-se em detrimento de uma causa única que visa a garantia dos direitos surdos.



Figura 46 - Postagem 1 (Post - Exemplo 10). Fonte: Facebook

Essa postagem da *fan page* 1 (Figura 46) fala sobre a falta de legendas nos filmes, sendo este um tema bem recorrente nas comunidades surdas. Apesar de a *fan page* promover a reabilitação auditiva, há uma afirmação de que o implante coclear não deixará isento aquele que têm a deficiência auditiva, necessitando por tanto de legenda. A mesma traz um tom bastante enérgico à postagem, utilizando as expressões “perdi as contas” “passei vergonha”. A moderadora da *fan page* 1 enquanto usuária do implante coclear é sempre bem convincente em suas postagens, na qual garante que não consegue viver no silêncio promovido pela surdez, por isso se posiciona enquanto combatente da deficiência. Porém, a mesma defende os direitos desses surdos, inclusive a disponibilidade da legenda, mesmo se colocando enquanto reabilitada.

A ação realizada pela moderadora da *fan page* 1 pode ser sustentada como conceito de falha defendido pela ADD, pensamos isso porque, subentende-se que os aparelhos auditivos, os implantes cocleares (especialmente a defesa da moderadora) surgem enquanto objetos combatentes da surdez. No entanto, apesar de suas ações de inclusões (intervenções

científicas) os mesmo pertencem a um grupo excluído da sociedade (BAKHTIN, 2004).

A *fan page 2* (Figura 47) aborda o mesmo tema, no entanto, percebemos que de maneira bem diferenciada. Representada por uma surda bilateral, esta realiza uma postagem de uma página de jornal, na qual ela sai em destaque. A matéria discorre sobre a necessidade da legenda em filmes, de maneira que os surdos possam frequentar os espaços de forma inclusiva.



Figura 47 - Postagem 2 (Post - Exemplo 10). Fonte: Facebook

Na imagem, a moderadora aparece em três fotos, uma com as mãos sobre a boca, outra com as mãos tapando os ouvidos e a terceira cobrindo os olhos (Figura 47). Analisando as imagens fazemos uma analogia aos Estudos Surdos que percebem o sujeito surdo em sua dimensão visual motora (QUADROS, 2006; PERLIN, 2003). A moderadora, tendo em vista essa configuração, representa através das imagens a forma como o surdo se sente ao ser excluído do ambiente de lazer, nesse caso cinema. A falta da legenda concebe a negação dessa dimensão, de maneira que o surdo sente-se sem “sem voz”, “sem som” e “sem visão”. Ou seja, enquanto surda, ela afirma que desconsiderar tal dimensão permite que os surdos se mantenham afastados de uma sociedade inclusiva.

A *fan page 3*, acerca do mesmo tema, traz um ponto diferenciado, a lei 9.504/97 (Figura 48). Enquanto instituição representante da Cultura Surda, a

mesma promove uma postagem que traz um artigo que aborda o tema acessibilidade e direitos surdos. O texto traz o direito reservado ao surdo, através da lei 9.504/97, por legenda ou janela de intérprete de libras nas propagandas eleitorais, sendo essas visivelmente acessíveis para os eleitores.



Figura 48 - Postagem 3 (Post - Exemplo 10). Fonte: Facebook

Outra ação que corresponde à postura institucional é feita pela fan page 3, conforme vemos na Figura 49.



Figura 49 - Postagem 4 (Post - Exemplo 10). Fonte: Facebook

Como vemos na imagem, é feita uma campanha que visa à inclusão de surdos na sociedade, porém, pessoas famosas no meio artístico estrelam a publicidade. De início percebemos uma intencionalidade argumentativa que se constitui de acordo com o falante, nesse caso, de uma instituição reconhecida nacionalmente (BAKHTIN, 1994). Dessa forma, há uma intenção de convencimento, a partir do uso dessas imagens, de maneira que essa

informação atinja diversas pessoas que passem a contribuir de forma inclusiva para com os surdos.

Percebemos que o mesmo tema é abordado de maneira diferenciada pelas três *fan pages*, e isso mostra a diversidade presente na surdez, de forma que não podemos enxergá-las enquanto um grupo homogêneo. Isso esclarece que a ideia de mostrar a surdez enquanto grupo unificado é falha e não condiz com a realidade. Dentro do universo da surdez, existem particularidades de grupos e, mais ainda, singularidades entre os sujeitos.

Ainda sobre o tema, o grupo 1 traz uma postagem que mostra a importância da legenda para inclusão dos surdos.



Figura 50 - Postagem 5 (Post - Exemplo 10). *Fonte: Facebook*

Conforme vemos, na Figura 50, a administração do grupo 1 tenta se manter neutro no que se refere à ação de postagem, sem sucesso, pois seu silenciamento reafirma sua aposta monológica. Assim como a maioria das suas publicações, essa também não possui um texto introdutório ou de apresentação do que vem a ser a postagem. Ousamos dizer que fica a cargo do anexo da publicação emitir a mensagem de efeito que o grupo quer destacar, porém esse “silenciamento” do moderador também diz respeito a uma ação polifônica (BAKHTIN, 1994). Mesmos em postura silenciosa ou neutra há, nessa publicação, vozes discursivas, isso por dois motivos: primeiro porque, uma vez que a escolha por manter-se em silêncio assim foi feita com base em determinada decisão, inclusive arriscamos dizer que essa postura é comum em quem quer se manter distante de polêmicas. Segundo porque a escolha do anexo diz muito sobre o moderador e visão ideológica, afinal a seleção deste foi realizada baseando-se em um contexto situacional (BAKHTIN, 1994).

Assim como a *fan page* 3, o grupo 2 se munuiu de questões legislativas para tratar o tema.



Figura 51 - Postagem 6 (Post - Exemplo 10). *Fonte: Facebook*

Eles trazem uma resolução do CONADE (Conselho Nacional da Pessoa com Deficiência) acerca da acessibilidade nos processo eleitoral. Bem como na postagem da Figura 48, essa publicação fala da lei 9.04/97 e a obrigatoriedade da janela de libras e da legenda nas propagandas políticas. Esse grupo, em grande parte das postagens, se mostra bastante provido de conhecimento intelectual sobre os temas discutidos.

Destacamos nessa análise que, apesar de posicionamentos divergentes, há ocasiões e pautas que convergem em todos os grupos. Mesmo levantando diferentes bandeiras a busca pela inclusão dos surdos é vista em todas as comunidades. Essas ações de identidades distintas em prol de uma ação coletiva desmontam a ideia de centralidade cultural, isso porque percebemos nessas postagens que é possível convergir ideias mesmo estando em diferentes grupos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As lutas estão postas; os olhares, apurados. Que novas vozes sejam ouvidas, novos gestos compreendidos, para que um novo cenário seja – por todos – visto.
(Nakagawa)

Em princípio destacamos que o processo criativo da escrita, envolve um trabalho de pesquisa e é bastante longo envolvendo os diversos fatores, tanto de cunho científico quanto questões pessoais do pesquisador e dos colaboradores. Acreditamos que esse caráter sensível transforma a pesquisa qualitativa numa ação transdisciplinar. Essa certeza advém da possibilidade de introduzir, no processo científico, uma carga psicológica, emocional, ideológica e social que permeia toda a estrutura base do que se escreve. Esse entrelaçamento de forças que se unem na escrita da pesquisa toma uma forma transdisciplinar que enriquece nosso trabalho e o torna um material essencialmente humano.

Essa afirmação, por si só, atinge um objetivo que não fez partes do *corpus* material, mas, que pairou ao longo de todo percurso dessa pesquisa: desprender-se de amarras preconceituosas e dos estigmas, munindo-se de sensibilidade ao escrever sobre surdos. Sim, é possível tratar de temas inclusivos, tomando como protagonistas aqueles que vivem a deficiência no seu dia a dia. Essa pesquisa consegue apresentar a interação presente nas relações sociais e nas ações geradoras de práticas de maneira conectiva, ou seja, é possível enxergamos o ciclo das ações de se ligam e se completam. Não sendo possível perceber onde se inicia a ação e onde esta termina, pois há uma conexão dialógica entre os sujeitos que movimenta todas as práticas sociais.

No que diz respeito aos objetivos científicos desse trabalho, pensamos que todo planejamento de uma pesquisa qualitativa é passível de mudanças, de maneira que essas transformações contribuem positivamente para os resultados. No entanto, alcançamos nosso objetivo principal que correspondia a investigar as práticas sociais de surdos e daqueles que carregam as vozes sociais dos surdos, no ambiente virtual da internet, especificamente em redes sociais. Por conseguinte, defendemos que não esgotamos todas as

possibilidades de pesquisa, no que concerne à participação social de surdos na internet, o que nos permite dizer que serão necessárias pesquisas futuras que retomem tais estudos e os dê continuidade.

No processo da análise foi possível entender que as “vozes surdas” se organizam de maneiras distintas, em comunidades virtuais da internet, considerando as identidades que permeiam entre os usuários da rede. Ousamos afirmar que, diante das análises, concluímos que não se pode considerar uma Identidade Surda, mas Identidades Surdas. O termo no plural se dá pela diversidade no que tange às práticas sociais dos grupos, especialmente, a distorção no panorama legal de cada um. Se focalizarmos unicamente para as pessoas surdas, podemos perceber que dentre os grupos há, tais quais caracterizadas por Castells (2003), como: as identidades legitimadoras, as de projeto e de resistência. Isso mostra que mesmo com a marca da deficiência auditiva, os surdos se constituem enquanto sociedade de maneira distinta, de forma que os jogos de poder se manifestam construindo e dividindo grupo identitários.

Investigar as regularidades discursivas sociais nos mostrou que a visão sócioantropológica constituída do sujeito surdo vislumbra um indivíduo universal, usuário de línguas de sinais. Analisando os diferentes grupos e o jogo de vozes, percebemos que apesar da existência de uma luta social pela inclusão de surdos, há diferentes pontos de vista no que concerne ao reconhecimento das identidades de pessoas surdas. Destacamos que há grupos que não se reconhecem como usuários de língua de sinais, bem como defendem o uso de aparelhos auditivos e implantes cocleares, o que não os descaracteriza enquanto surdos e, menos ainda, não desengrandece sua luta social e suas práticas, porém, as modifica.

É a partir dessa modificação que surgem as diferentes vozes sociais que permeiam a surdez, pois a luta maior permanece sendo a inclusão, no entanto os grupos se distinguem entre si, o que gera tensões entre as vozes. Analisar as relações dialógicas nos discursos de surdos e daqueles que carregam as vozes sociais dos surdos, a partir das tensões entre as vozes, nos mostra que os discursos irão se manifestar de acordo com ideologia, história e contextos, ou

seja, o lugar único na existência (BAKHTIN, 1994) . Temos então, uma rede de fatores que constitui o sujeito surdo considerando um todo que abarca os tempos filogenéticos, ontogenéticos, sociogenéticos e microgenéticos (VIGOTSKI, 1998). Dessa forma, percebemos que não é possível mencionar uma identidade surda, tendo em vista esse arsenal de heterogeneidade que compõe a sociedade.

Um ponto a ser destacado diz que a tensão entre as vozes esclarece que a língua de sinais é um dos principais marcadores culturais dos surdos, todavia, percebemos que não se trata de um mediador cultural de todos os surdos. Alguns surdos têm como marcador cultural o uso do aparelho auditivo ou, até mesmo, a realização do implante coclear, ou seja, cada sujeito ou grupo elege como marcador cultural o que lhe convém – coletivo e intersubjetivo - enquanto mediador sociocultural.

Há outros dois pontos que achamos pertinente ressaltar nessas considerações: o processo dialógico e a inteligência coletiva e sua relação com a educação. A partir do processo dialógico observamos que algumas regularidades das práticas sociais na internet em alguns momentos potencializam, em outros, limitam ou enfraquecem o jogo de vozes que lutam socialmente pela inclusão e reconhecimento de identidades surdas. Compreendemos que a ideia de apropriação cultural, por parte dos surdos bilaterais, em relação aos surdos unilaterais é uma regularidade que limita a luta por inclusão. O conflito entre esses grupos enfraquece a causa maior, dando margem a uma disputa dispensável.

A polarização criada em torno dos grupos surdos repete a situação vivida por eles mesmos na sociedade majoritariamente ouvinte. A ideia de que se deve escolher em qual grupo o surdo está inserido cria uma atmosfera dicotômica que fragiliza o processo de reconhecimento, especialmente, o princípio de alteridade destacado por Perlin (2003). Em contrapartida, há momentos de interação entre os grupos, de maneira congruente ou divergente, que contribui para o processo interacional.

Entre outras palavras, a partir da análise, observamos que a interação entre os sujeitos é o cenário de manifestação do processo dialógico. As tensões entre

as vozes exalam a existência de dialogismo e polifonia, corroborando a visão de que os discursos são impregnados de historicidade e valores ideológicos.

Sobre o tema educação percebemos seu papel em dois momentos fundantes das análises. Primeiro vale frisar que as práticas sociais na internet possibilitam os processos de aprendizagem e desenvolvimento, uma vez que percebemos ao longo da análise, uma busca pela inteligência coletiva. As práticas em rede esclarecem que a educação faz parte e está presente em situações não formais, de maneira que, o processo de aprendizagem se dá através das interações entre os sujeitos sociais (VALSINER, 1994). Em segundo momento, observamos o tema educação através dos movimentos sociais. A luta, no espaço não formal, pela educação inclusiva também envolve interações e co-construção entre sujeitos, as práticas sociais. E é inegável que as novas tecnologias, em especial, o ambiente das redes sociais estão se tornando um espaço não-formal de construção da educação.

Quando iniciamos essa dissertação, tínhamos como proposta geral analisar as práticas e as vozes sociais e, diante da complexidade e liquidez do tema, vemos que essa pesquisa é apenas mais uma contribuição para os Estudos da Educação e linguagem, bem como para os Estudos Surdos e Culturais. Configura-se, desta maneira, o caráter sociopolítico desse trabalho, a fim de instigar e motivar as futuras pesquisas nesse campo de, sendo coerente as inquietações levantadas ao longo desse texto.

REFERÊNCIAS

- ALVARENHA, P. et al. **Questões éticas da pesquisa em psicologia do desenvolvimento**. Psicologia, Ciência e Profissão. Brasília, 2012.
- ARCOVERDE, R.D. **Tecnologias digitais: novo espaço interativo na produção escrita dos surdos**. In: Cadernos CEDES, 69, Educação, surdez e inclusão social. 1ª Edição, maio/ago. 2006, p. 251-271
- BAKHTIN. M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. SP: Hucitec, 2004.
- BAKHTIN. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- BAQUETA, J. J.; BOSCARIOLI, C. **Uma Discussão Sobre o Papel das Tecnologias no Ensino Aprendizagem de Alunos Surdos** . II ENINED. Cascavel, 2011.
- BARROS, D. L. **Dialogismo, Polifonia e Enunciação**. Em BARROS, D. L.; FIORIN, J. L. (Orgs.). Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade. 2ª ed. 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003. p. 1-9.
- BENVENISTE, E. **Estrutura das relações de pessoa no verbo**. In: Problemas de Lingüística Geral I. 3 ed. São Paulo, 1991.
- BITTENCOURT, Z. Z. et al. **Surdez, redes sociais e proteção social**. Ciênc. Saúde coletiva, vol.16. Rio de Janeiro, 2011.
- BOURDIE, P. **O poder simbólico**. Difel. Lisboa, 1989.
- BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos chave**. Contexto. São Paulo, 2005.
- BRANDÃO, H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2ª ed. Editora Unicamp: Campinas, 2004.
- CASTELLS, M. CARDOSO, G. **A sociedade em rede: do conhecimento a ação política**. Conferência. Belém (Por): Imprensa Nacional, 2005.
- CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Paz e Terra. São Paulo, 1999.
- CASTELLS, M. **A galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2003.
- CHAVEIRO, N.; BARBOSA, M.A. **A surdez, o surdo e seu discurso**. Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 06, n. 02, p.166-171, 2004.
- COUTINHO, C. N. **Gramsci: Um estudo sobre seu pensamento político**. Nova edição ampliada. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- DIONÍSIO, Ângela P. **Gêneros multimodais e multiletramento**. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.) Gêneros textuais: reflexões e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. p. 131-144.
- ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, N. **Sobre os seres humanos e suas emoções**. In: GEBARA, A.; WOUTERS, C. (orgs.) O Controle das Emoções. João Pessoa: UFPB, 2009, pp. 19-45.

ELIAS, N. **O processo civilizador**. Vol. I: Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FAGUNDES, L. C. **Em busca de novos recursos para ajudar o desenvolvimento cognitivo de crianças surdas: uso do computador e comunicação a distância**. Em: BONILLA, M. L.; PRETTO, N. L. (org) Movimentos colaborativos, tecnologias digitais e educação. Brasília, 1993.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. Curitiba: Edições Criar, 2003.

FERNANDES, S. **Avaliação em língua portuguesa para alunos surdos: algumas considerações**. SEED/SUED/DEE, Curitiba, 2006.

FESTA, P. S. **Youtube e surdez: análise de discursos de surdos no ambiente virtual**. Revista Puc-sp. São Paulo, 2013.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, Ad. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GARCÉZ, R. L. **Entre o silêncio e a visibilidade: O Orkut como espaço de luta por reconhecimento do movimento social dos surdos**. Salvador, 2006.

GATTO, C. TOCHETTO, T. **Deficiência auditiva infantil: implicações e soluções**. Rev. CEFAC. vol.9 no.1 São Paulo, 2007.

GERALDI, J. W. **Da redação à produção de textos**. In: GERALDI, J. W.; CITELLI, B. (Coord.). Aprender e ensinar com textos de alunos. São Paulo: Cortez, 1997.

GODINHO, R. et al. **Perda auditiva genética**. Rev Bras Otorrinolaringol. São Paulo, v.69, n.1, 2003

GUEDES, A. L.; BONA, C.; LOPES, M. R. **Inclusão digital de surdos: contando uma nova história**. Periódicos Unifra. Santa Maria, 2005.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HILZENSAUER, M. Information technology for deaf people. CSLDC. University of Klagenfurt, Austria, 2006.

HINE, C. **Virtual methods: issues in social research on the internet**. New York: Berg Publisher, 2005.

KOBER, D. C.; BASBAUM, S. R. **O recurso tecnológico no processo de letramento de alunos surdos, numa perspectiva educacional bilíngue**. Acadêmico, 2009.

KOCH, I. V.; ELIAS V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo:

Contexto, 2006.

KOCH, I. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOZINETS, R.V. **The field behind the screen**: using netnography for marketing research in online communities. *Journal of Marketing Research* vol. XXXIX Evanston, 2002.

KRAMER, S. **Autoria e autorização**: questões éticas na pesquisa com crianças. *Cardernos de pesquisa*, n 116. Pag. 41-59. Rio de Janeiro, 2002.

LARRAÍN, A. Y MEDINA, L. **Análisis de la enunciación**: distinciones operativas para un análisis dialógico del discurso. *Estudios de Psicología*, vol.23, n.3, 283-301. Santiago, 2007.

LAVE, J. WENGER, E. **Prática, pessoa, mundo social**. Em DANIELS, H. (org) *Uma introdução a Vygotsky*. Edições Loyola. São Paulo, 2002.

LEVY, P. **Cibercultura**. Editora 34. São Paulo, 1999;

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Trad. S. Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MAINGUENEAU, D. **Doze conceitos em análise do discurso**. Editora Parábola. São Paulo, 2010.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Cortez Editora. 6ª ed. São Paulo, 2013.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Trad. S. Possenti. Editora Parábola. 1ª ed. São Paulo, 2015.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: o que são e como se constituem**. Editora UFPE. Recife, 2000.

MEDINA, L. **El Análisis Dialógico del Discurso**: analizar el discurso sin olvidar el discurso. En Canales, M. (Coord.). *Escucha de la escucha. Análisis e interpretación en la investigación cualitativa* (pp. 295-317). Santiago: Universidad de Chile. (2013).

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONDARTO, S. P. **Redes temáticas na web e biossociabilidade online**. *Revista Eletrônica PUCRS* - n 3. Porto Alegre, 2010.

MORATO, E. M. **Linguagem e cognição**: as reflexões de L. S. Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem. 2ª ed. Editora Plexus. São Paulo, 2002.

OHENE-DJAN, J. **Mak-Messenger and Finger-Chat, communications technologies to assist in teaching of signed languages to the deaf and hearing**. IEEE. Finland, 2004.

ORLANDI, E. P. **A análise de discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil.** In: Seminário de Estudos em Análise de Discurso, 1, 2003, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: UFRGS, nov. 2003, p. 10-13. 1 CD-ROM.

PACCAGNELLA, L. **Getting the Seats of Your Pants Dirty:** Strategies for Ethnographic Research on Virtual Communities. Journal of Computer-Mediated Communications. Milan, 1997.

PERLIN, G. **Surdos:** o narrar e a política. Florianópolis- SC. Revista Ponto de Vista, nº 05, 2003.

PERLIN, G.; STROBEL, K. **História cultural dos surdos:** desafio contemporâneo. Em Revista Educar, núm. 2, pp. 17-31 UFPR, Curitiba, 2014.

PERLIN, G.T. **O ser e o estar sendo surdos:** alteridade, diferença e identidade. Tese de doutorado. UFRGS, Porto Alegre, 2003.

POLIVANOV, B. **Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia?** Implicações dos conceitos. Portal Revistas – UCB, n. 03, 2013.

POWER, D. **Models of Deafness: Cochlear Implants in the Australian Daily Press.** Deaf Stud Deaf Educ. United Kingdom, 2005.

PROENÇA, W. de L. **O Método da Observação Participante:** Contribuições e aplicabilidade para pesquisas no campo religioso brasileiro. Revista aulas, nº 4, 2007. São Paulo: Unicamp. ISSN 19811225

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos:** aquisição da linguagem. Artes Médicas. Porto Alegre, 1997.

QUADROS, R. M. de. **Ideais para ensinar português para alunos surdos.** Brasília: MEC, SEESP, 2006. 120p.

QUADROS, R. M. de. **Avaliação da língua de sinais em crianças surdas na escola.** Letras de hoje, v.39, nº 03, 2004.

RAMOS, F. **A comunidade surda e o facebook.** Revista ampliar. Porto Alegre, 2014.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet.** Editora Salina. Porto Alegre, 2009.

RHEINGOLD, H. **A comunidade virtual.** Lisboa: Gradiva, 1996.

ROGOFF, B. **A natureza cultural do desenvolvimento humano.** Porto Alegre: ArtMed, 2005.

RUSSO, I. C.P. et al. **Encaminhamentos sobre a classificação do grau de perda auditiva em nossa realidade.** Rev. soc. bras. fonoaudiol. São Paulo, v.14 n.2., 2009.

SACKS, O. **Vendos Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências.** 16. ed. Porto: B. Sousa Santos

e Edições Afrontamento, 2010.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. De Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.

SCHALLENBERGER, A. **Ciberhumor nas comunidades surdas**. Dissertação de Mestrado, UFRGS. Porto Alegre, 2010.

SCHIMIDT, M. L. **Aspectos éticos nas pesquisas qualitativas**. Em: GUERRIERO, I. C.; SCHIMIDT, M. L.; ZICKER, F. *Ética na pesquisa em ciências humanas e sociais na saúde*. Editora Hucitec. Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, I. M. M. **O Cronotopo na obra Espaço Terrestre: o diálogo tempo-espaço como princípio organizador da narrativa**. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura), UFPE, PPGLETRAS, Recife, 1997. Disponível em: <http://ppgletras.com.br/letrasdigitais/LD-lvanda%20Maria%20Martins%20Silva.pdf>

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. Unidade 2 – **A pesquisa científica**. Em GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). *Métodos de Pesquisa* (p. 31-42). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SKLIAR, C. B. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Editora Mediação. Porto Alegre. 1998.

SOUZA, E. C. **Práticas sociais, cultura e inovação: três conceitos associados**. Belo Horizonte – MG. R. Adm. FACES, 2011.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1997.

VALSINER, J. **Bidirectional cultural transmission and constructive sociogenesis**. Em W. de GRAAF & R. MAIER (Orgs.), *Sociogenesis reexamined*. New York, 1994.

VEIGA-NETO, A.; LOPES, M. C. **Inclusão como dominação do outro pelo mesmo**. Revista Unicamp. Campinas, 2006.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VIGOTSKI, L. S. **Manuscrito de 1929**. Educação & Sociedade, tradução 2000.

WARSCHAUER, M. **Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate**. Editora Senac. São Paulo, 2006.

WOODWARD, K. **Uma introdução teórica e conceitual**. Em: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

APÊNDICE

(Apêndice A)

Roteiro de entrevista semiestruturada com administradores das comunidades virtuais

Nome:

Idade:

Sexo: F () M ()

Escolaridade:

Surdo () Ouvinte ()

Questões Semiestruturadas:

- 1) Como você define a participação dos surdos nas redes sociais da internet?
- 2) Quais os pontos positivos e negativos apresentados pelo uso da internet na causa surda?
- 3) Quais os principais desafios enfrentados pela comunidade surda?
- 4) Qual a importância da ferramenta “rede social virtual” para a luta da comunidade surda?

(Apêndice B)

Questionário online para membros dos grupos

Nome:

Idade: ()

Surdo () Se sim, qual o tipo e grau de surdez? ()

Ouvinte ()

Sexo: F () M ()

Escolaridade: Ensino fundamental () Ensino médio () Graduação
() Pós-graduação () Outro ()

Por que participa de comunidade sobre a temática surdez? Qual o seu interesse?

(Apêndice C)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
PARTICIPANTES DA PESQUISA

Pesquisa: Internet e práticas sociais: identidades e “vozes surdas” em comunidades virtuais.

Responsável: Wandegreice Santana Cordeiro (contato: 99976-2452 / greicescordeiro@gmail.com)

Instituição: Universidade Federal Rural de Pernambuco – Fundação Joaquim Nabuco

Apresentação e procedimentos:

Esta pesquisa pretende observar os aspectos interacionais que influenciam as práticas sociais de pessoas surdas imersas ambientes virtuais, especificamente em redes sociais na internet. Nossos objetivos são:

Objetivo Geral

Investigar as práticas sociais de surdos e daqueles que carregam as vozes sociais dos surdos, no ambiente virtual da internet, especificamente em redes sociais.

Objetivos Específicos

- Compreender como se organizam os jogos das “vozes surdas” nas práticas sociais em comunidades virtuais da internet, especificamente em grupos no qual a temática refere-se à surdez;
- Analisar as relações dialógicas nos discursos de surdos e daqueles que carregam as vozes sociais dos surdos, a partir das tensões entre as vozes;
- Investigar regularidades discursivas sociais podem potencializar ou limitar o jogo de vozes que lutam socialmente pela inclusão e reconhecimento das identidades de pessoas surdas

Trata-se de uma pesquisa participante, em que a pesquisadora estará imersa em uma rede social na internet, em interações constantes com outros usuários, a fim de construir os dados por meio de observações, questionários *on line* e análises dos discursos em postagens e comentários, em alguns grupos e comunidades virtuais do facebook.

Riscos e benefícios:

Este estudo se faz necessário pela emergência de pesquisas na área da surdez, especificamente no que se refere a temática identidade. Sse justifica pela motivação em conhecer e interpretar a realidade virtual vivida pelos surdos, sendo essa realidade variada e passível de observação a partir de teorias psicológicas

e sociais. Também se justifica por ter como dados primordiais as ideias e palavras como vozes sociais de participantes surdos em interação, com outros sujeitos, em redes sociais, temática que carece de mais pesquisas.

O benefício esperado com esta pesquisa é que os resultados possam fornecer informações importantes para a comunidade surda acerca da participação e das realizações de práticas sociais no ambiente virtual. Especialmente obter conclusões sobre a possível potencialização ou limitação na construção dos discursos surdos que lutam socialmente pelo reconhecimento da identidade surda.

Não há relato algum na literatura, até o momento, de quaisquer riscos de ordem física ou psicológica com a participação em pesquisas desse tipo.

Compromissos:

A pesquisadora se compromete a estar sempre disponível para esclarecer dúvidas sobre os procedimentos da pesquisa.

Os dados obtidos nas postagens e comentários, assim como em entrevistas e questionários, serão utilizados para fins exclusivos de pesquisa, servindo apenas para ilustrar aspectos importantes acerca do tema. As capturas das telas geradas a partir das imagens de comentários e postagens também poderão ser utilizadas de modo similar, em publicações de pesquisas. Os participantes da pesquisa não serão identificados pelo nome, exceto na medida em que este seja apontado nos comentários e postagens.

A participação na pesquisa não implicará absolutamente nenhum custo, nem recompensa financeira para os participantes.

Consentimento:

Tratando-se de uma pesquisa eminentemente virtual, ao aceitar participar, através deste termo de consentimento estou, automaticamente, autorizando a minha participação na pesquisa.

Fui devidamente apresentado (a) às informações acima e, após lê-las e compreendê-las, decidi que:

() Aceito participar da pesquisa () Não aceito participar da pesquisa

AGRADECEMOS MUITO POR SUA COLABORAÇÃO!